

Textos Propostos para os Educandos

Área Sujeito, Natureza & Desenvolvimento

1. Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto
2. Canción com Todos, de A. Tejada Gómez e C. Sella
3. Todo Cambia, de Julio Numhauser
4. Sujeito: Que Cara é Esse?, de Jorge Luís G. Cammarano
5. Poeira das Estrelas, de Marcelo Gleiser
6. O declínio da comida regional, de Mara Figueira
7. O que é o homem, de Antonio Gramsci
8. Poema: O cântico da terra – Hino do lavrador, de Cora Coralina
9. Acerca do Real, de Marilena Chauí
10. Historia de Lugares, de Paulo César da Fonseca Neves
11. Os sentidos da Cidade, de Dirce Maria Martinello
12. A descoberta da febre puerperal por Semmelweis, Cipriano Carlos Kuckesí e Elizete Silva Passos
13. Texto para reflexões: Natureza, Desenvolvimento e Relações Sociais – Um debate histórico (Marx e A. Cândido)
14. Cotidiano, de Chico Buarque
15. Charge: Quino

Área Conhecimento & Tecnologia

1. O trabalho e a produção da humanidade, de Ismael Venâncio de Melo
2. Tempo: Rapidez ou Lentidão, de Rodrigo Gurgel
3. Pela Internet, de Gilberto Gil
4. Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto
5. O senso comum e a ciência, de Rubem Alves
6. No princípio do fim, de Mário Quintana
7. O Poder das Palavras, de César Benjamin
8. A ideologia, de Marilena Chauí
9. Parte inicial do Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels
10. Canastitas em serie, de B. Traven
11. Casos de LER
12. Qualificação e Requalificação Profissional: a serviço de quem? de Maristela M. Bárbara
13. As transformações no mundo do Trabalho e Desemprego, de Nivaldo Moretto
14. Os pescadores e a modernização, de Simone C. Maldonado
15. Uma breve história do computador, de Hanen Sarkis Kanaan

Área Comunicação, Cultura & Sociedade

1. Imagem: Dia a dia no hotel
2. Música: Paratodos, de Chico Buarque
3. Dificuldades para a busca da verdade, de Marilena Chauí
4. Quadrinhos e charge: Qualificação Profissional, de Maringoni
5. Cultura, Natureza e Ação Humana, de João dos Reis da Silva Jr.
6. Charge Analfabeto
7. Textos para reflexão: Comunicação, Cultura e Sociedade
8. Eu, etiqueta, de Carlos Drummond de Andrade
9. Bem no fundo, de Paulo Leminski
10. Natureza e Cultura, de Marilena Chauí
11. Cultura, de Darcy Ribeiro
12. Evolução dos Meios de Comunicação, de Adriano Larentes da Silva
13. Tecnologia: uma criação humana, de Luís Gabriel Angenot

Área Gestão & Alternativas de Trabalho e Renda

1. A crise Ecológica: a necessidade de restabelecer os vínculos com a natureza
2. Os princípios da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), de Diva B. Pinho
3. Homem Comum, de Ferreira Gullar
4. Participação e Marginalização, de Juan E. Diaz Bordenave
5. A conselheira do príncipe, de Demétrio Magnoli
6. Terceiro setor no Brasil: que tipo de associativismo é esse?, de Maria da Glória Gohn
7. Cantares, de Antônio Machado
8. A bomba suja, de Ferreira Gullar
9. Parasitas, de Neno Vasco
10. Rosa de Hiroshima, de Vinícius de Moraes
11. Os mercados podem ser democráticos?, de Leandro Cisneros
12. A produção da (sub) existência nas cidades modernas, de Paulo César da Fonseca Neves

Morte e Vida Severina

João Cabral de Melo Neto

O retirante explica ao leitor quem é e a que vai

O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino da Maria;
 Como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.
 Mas isso ainda diz pouco:
 há muitos na freguesia,
 por causa de um coronel
 que se chamou Zacarias
 e que foi o mais antigo
 senhor desta sesmaria.
 Como então dizer quem fala
 ora a Vossas Senhorias ?
 Vejamos: é o Severino
 da Maria do Zacarias,
 lá da serra da Costela,
 limites da Paraíba.
 Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 com nome de Severino
 filhos de tantas Marias
 mulheres de outros tantos,
 já finados, Zacarias,
 vivendo na mesma serra
 magra e ossuda em que eu vivia.
 Somos muitos Severinos
 iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande
 que a custo é que se equilibra,
 no mesmo ventre crescido
 sobre as mesmas pernas finas,
 e iguais também porque o sangue
 que usamos tem pouca tinta.
 E se somos Severinos
 iguais em tudo na vida,
 morremos de morte igual,
 mesma morte severina:
 que é a morte de que se morre
 de velhice antes dos trinta,
 de emboscada antes dos vinte,
 de fome um pouco por dia
 (de fraqueza e de doença
 é que a morte severina
 ataca em qualquer idade,
 e até gente não nascida).
 Somos muitos Severinos
 iguais em tudo e na sina:
 a de abrandar estas pedras
 suando-se muito em cima,
 a de tentar despertar
 terra sempre mais extinta,
 a de querer arrancar
 algum roçado da cinza.
 Mas, para que me conheçam
 melhor Vossas Senhorias
 e melhor possam seguir
 a história de minha vida,
 passo a ser o Severino
 que em vossa presença emigra.

Canción con Todos

A. Tejada Gómez – C. Sella

Salgo a caminar
por la cintura cósmica del Sur.
eso en la región
más vegetal del viento y de la luz;
siento al caminar
toda la piel de América en mi piel
y anda en mi sangre un río
que libera en mi voz su caudal.

Sol de Alto Perú,
rostro Bolívia, estaño y soledad;
un verde Brasil
besa a mi Chile cobre y mineral,
subo desde el sur
hacia la entraña América y total,
pura raíz de un grito
destinado a crecer y estallar.

Todas las vocês, todas;
todas las manos, todas;
toda la sangre puede
ser canción en el viento.
Canta conmigo, canta,
hermano americano,
libera tu esperanza
con un grito en la voz.

Todo cambia

(Julio Numhauser)

Cambia lo superficial,
cambia también lo profundo,
cambia el modo de pensar,
cambia todo en este mundo.

Cambia el clima con los años,
cambia el pasto y su rebaño
y así como todo cambia,
que yo cambie no es extraño.

Cambia el más fino brillante,
de mano en mano su brillo,
cambia el nido el pajarillo,
cambia el sentir un amante.

Cambia el rumbo el caminante,
aunque esto le cause daño,
y así como todo cambia,
que yo cambie no es extraño.

Cambia, todo cambia (4x)

Cambia el sol en su carrera,
cuando la noche subsiste,
cambia la planta y se viste
de verde la primavera.

Cambia el pelaje la fiera,
cambia el cabello el anciano,
y así como todo cambia,
que yo cambie no es extraño.

Pero no cambia mi amor,
por más lejos que me encuentre,
ni el recuerdo, ni el dolor
de mi pueblo y de mi gente.

Lo que cambió ayer
tendrá que cambiar mañana,
así como cambio yo
en estas tierras lejanas.

Sujeito: Que Cara é Esse?

Jorge Luís G. Cammarano

O termo sujeito pode ter diferentes significados dependendo do contexto em que está inserido. Citamos alguns exemplos: 1) no estudo da gramática, convencionou-se identificar o sujeito para a análise sintática de um texto; 2) quando nos referimos às pessoas em geral, por vezes utilizamos a palavra sujeito: aquele sujeito mora no bairro tal, etc. Em alguns casos, o termo sujeito pode ter um sentido pejorativo, marginalizando a pessoa a que se refere.

Tudo isso para lembrar que nós estamos preocupados, neste momento, em estudar, discutir e entender a relação entre sujeito, natureza e desenvolvimento. Assim, quando nosso problema é pensar nesta relação, uma das perguntas que podemos fazer é: como entender o significado de sujeito?

Em primeiro lugar, sujeito significa, de maneira geral, o homem. E o homem para viver precisa desenvolver (desenvolvimento) práticas que garantam sua sobrevivência, e não apenas a dele, individualmente, mas a de sua família, de seu grupo, de sua classe social. Os elementos necessários para garantir a sobrevivência de mulheres, homens, crianças, exigem um processo (trabalho) de transformação da Natureza.

É claro que quando citamos sujeitos, pessoas, indivíduos, como sendo cada um de nós, nos referimos à sociedade em que vivemos, e nesta temos os sujeitos que trabalham e os que vivem explorando o trabalho dos que trabalham. No fundo, estamos observando a existência de sujeitos que são diferentes sexualmente, racialmente, culturalmente, regionalmente, nacionalmente, etc. Sujeitos que têm características pessoais, próprias,

particulares (altura, peso, rosto, nome, pais, amigos, profissões, gostos, crenças,...). Mas, também, sujeitos que têm em comum: condições de vida, necessidades, interesses, sonhos, vontades que fazem cada um de nós (sujeito): seres sociais.

Pedro trabalha cortando cana, Maria é balconista, João é metalúrgico, Teresa é cobradora de ônibus; assim identificamos cada um desses sujeitos, pelo seu emprego. O que eles têm em comum: são trabalhadores. Vivem de seu salário, tentam sobreviver. Outros milhares de sujeitos, pessoas, não encontram emprego ou perderam o que tinham, são trabalhadores desempregados.

Todos nós estamos sujeitos a uma condição histórica. Vivemos numa relação social onde sofremos desigualdades, exploração, onde nos ensinam que o sujeito que estuda se dá bem na vida e que a vida depende de cada um de nós isoladamente.

E, aqui, apareceu outro significado para a palavra sujeito. Ser sujeito pode significar ser subordinado a uma relação, a uma condição que dificulta nosso desenvolvimento, nossa transformação em verdadeiros sujeitos: aqueles que a partir de sua prática, de seu trabalho, de suas ações buscam criar, transformar a vida, a natureza e desenvolver todas suas capacidades físicas, espirituais. Um desenvolvimento onde cada um de nós sendo sujeito de seu destino, tenha no bem-estar coletivo (de todos os sujeitos) a realização pessoal, em sua realização pessoal, a capacidade de viver sem desigualdades, sem formas de exploração, opressão, submissão.

Uma pergunta para continuar nossa caminhada: em que sujeito me transformei? Em que sujeito me transformaram? Em que sujeito me transformarei?

Texto n° _____

Página: ____ / ____

Poeira das estrelas

Marcelo Gleiser

Todas as noites, olhamos para o céu (ou se não o fazemos ao menos deveríamos) para confirmar que está tudo tranqüilo lá em cima, que as estrelas continuam brilhando pacatamente, que as Três Marias continuam sendo três e não duas ou quatro e que a Lua ainda não nos abandonou. Essa imagem de tranqüilidade, escuridão e sossego é um privilégio garantido pelas enormes distâncias cósmicas. A luz que vem da estrela mais próxima do Sol, a Alfa Centauri, demora mais de quatro anos para chegar até nós e isso viajando a uma velocidade de 300.000 km/s. Não é à toa que a maioria das culturas antigas via o céu noturno como um bastião de regularidade, especialmente se deixarmos de lado os impetuosos planetas e cometas.

Mas o céu não tem nada de pacato. Muito pelo contrário, se existe uma palavra que possa resumir a natureza física do

cosmo, ela tem de ser transformação. Na natureza, abreviando o dito do grande químico francês Lavoisier, tudo se transforma. E os grandes motores das transformações cósmicas – da criação e da destruição de mundos, da geração de elementos químicos que aparecem em planetas, sapos e pessoas – são as explosões que marcam o fim da vida das estrelas. Pode parecer estranho falar em vida das estrelas, como se elas fossem seres vivos, mas a verdade é que a analogia é muito apropriada. Estrelas também nascem, evoluem e morrem, e desse ciclo nascem outras estrelas e outros mundos. Podemos até imaginar que as estrelas são uma espécie de reciclador de material cósmico. A partir de hidrogênio e um pouco de hélio, elas geram praticamente todos os outros elementos do Universo. Em outras palavras, o ferro, o carbono, o ouro e o urânio que



encontramos aqui na Terra e em nossos corpos vieram da explosão de uma estrela em nossa vizinhança cósmica há 5 bilhões de anos. Quando uma estrela com massa superior a oito massas solares esgota o seu combustível nuclear, o seu fim é uma questão de pouco tempo. Em breve, ela será destruída por uma explosão de uma violência indescritível, liberando uma energia equivalente a 10 mil trilhões de trilhões de megatoneladas de TNT. (Ou, em notação mais compacta, 10²⁸ megatoneladas de TNT). Como comparação, uma bomba nuclear produz algumas megatoneladas de TNT. Uma supernova, como é chamada a estrela moribunda, pode brilhar mais intensamente do que toda uma galáxia contendo bilhões de estrelas.

A energia gerada no coração das estrelas vem da transmutação entre os elementos químicos que ocorre através da fusão nuclear. Durante a fase mais longa da vida da estrela, hidrogênio funde-se em hélio, tal como no Sol hoje, contrabalançando a contração gravitacional forçada continuamente por suas camadas mais externas. Eventualmente, o hidrogênio no coração da estrela se esgota, e hélio é fundido em carbono. A gravidade vai tentando comprimir a estrela ainda mais, e ela funde o que pode para resistir a sua própria implosão. A uma certa altura, o processo deixa de ser eficiente,

as camadas externas da estrela despenham sobre a sua rígida região central e são ricocheteadas para o espaço sideral com velocidades que chegam a 50.000 km/s. Com isso, todos os elementos químicos que estavam sendo “cozinhados” no interior da estrela são espalhados pela sua vizinhança, como sementes em um jardim. As supernovas irrigam o espaço à sua volta com os elementos químicos que darão origem a outros mundos. A cada segundo, uma supernova detona em alguma partedo Universo. Em nossa galáxia, temos de esperar de 30 a 50 anos para presenciar tal evento. Às vezes, uma explosão ocorre próxima o suficiente para ser observada a olho nu. Mas, nos últimos 2.000 anos, apenas seis foram registradas. A mais espetacular apareceu em 1054 na constelação do Touro. Segundo registros do Observatório Imperial de Pequim, na China, essa supernova foi visível durante o dia por três semanas e à noite por um ano, desaparecendo tão misteriosamente quanto apareceu. Certamente, para os astrônomos imperiais e os outros observadores celestes que presenciaram essas aparições, as estrelas novas deviam ser mensagens dos deuses. E para nós? Talvez a sua mensagem mais importante seja a profunda união de todas as coisas cósmicas: que nós, como tudo o mais no Universo, somos poeira das estrelas.

O declínio da comida regional

Maria Figueira

Alimentos industrializados, gorduras e refrigerantes estão ocupando o lugar de alimentos regionais na mesa do brasileiro – mudança que traz à população graves conseqüências, tais como deficiência de cálcio e ferro. Essa é a conclusão da pesquisa coordenada pela nutricionista Maria Antônia Galeazzi, do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Alimentação (Nepa) da Universidade de Campinas (Unicamp). Realizado entre 1996 e 1997, em Campinas, Curitiba, Goiânia, Ouro Preto e Rio de Janeiro, em 1998 em Belém e Brasília e, no ano 2000, em Cuiabá, o estudo serviu de base à elaboração de sugestões de cestas básicas para a região norte e centro-sul na tentativa de suprir as deficiências nutricionais detectadas na população.

“Conseguimos uma amostragem significativa do perfil da alimentação no Brasil”, afirma Galeazzi. Durante a pesquisa foram visitados cerca de 8 mil domicílios – aproximadamente 30 mil pessoas – para quantificar os alimentos consumidos pelas famílias e que podem causar desequilíbrio a longo prazo. Também foi avaliado se os indivíduos ingeriam a quantidade recomendada de calorias, proteínas, cálcio, fósforo, ferro, vitaminas A, B1 e B2.

“Observamos que o consumo nos grandes centros está refletindo o atual modelo de desenvolvimento econômico. As novas tecnologias e a globalização impõem o ritmo das refeições rápidas e contribuem para a homogeneização do que é consumido em diferentes locais do país”, explica a nutricionista.

No centro-sul, apenas 4% dos alimentos consumidos são característicos da região, enquanto que no norte, a porcentagem chega a 18%. “Assim como o pescado, a farinha de mandioca, rica em carboidrato, é muito consumida no norte,

mas não no sul”, constata Galeazzi. “As mudanças no consumo também acontecem ao norte do país, mas não há como negar que no centro-sul elas são mais rápidas.” Segundo a coordenadora, o consumo de açaí em Belém exemplifica a importância da alimentação regional. A fruta, rica em ferro, faz parte da dieta na cidade e responde por 40% a 50% da necessidade diária do mineral para todas as classes sociais. “Enquanto no sul a anemia é extremamente acentuada pela falta de alimentos enriquecidos com ferro, em Belém a incidência é menor e decorre principalmente de problemas de saneamento básico. Se não fosse o açaí, os índices seriam ainda maiores”, afirma Galeazzi. Dados da pesquisa mostram que 20% dos homens e 71% das mulheres de Goiânia não consomem a quantidade diária recomendada de ferro. No Rio de Janeiro, o consumo mineral é inferior ao indicado para 44% das mulheres e 11% dos homens.

Porém, Galeazzi ressalta que nem sempre o consumo de alimentos regionais significa uma dieta saudável. Em Goiânia, gorduras, banhas e carnes são alimentos mais presentes na dieta das famílias devido à concentração da pecuária na região; e, em Ouro Preto, é elevado o consumo de açúcar, em conseqüência da tradição local de produção de doces caseiros. “Não há como dizer que esses costumes são bons para a saúde”, comenta ela. O Objetivo da pesquisa desenvolvida por Galeazzi foi verificar o consumo de alimentos típicos da região e não de pratos regionais. Até porque, segundo a nutricionista, outros estudos mostram que comidas consideradas típicas de uma determinada região, como o vatapá na Bahia, e o pato no tucupi, na região norte, não constam no cardápio diário da população. “São refeições de fim de semana”, diz.

Baseada no fornecimento de calorias, proteínas, ferro, cálcio e vitamina A dos alimentos mais consumidos nas diferentes faixas de renda, a população propôs cestas básicas de alimentos para a cidade de Belém e também para o centro-sul. “A cesta básica existente hoje é limitada a alimentos não-perecíveis, que são selecionados de forma errada e não correspondem ao que é realmente consumido pelas famílias. Optamos pelos alimentos presentes na dieta familiar e que proporcionam cobertura de todos os nutrientes”, esclarece Galeazzi.

Além dos alimentos comuns dos municípios estudados, fazem parte da cesta básica de Belém itens regionais como açaí, maços de verdura e de tempero, farinha de mandioca, charque, peixe fresco, miúdos de frango e camarão salgado. “Eles são representativos não apenas do ponto de vista cultural mas também em relação a sua contribuição para o fornecimento de energia e nutrientes”, afirma Galeazzi.

A cesta básica para o centro-sul é composta por alimentos como massa de tomate, pão de forma, lingüiça e carne suína – produtos inexistentes na cesta de Belém. “Selecionamos os produtos da cesta para suprir as deficiências apontadas nesta região a respeito de micronutrientes como cálcio, ferro e vitamina B2, diz Galeazzi.

As modificações no cardápio do brasileiro atingem até mesmo o tradicional arroz com feijão, fonte de proteínas e fibras. A pesquisa mostra que houve uma queda de cerca de 25% no consumo de arroz e diminuição média de 28% no de feijão em relação a 1974, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou o Estudo Nacional sobre Despesa Familiar (Endef), considerado a melhor fonte de dados sobre consumo alimentar da população brasileira. Por outro lado, é crescente o consumo de alimentos industrializados. O de refrigerante em Campinas, por exemplo, aumentou 527% em relação a 1974. “O refrigerante faz parte de uma alimentação muito rica em carboidratos simples e pouca densidade

nutricional – o que está diretamente relacionado a ganho de peso e epidemia de obesidade.” diz também a nutricionista Semíramis Domene, que participou do estudo.

A mudança na dieta dos brasileiros reflete-se no consumo de micro e macronutrientes. Os resultados do estudo mostram, por exemplo, que o consumo de cálcio presentes em alimentos como os derivados do leite e nas folhas verdes, é absurdamente baixo. Em Curitiba, 55% das pessoas têm consumo inadequado de cálcio e, no Rio de Janeiro, a porcentagem chega a 66%. “O recomendado é de 800 a 1000 miligramas por dia para adultos.”, diz Domene. “A situação é preocupante porque a população brasileira está envelhecendo e já sofre com a osteoporose”, completa. Entre as vitaminas, a carência é maior em relação à vitamina A – sintetizada no organismo a partir de carotenóides, substância encontrada nos vegetais alaranjados ou amarelos. Em Goiânia, só as famílias com renda superior a 1,1 salário-mínimo per capita consomem a quantidade diária recomendada de nutrientes: 1300 miligramas. Em Campinas, são necessários 10 salários mínimos, enquanto que em Ouro Preto, aproximadamente três.

“O estudo que desenvolvemos mostra uma situação preocupante, em que há um decréscimo do consumo de cálcio e adota-se uma dieta cada vez mais rica em gordura” diz Domene. “Estudos e pesquisas americanas mostram que transformações no consumo como a que verificamos no Brasil, têm ocasionado problemas de deficiência de cálcio em jovens – fato que pode levar à osteoporose precoce. Ao mesmo tempo, a quantidade de crianças e adolescentes obesos tem aumentado com a alimentação inadequada, o que contribui para a incidência prematura de doenças cardiovasculares”, completa Galeazzi. A pesquisa propôs as cestas básicas da região norte e do centro-sul com a intenção de modificar o cenário atual. “Mas para isso é preciso que haja uma política agrícola e de abastecimento que dê acesso aos produtos da cesta básica”, conclui Galeazzi.

O que é o homem?

Antonio Gramsci

O que é o homem? É esta a primeira e principal pergunta da filosofia. Como respondê-la? A definição pode ser encontrada no próprio homem, isto é, em cada homem singular. Mas ela é exata? Em cada homem singular, pode-se encontrar o que é cada “homem singular”. Mas não nos interessa o que é cada homem singular, problema que significa, ademais, o que é cada homem singular em cada momento singular. Se observarmos bem, veremos que – ao colocarmos a pergunta “o que é o homem” – queremos dizer: o que é que o homem pode se tornar, isto é, se o homem pode controlar seu próprio destino, e se ele pode “se fazer”, se ele pode criar sua própria vida. Digamos, portanto, que o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos. Observando ainda melhor, a própria pergunta “o que é o homem” não é uma pergunta “objetiva”. Ela nasce do fato de termos refletido sobre nós mesmos e sobre os outros; e de querermos saber, de acordo com o que vimos e refletimos, aquilo que somos, aquilo que podemos ser, se realmente – e dentro de que limites – somos “criadores de nós mesmos”, da nossa vida, do nosso destino. E nós queremos saber isto “hoje”, nas condições de hoje, da vida “de hoje”, e não de uma vida qualquer e de um homem qualquer. (...)

(...) A afirmação de que a “natureza humana” é o “conjunto das relações sociais” é

a resposta mais satisfatória porque inclui a idéia do devenir: o homem “devém”, transforma-se continuamente com as transformações das relações sociais; e, também, porque nega o “homem em geral”: de fato, as relações sociais são expressas por diversos grupos de homens que se pressupõem uns aos outros, cuja unidade é dialética e não formal. O homem é aristocrático enquanto é servo da gleba, etc. Também é possível dizer que a natureza do homem é a “história” (e no sentido, entendida a história como igual ao espírito, de que a natureza do homem é o espírito), contanto que se dê à história o significado de devenir, em uma *concordia discors* que não parte da unidade, mas que tem em si as razões de uma unidade possível. Por isso, “a natureza humana” não pode ser encontrada em nenhum homem particular, mas em toda a história do gênero humano (e o fato de que se adote a palavra “gênero”, de caráter naturalista, tem o seu significado), enquanto em cada indivíduo se encontram características

postas em relevo pela contradição com as de outros homens. (...)

(...) A questão é sempre a mesma: o que é o homem? o que é a natureza humana? Se se define o homem como indivíduo, psicológica ou especulativamente, estes problemas do progresso e do devenir são insolúveis ou puramente verbais. Se se concebe o homem como o



conjunto das relações sociais, entretanto, revela-se que toda comparação no tempo entre homens é impossível, já que se trata de coisas diversas, se não mesmo heterogêneas. Por outro lado, dado que o homem é também o conjunto das suas condições de vida, pode-se medir quantitativamente a diferença entre o passado e o presente, já que é possível medir a proporção na qual o homem domina a natureza e o acaso. A possibilidade não é a realidade, mas é, também ela, uma realidade: que o homem possa ou não possa fazer determinada coisa, isto tem importância na valorização daquilo que realmente se faz. Possibilidade quer dizer “liberdade”. A medida da liberdade entra na definição de homem. Que existam as possibilidades objetivas de não se morrer de fome e que, mesmo assim, se morra de fome, é algo importante, ao que parece. Mas a existência das condições objetivas – ou possibilidade, ou liberdade – ainda não é suficiente: é necessário “conhecê-las” e saber utilizá-las. Querer utilizá-las. O homem, neste sentido, é vontade concreta: isto é, aplicação efetiva do querer abstrato ou do impulso vital aos meios concretos que realizam esta vontade. Cria-se a própria personalidade: 1) dando uma direção determinada e concreta (“racional”) ao próprio impulso vital ou vontade; 2) identificando os meios que tornam esta vontade concreta e determinada, e não arbitrária; 3) contribuindo para modificar o conjunto das condições concretas que realizam esta vontade, na medida de suas próprias forças e da maneira mais frutífera. O homem deve ser concebido como um bloco histórico de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos de massa – objetivos ou materiais – com os quais o indivíduo está em relação ativa. Transformar o

mundo exterior, as relações gerais, significa fortalecer a si mesmo, desenvolver a si mesmo. É uma ilusão e um erro supor que o “melhoramento” ético seja puramente individual. (...)

(...) Pela própria concepção do mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e de agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico do conformismo e do homem – massa do qual fazemos parte? Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as fases históricas passadas, grosseiramente localistas, e instituições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. Significa, portanto, criticar, também, a toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício no inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário. (...)

Texto n° _____

Página: ____ / ____

O cântico da Terra – Hino do lavrador

Cora Coralina

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranqüilo dormirás.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fatura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.

Acerca do real

Marilena Chaui

O real não é constituído por coisas. Nossa experiência direta e imediata da realidade nos leva a imaginar que o real é feito de coisas (sejam elas naturais ou humanas), isto é, de objetos físicos, psíquicos, culturais oferecidos à nossa percepção e às nossas vivências.

Assim, por exemplo, costumamos dizer que uma montanha é real porque é uma coisa. No entanto, o simples fato de que essa “coisa” possua um nome, que a chamemos “montanha”, indica que ela é, pelo menos, uma “coisa-para-nós”, isto é, algo que possui um sentido em nossa experiência.

Suponhamos que pertencemos a uma sociedade cuja religião é politeísta e cujos deuses são imaginados com formas e sentimentos humanos, embora superiores aos dos homens, e que nossa sociedade exprima essa superioridade divina fazendo com que os deuses sejam habitantes dos altos lugares. A montanha já não é uma coisa: é a morada dos deuses.

Suponhamos, agora, que somos uma empresa capitalista que pretende explorar minério de ferro e que descobrimos uma grande jazida numa montanha. Como empresários, compramos a montanha, que, portanto, não é uma coisa, mas propriedade privada. Visto que iremos explorá-la para obtenção de lucros, não é uma coisa, mas capital.

Ora, sendo propriedade privada capitalista, só existe como tal se for lugar de trabalho. Assim, a montanha não é uma coisa, mas relação econômica e, portanto, relação social. A montanha, ago-

ra, é matéria-prima num conjunto de forças produtivas, dentre as quais se destaca o trabalhador, para quem a montanha é lugar de trabalho.

Suponhamos, agora, que somos pintores. Para nós, a montanha é forma, cor, volume, linhas, profundidade – não é uma coisa, mas um campo de visibilidade.

Não se trata de supor que há, de um lado, a “coisa” física ou material e, de outro, a “coisa” como idéia ou significação. Não há de um lado, a coisa-em-si, e, de outro lado, a coisa-para-nós, mas entrelaçamento do físico-material e da significação, a unidade de um ser e de seu sentido, fazendo com que aquilo que chamamos “coisa” seja sempre um campo significativo.

O que dissemos sobre a montanha, podemos também dizer a respeito de todos os entes reais. São formas de nossas relações com a natureza mediadas pelas nossas relações sociais, são seres culturais, campos de significação variados no tempo e no espaço, dependentes de nossa sociedade, de nossa classe social, de nossa posição na divisão social do trabalho, dos investimentos simbólicos que cada cultura imprime a si mesma através das coisas e dos homens.

Isto, porém, não implica em afirmar o oposto, isto é, se o real não é constituído de coisas, então será constituído por idéias ou por nossa representação das coisas. Se fizermos tal afirmação, estaríamos na ideologia em estado puro, pois para esta última a realidade é constituída por idéias, das quais as coisas seriam uma espécie de receptáculo ou encarnação provisória.



História de Lugares

Paulo César da Fonseca Neves

Depois de sofrer um infarto que o obrigou a ficar na cama e imobilizado por um bom tempo, Seu Maneca, com quase 80 anos, nativo do Campeche (bairro de Florianópolis-SC), volta a caminhar pelos lugares em que sempre viveu.

Passando pela avenida Campeche, hoje uma das mais importantes da antiga vila, fica perplexo: a antiga casa de pedra, que continha um engenho de farinha e de açúcar (construída, entre 1880 e 1890, por seu bisavô e avô – casa em que ele próprio nasceu e se criou), tombada pelo patrimônio histórico por seu valor histórico e cultural, havia simplesmente se “evaporado”.

No seu lugar, pedreiros, engenheiros, gentes da cidade, trabalhavam ativamente na fundação de um grande condomínio de edifícios.

Demorou para o Seu Maneca se situar naquele lugar que sempre viveu e, agora, envelhecido, sentia sua própria vida e o lugar vivido, também se “evaporando”.

De volta à sua casa atual, encontrou-se com um parente, José, 40 anos, filho e neto de nativos, que sobrevive de bicos, limpando jardins, pescando de vez em quando e vendendo os frutos do mar que colhe ou compra de outros nativos. É tido e havido, preconceituosamente, por “mandrião”.

Seu Maneca, encafifado, pergunta:

– Oh José, me ajude a entender. A gente tinha todas essas terras desde meus bisavós. Usávamos pra plantar de tudo: melancia, algodão, abacate, mandioca no areião, e cana, alho e café nas encostas do morro. A gente produzia quase tudo que precisava para viver desde a fiação e confecção dos tecidos de roupas até as ferramentas de trabalho na lavoura. A gente fazia os barcos, tecia as redes e pescava de tudo, principalmente tainha nas temporadas. Consumia o necessário. Escalava para consumo e vendia o que sobrava. A gente construía os engenhos para produzir farinha. Produzia também melado, açúcar e cachaça. A terra só tinha

valor para as plantações que a gente precisava. O lugar era grande para a nossa gente. Nós não tínhamos estudo, mas sempre tinha trabalho. E dava pra se viver.

Lembrando que eram em torno de 17 a 20 famílias que se deslocaram da Lagoa da Conceição para o Campeche, nos fins do século XIX e início do século passado. Continua seu Maneca:

– De repente, de 1950 para cá, a vida foi mudando. Chegou a televisão, o telefone, celular, microcomputador, microondas. O homem até foi pra lua...Me explique José, o que aconteceu?

José responde:

– Pois é Maneca... Eu também me sinto perdido. A pesca não dá mais pra minha sobrevivência. Ganho mais vendendo peixe que compro de outros pescadores, mas é sempre a mesma luta. Sobra sempre contas pra pagar. Não consigo aceitar o ritmo de trabalho de marcar ponto e aquele controle todo. Quero viver como o senhor e o pai viveram. Não entendo os primos que estudaram, estudaram e vivem sem tempo pra nada de bom na vida, em troca de um salário pequeno. Isso quando estão empregados! Também já não temos terra pra plantar. Por falta de terra, não se planta mais mandioca. Sem mandioca, os engenhos foram fechando. O que restou? O único bem que a gente tinha – as terras

– foram vendidas a preço de banana para o povo de fora ou para as empreiteiras. Viraram lotes e loteamentos. Até tua antiga casa de pedra, a mais antiga do lugar, virou terreno para a construção de prédios.

Daí chega a Maria, 23 anos, neta do Seu Maneca, que está procurando emprego, entra na conversa.

– Esse é o progresso Vô. O Campeche não é mais um bairro dos nativos. Agora, pra viver, a gente tem que estudar, arrumar emprego. Seja onde for. E tem que ter dinheiro para comer, se vestir, pegar transporte e até pra estudar. E, mesmo assim, terminando a faculdade como eu, muita gente vai trabalhar de faxineira, em vendas ou em algum serviço público, sempre por baixo. Mas, até isso está acabando.

Seu Maneca olha pro Morro do Lampião, pra Ilha do Campeche, pro antigo campo de aviação, pro pequeno terreno e pra sua casa atual (o que lhe restou). Olha também os postes de luz, as parabólicas, o asfalto, o ônibus, os carros, muitos carros. Muitas caras novas, gaúchos, argentinos, paranaenses, uruguaios, paulistas, gentes do interior e se pergunta:

– Por que tanta mudança em tão pouco tempo?

Essa pergunta do Seu Maneca leva-nos a refletir sobre o significado do dito progresso. Por que os nativos não levaram vantagem nisso? Ou será que levaram?



Os sentidos da cidade

Dirce Maria Martinello

Se dispusermos apenas do olhar, torna-se difícil conhecer o ritmo de vida da comunidade de Santo Antônio de Lisboa. Este ritmo aparentemente assemelha-se ao de Florianópolis, região urbana, tanto no que se refere à vida produtiva como, quando, no período de verão, tudo parece ser marcado pela presença do turista.

Enquanto os pescadores continuam a viver na sua comunidade praticamente de origem, os filhos partem para o centro da cidade em busca de um novo tipo de trabalho. A cidade tem um sentido diferente para os pescadores mais anti-

gos: nela encontra-se o mercado, com a presença do atravessador, a quem o pescador deve sujeitar-se quando da comercialização do produto da pesca; também as casas comerciais que fornecem os suprimentos para satisfação das necessidades do cotidiano.

É na cidade, que o pescador se defronta com uma outra realidade mais ou menos distante daquela do seu dia-a-dia: são os meninos que pedem esmolas, são os barracos caracterizados como casas, as filas que enfrentam quando freqüentam o banco, o movimento de carros e ônibus...



Dirce Maria Martinello, autora de Santo Antônio de Lisboa: o pescador tecendo a sua própria rede. Florianópolis : UFSC, 1992.

A descoberta da febre puerperal por Semelweiss

Cipriano Carlos Kuckesi e Elizete Silva Passos

O Hospital Geral de Viena, em 1844, possuía dois serviços de maternidade. No Primeiro Serviço, das 3.157 mulheres internadas para os procedimentos do parto, 260 (ou seja, 8% delas) morreram de febre puerperal (doença infecciosa que pode atacar as mulheres após o parto). Em 1845, esse percentual foi de 6% e, em 1846, ele chegou a 11,4%. Esse nível de mortalidade tornava-se mais alarmante com a constatação de que os índices de mortalidade, pela mesma doença, no Segundo Serviço do Hospital, eram bem menores. No caso, 2,3% para 1844; 2,9% para 1845 e 2,7% para 1846.

Aí estava o desafio para Semelweiss. Aí estava a realidade, o aspecto oculto da realidade que ele desconhecia: o que causa nível tão alto de mortalidade nas parturientes do Primeiro Serviço, que não atinge as gestantes do Segundo Serviço?

Atormentado pelo terrível problema, Semelweiss esforçou-se para resolvê-lo, seguindo um caminho que ele mesmo veio a descrever mais tarde em livro que escreveu sobre a causa e a prevenção da febre puerperal.

Começou considerando várias explicações então em voga; algumas rejeitou logo por serem incompatíveis com fatos bem estabelecidos; outras, passou a submeter a verificação específica.

Uma idéia amplamente aceita na época atribuía as devastações da febre puerperal a “influências epidêmicas”, vagamente descritas como mudanças “cósmico-atmosféricas” espalhando-se sobre bairros inteiros e causando febre nas mulheres internadas. Mas, raciocina Semelweiss, como poderiam tais influências afetar o Primeiro Serviço durante anos e poupar o Segundo? E como poderia conciliar-se essa idéia com o fato de estar a febre grassando no Hospital sem que

praticamente ocorresse outro caso na cidade de Viena ou em seus arredores?

Uma epidemia genuína, como é o cólera, não poderia ser tão seletiva. Finalmente, Semelweiss nota que algumas das mulheres admitidas no Primeiro Serviço, residindo longe do hospital, vencidas pelo trabalho de parto ainda em caminho, tinham dado à luz em plena rua; pois, a despeito dessas condições desfavoráveis, a taxa de morte por febre puerperal entre esses casos de “parto de rua” era menor que a média no Primeiro Serviço.

Segundo outra opinião, a causa da mortalidade no Primeiro Serviço era o excesso de gente. Mas Semelweiss observa que esse excesso era ainda maior no Segundo Serviço, o que em parte se explicava como resultado dos esforços desesperados das pacientes para evitar o Primeiro Serviço, já mal-afamado. Ele rejeita também duas conjunturas semelhantes, então correntes, observando que não havia diferença entre os dois Serviços quanto à dieta e ao cuidado geral com as pacientes.

Em 1846, uma comissão nomeada para investigar o assunto atribuía a predominância da doença no Primeiro Serviço a danos causados pelo exame grosseiro feito pelos estudantes de Medicina, que recebiam seu treino em obstetrícia apenas no Primeiro Serviço.

Semelweiss observa, refutando esta opinião, que: os danos resultantes naturalmente do processo de parto são muito mais extensos que os que poderiam ser causados por um problema grosseiro; parteiras que recebiam seu treino no Segundo Serviço examinavam suas pacientes quase do mesmo modo, mas sem os mesmos efeitos nocivos; quando, em consequência do relatório da comissão, o número dos estudantes de Medicina ficou diminuído à metade e os seus exames nas

mulheres foram reduzidos ao mínimo, a mortalidade, depois de breve declínio, elevou-se a níveis ainda mais altos do que antes.

Várias explicações psicológicas tinham sido tentadas. Uma delas lembrava que o Primeiro Serviço estava disposto de tal modo que um padre, levando o último sacramento a uma moribunda, tinha que passar por cinco enfermarias antes de alcançar o quarto da doente: o aparecimento do padre, precedido por um auxiliar soando uma campainha, produziria um efeito aterrador e debilitante nas pacientes dessas enfermarias e as transformava em vítimas prováveis da febre. No Segundo Serviço, não havia esse fator prejudicial porque o padre tinha acesso direto ao quarto da doente.

Para verificar esta conjuntura Semelweiss convenceu o padre a tomar um outro caminho e não soar a campainha, chegando ao quarto da doente silenciosamente e sem ser observado. Mas a mortalidade no Primeiro Serviço não diminuiu. Observaram, ainda, a Semelweiss, que no Primeiro Serviço as mulheres, no parto, ficavam deitadas de costas e, no Segundo Serviço, de lado. Mesmo achando a idéia inverossímil, decidiu ‘como um naufrago se agarra a uma palha’, verificar se a diferença de posição poderia ser significativa. Introduzindo o uso da posição lateral no Primeiro Serviço, a mortalidade não se alterou.

Finalmente, no começo de 1847, um acidente deu a Semelweiss a chave decisiva para a solução do problema.

Um colega, Kolletschka, feriu-se no dedo com o bisturi de um estudante que realizava uma autópsia e morreu depois de uma agonia em que se revelaram os sintomas observados nas vítimas da febre puerperal.

Apesar de nessa época não estar ainda reconhecido o papel desempenhado nas infecções pelos microorganismos, Semelweiss compreendeu que “a matéria cadavérica”, introduzida na corrente sanguínea de Kolletschka pelo bisturi é que causara

a doença fatal do seu colega. As semelhanças entre o curso da doença de Kolletschka e o das mulheres em sua clínica levaram Semelweiss à conclusão de que suas pacientes morreram da mesma espécie de envenenamento do sangue: ele, seus colegas e os estudantes tinham sido o veículo do material infeccioso, pois vinham às enfermarias logo após realizarem dissecações na sala de autópsia e examinavam as mulheres em trabalho de parto depois de lavarem as mãos apenas superficialmente, muitas vezes retendo o cheiro nauseante.

Novamente, Semelweiss submeteu sua idéia a um teste. Raciocinou que, se estivesse certo, então a febre puerperal poderia ser prevenida pela destruição química do material infeccioso aderido às mãos.

Ordenou, então, que todos os estudantes lavassem suas mãos numa solução de cal clorada antes de procederem a qualquer exame.

A mortalidade pela febre logo começou a decrescer, caindo, em 1848, a 1,27% no Primeiro Serviço, enquanto que no Segundo era de 1,33%.

Justificando ainda mais suas idéias ou sua HIPÓTESE, como também diremos, Semelweiss observou que ela explicava o fato de ser a mortalidade do Segundo Serviço mais baixa: lá, as pacientes eram socorridas por parteiras cujo treino não incluía instrução anatômica por dissecação dos cadáveres.

E a hipótese também explicava a menor mortalidade entre os casos de “parto de rua”, pois as mulheres que já chegavam trazendo seus bebês ao colo eram examinadas após a admissão e tinham, assim, melhor sorte de escapar à infecção.

Finalmente, a hipótese explicava o fato de serem vítimas de febre os recém-nascidos cujas mães tinham contraído a doença durante o trabalho de parto, pois então a infecção podia ser transmitida à criança antes do nascimento, através da corrente sanguínea comum à mãe e ao filho, o que era impossível quando a mãe permanecera sadia.

Textos para Reflexão

Natureza, Desenvolvimento e Relações Sociais: Um Debate Histórico

Nos dias de hoje, tudo parece grávido de seu contrário. As máquinas, dotadas do maravilhoso poder de abreviar e tornar mais fecundo o trabalho humano, em vez disso o levam à inanição e ao excesso. As fontes de riqueza que aparecem como novidades, por algum estranho e fatídico encantamento, são transformadas em fontes de privação. Os triunfos da arte parecem ser comprados com a perda de caráter. No mesmo ritmo em que a humanidade domina a natureza, o homem parece tornar-se escravo de outros homens ou de sua própria infâmia. Mesmo a luz pura da ciência parece incapaz de brilhar a não ser contra o pano de fundo escuro da ignorância. Todas as nossas invenções e nosso progresso parecem dotar as forças materiais de vida intelectual e embrutecer a vida humana, tornando-a uma força material. Este antagonismo entre, de um lado, a indústria e a ciência modernas, de outro, a miséria e a dissolução; este antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais de nossa época é um fato, palpável, avassalador e incontestável.

(Karl Marx, Londres, 1856)

...Começo observando que em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto, a irracionalidade

do comportamento é também máxima, servida freqüentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar

Texto n° _____

Página: ____ / ____

níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.

Ora, na Grécia antiga, por exemplo, teria sido impossível pensar numa distribuição eqüitativa dos bens materiais, porque a técnica ainda não permitia superar as formas brutais de exploração do homem, nem criar abundância para todos. Mas em nosso tempo é possível pensar nisso, e no entanto pensamos relativamente pouco. Essa insensibilidade nega uma das linhas mais promissoras da história do homem ocidental, aquela que se nutriu das idéias amadurecidas no correr dos séculos XVIII e XIX, gerando o liberalismo e tendo no socialismo a sua manifestação mais coerente. Elas abriram perspectivas que pareciam levar à solução dos problemas dramáticos da vida em sociedade. E de fato, durante muito tempo acreditou-se que, resolvidos uns tantos obstáculos, como a ignorância e os sistemas despóticos de governo, as conquistas do progresso seriam canalizadas no rumo imaginado pelos utopistas, porque a instrução, o saber e a técnica levariam necessariamente à felicidade coletiva. No entanto, mesmo onde esses obstáculos foram removidos a barbárie continuou impávida entre os homens.

Todos sabemos que a nossa época é pro-

fundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização. Penso que o movimento pelos direitos humanos se entronca aí, pois somos a primeira era da história em que teoricamente é possível entrever uma solução para as grandes desarmonias que geram a injustiça contra a qual lutam os homens de boa vontade, à busca, não mais do estado ideal sonhado pelos utopistas racionais que nos antecederam, mas do máximo viável de igualdade e justiça, em correlação a cada momento da historia.

Mas esta verificação desalentadora deve ser compensada por outra, mais otimista: nós sabemos que hoje os meios materiais necessários para nos aproximarmos desse estágio melhor existem, e que muito do que era simples utopia se tornou possibilidade real. Se as possibilidades existem, a luta ganha maior cabimento e se torna mais esperançosa, apesar de tudo o que o nosso tempo apresenta de negativo. Quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra. Inversamente, um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e no entanto não se empenhar nela. Mas de qualquer modo, no meio da situação atroz em que vivemos há perspectivas animadoras...

Antonio Cândido. Vários Escritos.
São Paulo : Duas Cidades, 1995.

Cotidiano

Chico Buarque

Todo dia ela faz tudo sempre igual
me sacode às seis horas da manhã
me sorri um sorriso pontual
e me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
e essas coisas que diz toda mulher
diz que está me esperando pro jantar
e me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
meio dia eu só penso em dizer não
depois penso na vida pra levar
e me calo com a boca de feijão

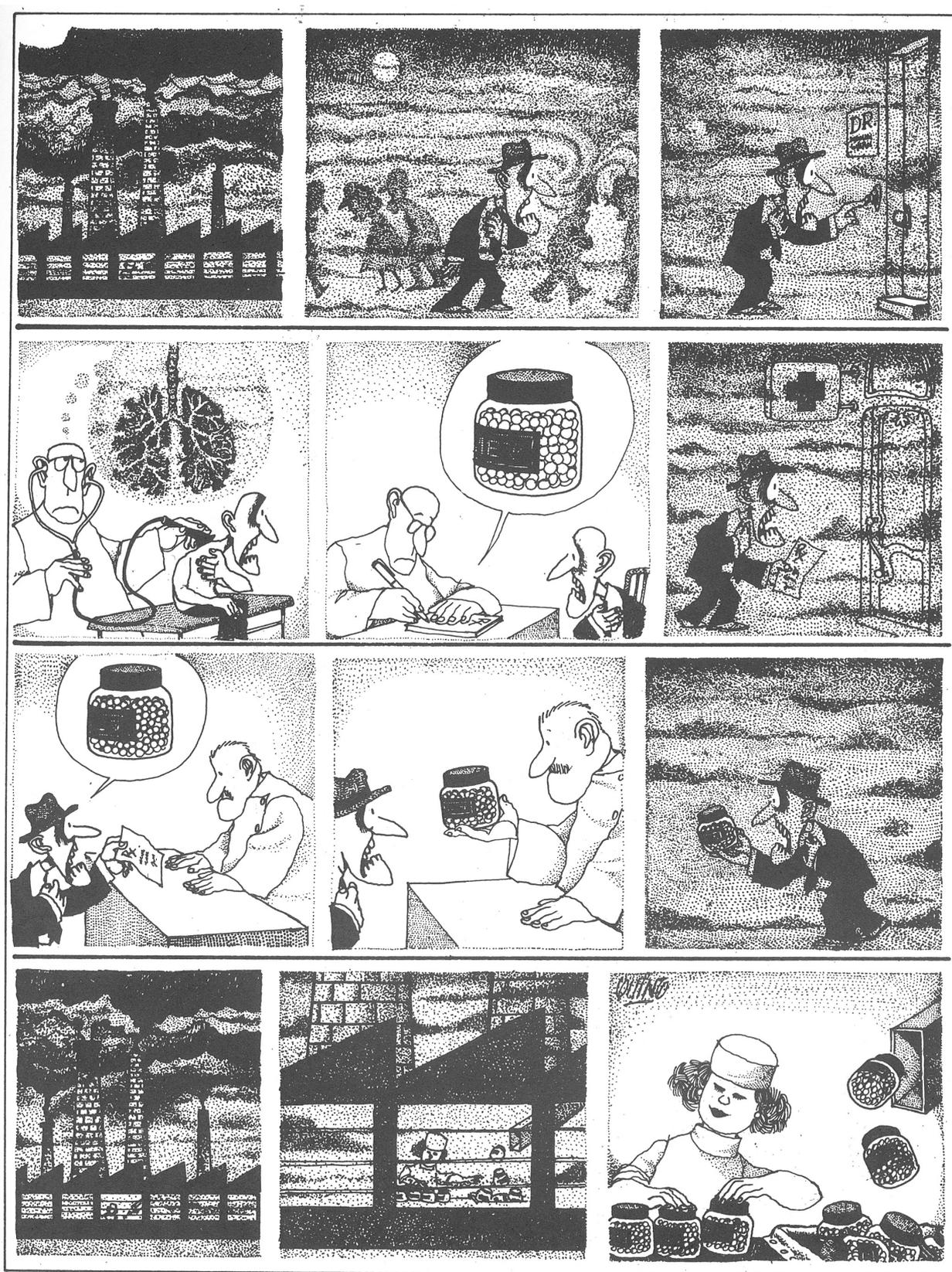
Seis da tarde como era de se esperar
ela pega e me espera no portão
diz que está muito louca pra beijar
e me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pra eu não me afastar
meia noite ela jura eterno amor
e me aperta pra eu quase sufocar
e me morde com a boca de pavor

Todo dia ela faz tudo sempre igual
me sacode às seis horas da manhã
me sorri um sorriso pontual
e me beija com a boca de hortelã

Texto nº _____

Página: ____ / ____



O Trabalho e a produção da humanidade

Ismael Venâncio de Melo

Com a finalidade de melhor entender o conceito de “centralidade do trabalho”, vamos acompanhar esse diálogo entre duas amigas: Dara e Sofia:

Dara – O que significa “centralidade do trabalho”?

Sofia – Não é o que parece imediatamente. Para nós, é tão comum relacionar trabalho e emprego que, num primeiro momento, a gente pensa que é a mesma coisa. O emprego é hoje algo tão difícil, e ao mesmo tempo tão necessário, que quando ficamos sem emprego, parece que nossa vida perdeu o centro, mas não é isso que se deve entender por centralidade do trabalho.

Dara – Eu já estava indo nesse caminho...

Sofia – Vamos começar limpando o terreno e dizendo o que não é a tal centralidade. Já entendemos que a centralidade ontológica do trabalho não pode ser confundida com a centralidade cotidiana do trabalho.

Dara – O que é ontológica?

Sofia – Onto vem do grego e quer dizer relativo ao ser, logia também vem do grego e quer dizer estudo, ciência. Assim, ontologia quer dizer: estudo do ser.

Dara – Então, o trabalho que nos interessa agora não é aquele que a gente está procurando, o emprego?

Sofia – Isso mesmo, a centralidade do traba-

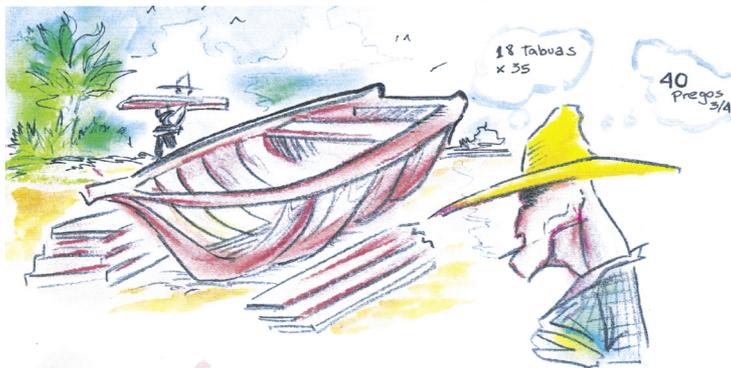
lho refere-se a algo muito mais geral. A qualquer tipo de trabalho em qualquer forma de organização social. Aqui no Brasil, que é uma sociedade capitalista, o trabalho está associado a emprego, porque nós vendemos nosso tempo para o capitalista, que paga um salário para dispor desse nosso tempo. Mas, nem sempre foi assim, já houve épocas nas quais o trabalho era comunitário e a divisão era feita de acordo com as condições e possibilidades de cada um. Também teve épocas que alguns homens escravizavam outros e os obriga-

gavam a trabalhar. Houve ainda uma época em que os homens não eram escravos, mas eram servos da terra, não podiam se deslocar livremente. Agora, nós vivemos um período histórico no qual alguns homens

se apoderaram dos meios de trabalho e os que não têm esses meios são obrigados a vender sua mão-de-obra para ser empregada em benefício daqueles que detêm os meios de produção.

Dara – Mas se a gente não consegue emprego também não consegue realizar trabalho. E a gente precisa viver...

Sofia – Tem razão! O trabalho é condição necessária para garantir a vida em qualquer tipo de sociedade. Isso é uma condição natural insuperável. As formas de organização do trabalho é que variam no decorrer da história.



Texto n° _____

Página: ____ / ____

Dara – Vamos ver se eu entendi: se o cara pesca para alimentar sua família, se ele é escravo e tem que entregar o produto da pesca para o seu dono, se ele tem que entregar uma parte do que pesca para o seu senhor ou tem que entregar toda produção para o dono do barco que o empregou, e pagou um salário para isso, não importa: em qualquer desses casos, houve trabalho.

Sofia – É exatamente aí que está a centralidade do trabalho. Em qualquer tipo de sociedade, em qualquer forma de organização social, o trabalho será sempre uma atividade necessária para garantir a sobrevivência. O trabalho é a atividade humana que transforma a natureza nos bens necessários à reprodução social.

Uma outra característica do trabalho, a que nos diferencia dos animais, é que nós podemos produzir nossos próprios meios de subsistência, podemos produzir para muito além das nossas necessidades imediatas. Um leão come carne, mas não cria um rebanho de ovelhas para quando tiver fome. Uma vaca come capim, mas não planta o capim.

Dara – Essa é mesmo uma diferença muito grande: nós, os humanos, somos capazes de produzir os nossos próprios meios de subsistência.

Sofia – Isso mesmo, nós fazemos as coisas com uma certa intenção. Não somos movidos apenas pelas necessidades imediatas. Já o leão, quando tem fome, caça e come, ele não caça para “comer mais tarde”.

Dara – E, o que tem a ver trabalho com conhecimento?

Sofia – Conforme acabamos de ver, nós agimos com certa intencionalidade. Ao mesmo tempo, todas as nossas vivências anteriores interferem nas nossas ações. Nós, como seres que vão se constituindo historicamente, partimos sempre do já vivido, por nós ou pelas gerações anteriores. Ou seja, somos frutos da história da humanidade e da nossa própria história. Quando

temos que realizar um trabalho nós o fazemos levando em conta esses conhecimentos adquiridos anteriormente. Assim, quando atuamos sobre o mundo para satisfazer nossas necessidades, somos guiados por uma certa intenção, pelos nossos conhecimentos e pelas respostas que damos às resistências encontradas nessa tentativa de apropriação da natureza.

Dara – Quer dizer que mesmo atividades aparentemente simples, como pescar, requerem conhecimento?

Sofia – Claro! E na verdade pescar nem é uma atividade simples. Inúmeros conhecimentos são aplicados no ato da pesca. Primeiro, somos motivados a pescar por uma certa necessidade, basicamente a de produzir alimento. A partir dessa necessidade, de nos alimentar, temos uma intencionalidade, conseguir alimento. Nós aprendemos que peixe alimenta e que no mar há peixe. Aprendemos também diversas técnicas para pescar, técnicas que foram sendo desenvolvidas no decorrer da história. Também aprendemos quais os instrumentos que facilitam a pescaria. Aprendemos qual a época do ano mais adequada para pescar essa ou aquela espécie, aprendemos que a Lua interfere no resultado da pesca, aprendemos que as correntes marítimas e a temperatura também interferem. Ou seja, entre a decisão de pescar e a pesca propriamente dita uma infinidade de conhecimentos determinara a decisão de pescar e outra infinidade de conhecimentos será necessária para realizar a pescaria. E não é só! Depois de pescar precisamos preparar o peixe para o consumo, precisamos limpá-lo e conservá-lo. Depois é “só” preparar (cozido, frito ou assado) e saborear.

Dara – Por falar nisso, sabe que acabo de ter uma idéia, resultado dessa nossa discussão. Vamos comer um peixinho, vamos comer séculos de conhecimento. Afinal, é sábado à tarde e ninguém é de ferro.

Tempo: Rapidez ou Lentidão?

Rodrigo Gurgel

Sob certos aspectos, o tempo não é diferente do espaço. Na verdade, ambos são inseparáveis e só tratamos dos dois em textos diversos para facilitar a sua compreensão.

Assim como o espaço, o tempo é um conceito que utilizamos para definir e explicar nossas vidas. Quando falamos em espaço, como vimos, nos referimos ao meio, ao lugar material onde se dá a possibilidade dos mais variados eventos. Quando falamos em tempo, buscamos entender o transcurso, a sucessão dos eventos e a sua trama, desencadeados no espaço. Somando os dois – ou melhor, sobrepondo os dois – temos o mundo, que é o resultado, a síntese dos eventos que transcorrem e dos lugares que acolhem os fatos.

Se queremos compreender essas três categorias – tempo, espaço e mundo – precisamos entendê-las, antes de mais nada, como realidades históricas e não apenas como conceitos perdidos em nossas mentes, impossíveis de serem medidos. Assim, nosso ponto de partida deve ser a sociedade humana, realizando-se e procurando continuamente realizar-se, sempre através de uma base material na qual se encontram o espaço, o tempo e suas diferentes utilizações.

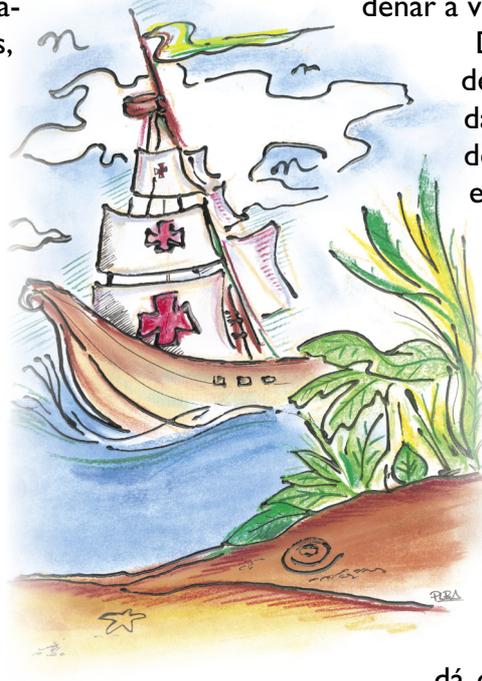
Houve uma época, na história humana, em que o tempo não era medido. Pelo menos não da forma como estamos acostumados nos dias de hoje. As marcações do tempo faziam parte da na-

tureza e os homens mediam o tempo através do movimento dos astros, da variação das temperaturas ou observando as outras manifestações que ocorrem na natureza ao sabor das estações. Demorou muito até que o badalar dos sinos da igreja e, depois, o apito da fábrica viessem coordenar a vida das comunidades...

De qualquer forma, a história tem demonstrado o quanto as qualidades objetivas e os significados de tempo e espaço se modificam, estruturando não somente nossa representação do mundo, mas a nós mesmos, que organizamos – ou nos deixamos organizar – de acordo com essa representação.

Ora, se o domínio do espaço reflete o modo como indivíduos ou grupos poderosos se utilizam do mesmo espaço em benefício próprio, esquecendo-se das comunidades que ali vivem, o mesmo se dá com o tempo. “Tempo é dinheiro” – quem já não ouviu ou falou esta máxima? Assim, todo o sistema produtivo de mercadorias, industriais ou não, está organizado, em todo o seu processo, visando espremer o tempo dos que trabalham, retirando dele o máximo de lucratividade.

No início da chamada Revolução Industrial os operários, mulheres e crianças, inclusive, eram obrigados a trabalhar até o limite da exaustão e, de lá para cá, a exploração do tempo dos trabalhadores tem sido uma constante em relação aos empresários, seja reorganizando



e acelerando a linha de produção nas fábricas, seja substituindo, parcialmente, os trabalhadores por robôs, seja condenando o trabalhador a perder os melhores anos de sua vida entre o trabalho e as longas horas que passa locomovendo-se entre sua casa e o serviço, impedindo-o, assim, de se dedicar a qualquer outra atividade, a não ser ao trabalho.

Não tenhamos dúvidas: é o domínio do tempo de trabalho dos outros o que dá aos patrões o poder de se apropriar dos lucros da produção para si mesmos, oferecendo uma mínima parte desses ganhos como salários aos empregados.

O tempo dos empresários parece ser diferente do tempo dos trabalhadores, não é mesmo? Não podemos falar de um tempo único, igual para todos. Grupos, instituições, indivíduos convivem juntos, mas não praticam os mesmos tempos. Estradas e ruas não são percorridas igualmente por todos. Frente às mesmas experiências, cada um de nós se comporta com um ritmo – um tempo – próprio, particular.

E, apesar de, cada vez mais, ouvirmos falar em mundialização ou globalização, com certeza nunca haverá um tempo mundial. Nosso mundo, nosso mundo concreto, imediato, permanece sendo a cidade, o nosso espaço, o nosso território. É a partir daqui que percebemos o movimen-

to, o transcorrer do mundo e o interpretamos, como grupo, classe social ou indivíduos.

É certo que, cada vez mais, a velocidade parece impor-se como potência, como força. Tudo o que nos rodeia está cada vez mais rápido. Contudo, apenas parte da cidade vive sob o império da velocidade – das imagens, da propaganda, da informação – enquanto a outra, mais lenta, vive sob um outro tempo, também mais lento, longe dos efeitos da rapidez. Os que vivem sob o tempo acelerado parecem ser mais fortes, mas eles, que podem

percorrer a cidade com rapidez, acabam por ver pouco dela. Sua comunhão com as imagens que rodeiam sua vida, quase sempre pré-fabricadas, é a sua perdição, segundo alguns estudiosos. Já os homens “lentos”, por sua vez, acabam descobrindo a mentira dessas miragens nascidas da velocidade e, vivendo num tempo que lhes permite ver a cidade de perto, em seus detalhes, passam a compreender que podem transformar o cotidiano num lugar de

ruptura, o lugar do novo, onde nada se repete. Para quem tem de descolar, todos os dias, a sobrevivência, a cidade torna-se o lugar das descobertas...

Para aqueles mesmos estudiosos, uma nova forma de solidariedade pode nascer desse tempo lento das cidades e passar a desafiar a perversidade difundida pelos tempos rápidos da competitividade.



Texto n° _____

Página: ____ / ____

Pela Internet

Gilberto Gil

Criar meu web site
fazer minha home-page
com quantos gigabytes
se faz uma jangada
um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
que aproveite a vazante da infomaré
que leve um oriki do meu velho orixá
ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
que aproveite a vazante da infomaré
que leve meu e-mail até Calcutá
depois de um hot-link
num site de Helsinque
para abastecer

Eu quero entrar na rede
promover um debate
juntar via Internet
um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
o chefe da Macmilícia de Milão
um hacker mafioso acaba de soltar
um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
os lares do Nepal, os bares do Gabão
que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar

Texto n° _____

Página: ____ / ____

Morte e Vida Severina

João Cabral de Melo Neto

Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
é de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio.
Não é cova grande.
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.
é uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.
é uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.
é uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.

Viverás, e para sempre
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.
Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas.
Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.
Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
serás homem de eito e trator.
Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.
Trabalharás numa terra
que também te abriga e te veste:
embora com o brim do Nordeste.
Serás de terra
tua derradeira camisa:
te veste, como nunca em vida.
Será de terra
e tua melhor camisa:
te veste e ninguém cobiça.
Terás de terra
completo agora o teu fato:
e pela primeira vez, sapato.
Como és homem,
a terra te dará chapéu:
fosses mulher, xale ou véu.
Tua roupa melhor
será de terra e não de fazenda:
não se rasga nem se remenda.
Tua roupa melhor
e te ficará bem cingida:
como roupa feita à medida.

Esse chão te é bem conhecido
(bebeu teu suor vendido).
Esse chão te é bem conhecido
(bebeu o moço antigo)
Esse chão te é bem conhecido
(bebeu tua força de marido).
Desse chão és bem conhecido
(através de parentes e amigos).
Desse chão és bem conhecido
(vive com tua mulher, teus filhos)
Desse chão és bem conhecido
(te espera de recém-nascido).

Texto n° _____

Página: ____ / ____

Não tens mais força contigo:
 deixa-te semear ao comprido.
 Já não levas semente viva:
 teu corpo é a própria maniva.
 Não levas rebolo de cana:
 és o rebolo, e não de caiana.
 Não levas semente na mão:
 és agora o próprio grão.
 Já não tens força na perna:
 deixa-te semear na coveta.
 Já não tens força na mão:
 deixa-te semear no leirão.

Dentro da rede não vinha nada,
 só tua espiga debulhada.
 Dentro da rede vinha tudo,
 só tua espiga no sabugo.
 Dentro da rede coisa vasqueira,
 só a maçaroca banguela.
 Dentro da rede coisa pouca,
 tua vida que deu sem soca.

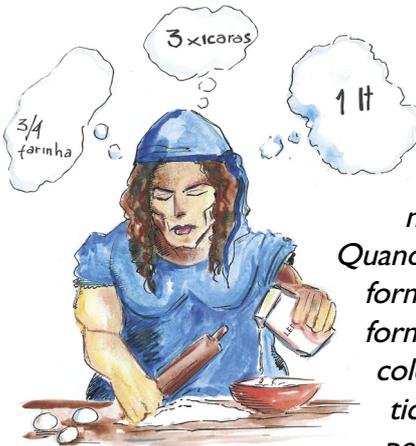
Na mão direita um rosário,
 milho negro e ressecado.
 Na mão direita somente
 o rosário, seca semente.
 Na mão direita, de cinza,
 o rosário, semente maninha,
 Na mão direita o rosário,
 semente inerte e sem salto.

Despido vieste no caixão,
 despido também se enterra o grão.
 De tanto te despiu a privação
 que escapou de teu peito à viração.
 Tanta coisa despiste em vida
 que fugiu de teu peito a brisa.

E agora, se abre o chão e te abriga,
 lençol que não tiveste em vida.
 Se abre o chão e te fecha,
 dando-te agora cama e coberta.
 Se abre o chão e te envolve,
 como mulher com que se dorme.

O Senso Comum e a Ciência

Rubem Alves



Ela é uma dona-de-casa. Pega o dinheiro e vai à feira. Não se formou em coisa alguma.

Quando tem de preencher formulários, diante da informação “profissão” ela coloca “prendas domésticas” ou “do lar”. Uma pessoa comum como milhares de outras. Vamos

pensar em como ela funciona, lá na feira, de barraca em barraca. Seu senso comum trabalha com problemas econômicos: como adequar os recursos de que dispõe, em dinheiro, às necessidades de sua família, em comida. E para isto ela tem de processar uma série de informações. Os alimentos oferecidos são classificados em indispensáveis, desejáveis e supérfluos. Os preços são comparados. A estação dos produtos é verificada: produtos fora de estação são mais caros. Seu senso econômico, por sua vez, está acoplado a outras ciências. Ciências humanas, por exemplo (...) ela sabe do valor simbólico dos alimentos. Uma refeição é uma dívida da dona-de-casa, um presente. Com a refeição ela diz algo. Oferecer chouriço para um marido de religião adventista, ou feijoada para uma sogra que tem úlceras, é romper claramente com uma política de coexistência pacífica. A escolha de alimentos, assim, não é regulada apenas por fatores econômicos, mas por fatores simbólicos, sociais e políticos. Além disto, a economia e a política devem fazer lugar para o estético: o gostoso, o cheiroso, o bonito. E para o dietético. Assim, ela ajunta o bom para comprar, com o bom para dar, com o bom para ver, cheirar e comer, com o bom para viver. É senso comum? É. A dona-de-casa não trabalha com

aqueles instrumentos que a ciência definiu como científicos. É comportamento ingênuo, simplista, pouco inteligente? De forma alguma.

(...) O senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver. E para aqueles que teriam a tendência de achar que o senso comum é inferior à ciência, eu só gostaria de lembrar que, por dezenas de milhares de anos, os homens sobreviveram sem coisa alguma que se assemelhasse à nossa ciência. A ciência, curiosamente, depois de cerca de 4 séculos, desde que ela surgiu com seus fundadores, está colocando sérias ameaças à nossa sobrevivência.

Como funciona o senso comum?

Se a gente compreender o senso comum poderá entender a ciência com mais facilidade. E nada melhor para se entender o senso comum que brincar com alguns problemas.

A) Você está guiando um automóvel e repentinamente ele pára.

Em último caso você terá que chamar um mecânico. Mas o que nos interessa é saber como funcionaria o seu senso comum. O que é que você faria com as mãos e com o cérebro? Que pensamentos orientariam as suas mãos?

(...) Se uma pessoa não sabe coisa alguma, só lhe resta chorar e esperar que alguém pare para ajudá-la. Confesso, entretanto, que não conheço tal pessoa. Qualquer um terá a idéia de abrir a tampa do motor, ver se há algum fio solto, dar algumas batidinhas nas peças. Este comportamento revela muita coisa. A pessoa sabe que o motor funciona porque há canos por onde circula a gasolina, canos que podem ficar entupidos. Caso contrário suas batidinhas não teriam razão de ser. Ela sabe também que a eletricidade tem de fluir, que isto não ocorre

quando fios estão desligados ou arrebitados. Esta pessoa age da forma como age, porque dispõe de um *modelo* do motor, muito embora extremamente rudimentar e impreciso. E o seu modelo é formado por canos por onde a gasolina deve fluir e que ficam eventualmente entupidos, e fios por onde a eletricidade deve passar e que são acidentalmente desligados. Assim, quando ela busca fios soltos e dá suas batidinhas no motor, ela está agindo de forma inteligente, a partir do modelo de que dispõe.

(...) Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. *O que não é problemático não é pensado.* Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entra lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra. Você não sabe que tem olhos – o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder...

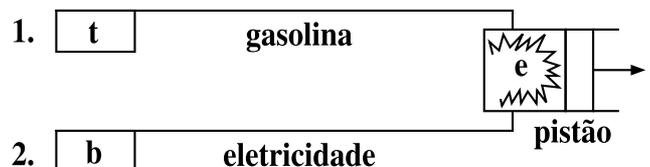
Fernando Pessoa diz que “pensamento é doença dos olhos”. E verdade, mas nem toda. O mais certo seria “pensamento é doença do corpo”. A gente pensa porque as coisas não vão bem – alguma coisa incomoda. Quando tudo vai bem, a gente não pensa, mas simplesmente goza e usufrui.

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência.

Você sabe que o automóvel, tal como foi planejado, é uma máquina ideal que funciona perfeitamente. Antes de ser transformada em peças, engrenagens, tubos, parafusos, ela foi *construída idealmente*, na imaginação, por pessoas que foram capazes de simular o real. Esta é a grande função e

o poder mágico do pensamento: *ele pode simular* o real, antes que as coisas aconteçam. Acontece que neste modelo ideal do automóvel não há defeitos. Os defeitos aparecem quando a máquina real se desvia do plano ideal. Ora, o seu problema é fazer com que o carro ande novamente, isto é, fazer com que ele funcione conforme foi idealmente planejado. Isto significa que você só pode resolver o seu problema se for capaz de reconstruir, idealmente, o plano da máquina. A partir deste modelo você poderá inspecionar, *mentalmente*, os possíveis defeitos no funcionamento do auto.

Vamos construir um modelo muito simplificado. Você sabe que o motor funciona em decorrência de uma explosão numa câmara fechada. Esta explosão depende de pelo menos dois fatores: combustível e eletricidade. A explosão produz pressão. A pressão faz o carro andar. Você já sabe então: sem gasolina, motor parado; sem eletricidade, motor parado. Você já tem aí dois circuitos a serem explorados.



No circuito 1, a gasolina deve sair do tanque **t** e chegar até a câmara onde se dá a explosão **e**, em virtude da faísca elétrica.

No circuito 2, a eletricidade deve ir da bateria **b** até a mesma câmara onde se dá a explosão **e**.

O modelo do motor lhe permite fazer três hipóteses:

Hipótese 1: falta gasolina.

Hipótese 2: falta eletricidade.

Hipótese 3: falta gasolina e eletricidade.

Em qualquer um destes casos o carro pára. Agora você vai fazer aquilo que os cientistas chamam de pesquisa: testar as suas hipóteses, isto é, verificar, na prática, quais das suas *construções mentais* do defeito é a verdadeira.

Como é que você procedeu?

- Em primeiro lugar você tomou consciência do problema. Começou a pensar.
- Em segundo lugar construiu um modelo ideal da máquina.
- Em terceiro lugar você elaborou hipóteses sobre o defeito. Hipóteses são *simulações* ideais das possíveis causas do enguiço do motor.
- Finalmente você testou as suas hipóteses. Por meio deste procedimento você descobrirá *quem é o criminoso*, qual a causa do defeito.

Este é o caminho que normalmente seguimos na ciência. É assim que procede um médico, ao tentar fazer um diagnóstico. O sintoma (sentido pelo paciente ou detectado pelo exame) é o enguiço a ser corrigido, o crime a ser desvendado. Mas o médico nada poderá fazer se não tiver, na cabeça, um plano ideal de como funciona o organismo. Antigamente, quando uma pessoa sentia uma dor de barriga muito forte, a primeira coisa que se fazia era dar um purgante bem forte. Que modelo dos intestinos se encontra por detrás desta prática? Intestinos = tubulação. Tubulações podem ficar entupidas. Conclusão: antes de mais nada é necessário nos certificarmos de que toda a canalização está desobstruída. Daí a aplicação do purgante.

B) Pegue a sua carteira de identidade. Qual é o seu número?

Existe nele algo que lhe chama a atenção? Imaginemos que ele é 6.872.451. Um número como milhares de outros. Mas, e se ele for 5.000.000? Por que você se surpreende agora? Na verdade, em termos de loteria, o primeiro número é menos provável que o segundo (da mesma forma como, probabilisticamente, é mais fácil ganhar na Loteria Federal que na Loteca).

Você compraria um bilhete de loteria com o número 20.000? E 23.479? Seria muito estranho se o diretor de uma exposição dissesse: “Vamos dar

um automóvel ao visitante número 931.421”. Mas acharíamos natural que ele dissesse: “Vamos dar um automóvel ao visitante número 500.000”. Por quê?

Você vai viajando de trem e no jardim da estação vê pedras cuidadosamente arrumadas de modo a formar a palavra “Bem-vindo”. Você poderá se propor o seguinte problema: “Que probabilidade existe de que as pedras tenham tomado esta forma por puro acaso?” Se, ao contrário, as mesmas pedras estivessem jogadas desordenadamente no terreno, você se proporia o mesmo problema? Por que não? As probabilidades, nos dois casos, não são iguais? Em todos estes exemplos o que é aquilo que cria o problema? (...)

Que é que chamou a sua atenção? Não terá sido a presença de *ordem*, em meio a milhares de outras possibilidades de desordem?

A ordem sempre fascinou os homens. Por que é que as estações se sucedem sempre numa mesma ordem e regularidade constante? Por que é que as estrelas giram permanentemente? Por que é que certas aves migram em momentos precisos? Por que é que determinadas causas produzem sempre efeitos determinados e previsíveis?

A ordem permite que se façam *previsões*. (...). A agricultura, a pesca, a navegação, as várias formas de artesanato, desenvolveram-se na medida em que os homens descobriram que existe ordem na natureza. Sementes, estações, peixes e bichos, ventos e materiais se comportarão amanhã da forma como se comportaram ontem.

Este espanto perante a ordem é a primeira inspiração da ciência. Quando um cientista enuncia uma lei ou uma teoria, ele está contando como se processa a ordem, está oferecendo um modelo da ordem. Agora ele poderá prever como a natureza vai se comportar no futuro. É isto que significa testar uma teoria: ver se, no futuro, ela se comporta da forma como o modelo previu.

Texto n° _____

Página: ____ / ____

No Princípio do Fim

Mário Quintana

Há ruídos que não se ouvem mais:

- o grito desgarrado de uma locomotiva na madrugada;
- os apitos dos guardas noturnos quadriculando como um mapa a cidade adormecida;
- os barbeiros que faziam cantar no ar suas tesouras;
- as matracas do vendedor de cartuchos;
- a gaitinha do afiador de facas;
- todos esses ruídos que apenas rompiam o silêncio.

E hoje o que mais se precisa é de silêncios que interrompam o ruído.

Mas que se há de fazer?

Há muitos – a grande maioria – que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música Pop. E, se esta nossa “civilização” não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala – para que falar? Para que pensar? – ficaremos apenas no batuque: “Tan! Tan! Tan! Tan! Tan!

O poder das Palavras

Quem tem o poder de dar nomes define como os demais vão pensar. É o poder das palavras, que vem sendo exercido à exaustão.

César Benjamin

Oito e meia da noite, começa o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão: “O governo reafirmou hoje seu compromisso com o ajuste fiscal” – eis a manchete mais importante. Logo me dou conta da genialidade perversa da frase, vazia de informação, mas repleta de conteúdos positivos: “re-afirmar” mostra coerência; “compromisso”, de forma sutil, remete a lealdade; “ajustar” é tornar justo. Tudo soa bem.

Só ao ler os jornais do dia seguinte percebi que o fato gerador da manchete não era tão bom. Em seu esforço para alcançar (e superar) as metas acordadas com o FMI, o governo brasileiro havia cortado parte das verbas destinadas à merenda escolar. Era essa a “reafirmação” do “compromisso” com o “ajuste”, conforme a hábil escolha de nomes feita pelos jornalistas da Globo.

Nomear é muito mais eficaz que silenciar ou mentir. Quem esconde algo pode ser surpreendido, quando o que se ocultou vem à tona. Quem tem o poder de dar nomes define como os demais vão pensar. É o poder das palavras, que vem sendo exercido à exaustão,

Há anos, por exemplo, temos ouvido elogios à construção de uma economia “aberta”, associada à idéia de futuro. Sua

suposta antítese, uma economia “fechada”, seria típica de um passado ruim. A imagem é forte e fala por si. Um tempo “aberto” oferece mais oportunidades de lazer que um tempo “fechado”. Uma pessoa “aberta” é mais sociável que uma pessoa “fechada”. Logo, também na economia algo semelhante deve se dar. Ao deslizar, a palavra “aberta” carrega consigo aquele conteúdo positivo que lhe é atribuído pelo senso comum. Não importa que, nesse outro contexto, a dicotomia de “aberto” e “fechado” não tenha sentido nenhum. (Uma economia deve ser suficientemente “aberta” para otimizar o uso de seu potencial e induzir sua base produtiva a modernizar-se, e suficientemente “fechada” para manter equilibrado seu balanço de pagamentos e impedir a destruição de sua capacidade instalada. Fora disso, o que se tem é puro *non sense*)

Outra recente mistificação desse tipo é a chamada Lei de Responsabilidade Fiscal. É fácil ver que, também aqui, o nome foi imaginado sob medida para impedir o debate: quem pode ser contra uma “lei de responsabilidade”? Ademais, o que ela diz parece ser coerente com a experiência de cada um: os governos (como os chefes de família...) não

Texto n° _____

Página: ____ / ____

podem gastar mais do que arrecadam. Não é simples? Não.

Em primeiro lugar, há muitos anos o governo brasileiro arrecada em impostos muito mais do que gasta com salários, custeio e investimento. Tem superávit primário. O déficit só aparece quando agregamos as despesas ao pagamento de juros ao capital financeiro. Como a lei não prevê — nem admite — a compressão destas despesas, mas sim das demais, ela poderia chamar-se “Lei da Prioridade do Uso de Recursos Públicos para Pagamentos aos Bancos”, ou “Lei que Declara que Educação e Saúde São Menos Importantes que Bancos”, ou “Lei que Torna Intocáveis os Lucros do Sistema Financeiro, Nacional e Estrangeiro, Mesmo às Custas de Cortes em Atividades Essenciais”, ou simplesmente Lei do Mais Forte - nomes que, pelo menos, teriam o mérito de permitir um debate.

Em segundo lugar, o exemplo doméstico não se aplica à ação de Estados nacionais. Ao contrário dos chefes de família, os Estados podem emitir moeda para fazer frente a compromissos que geram déficits. Quando a economia está funcionando abaixo de seu potencial, com capacidade ociosa e desemprego, como é o

nosso caso, esta é a atitude correta. Se os gastos públicos tiverem efeito multiplicador sobre a atividade econômica, as receitas do próprio Estado aumentarão, alcançando nova posição de equilíbrio em um nível mais alto de utilização da capacidade produtiva instalada. Isso depende não só de quanto o Estado gasta, mas de como gasta. Comprar merenda escolar, por exemplo, além de socialmente mais justo, tem maior efeito multiplicador sobre a economia do que remunerar agiotas.

Há um sentido estratégico embutido na operação que transformou o “ajuste fiscal” em algo perene, agora elevado à condição de lei. Medidas de austeridade monetária se associam ao baixo crescimento. Podem ser válidas por períodos breves, para atingir objetivos macroeconômicos bem definidos. Mas não podem se eternizar, especialmente em um país dominado pelas necessidades do desenvolvimento e da justiça social.

Quem aceita essa receita não cresce, fica para trás. Quem fica para trás perde as condições de exercer sua soberania. Neste caso, como em inúmeros outros, menos do que debates técnicos, estão em jogo relações de poder.

A Ideologia

Marilena Chauí

A alienação social se exprime numa “teoria” do conhecimento espontânea, formando o senso comum da sociedade. Por seu intermédio, são imaginadas explicações e justificativas para a realidade tal como é diretamente percebida e vivida.

Um exemplo desse senso comum aparece no caso da “explicação” da pobreza, em que o pobre é pobre por sua própria culpa (preguiça, ignorância) ou por vontade divina ou por inferioridade natural. Esse senso comum social, na verdade, é o resultado de urna elaboração intelectual sobre a realidade, feita pelos pensadores ou intelectuais da sociedade — sacerdotes, filósofos, cientistas, professores, escritores, jornalistas, artistas —, que descrevem e explicam o mundo a partir do ponto de vista da classe a que pertencem e que é a classe dominante de sua sociedade. Essa elaboração intelectual incorporada pelo senso comum social é a ideologia. Por meio dela, o ponto de vista, as opiniões e as idéias de uma das classes sociais — a dominante e dirigente — tomam-se o ponto de vista e a opinião de todas as classes e de toda a sociedade.

A função principal da ideologia é ocultar e dissimular as divisões sociais e políticas, dar-lhes a aparência de indivisão e de diferenças naturais entre os seres humanos. Indivisão: apesar da divisão social das classes, somos levados a crer que somos todos iguais porque participamos da idéia de “humanidade”, ou da idéia de “nação” e “pátria”, ou da idéia de “raça”, etc. Diferenças naturais: somos levados a crer que as desigualdades sociais, econômicas e políticas não são produzidas pela divisão social das classes, mas por diferenças individuais dos talentos e das capacidades, da inteligência, da força de vontade maior ou menor, etc.

A produção ideológica da ilusão social tem como finalidade fazer com que todas as classes sociais aceitem as condições em que vivem, julgando-as naturais, normais, corretas, justas, sem pretender

transformá-las ou conhecê-las realmente, sem levar em conta que há uma contradição profunda entre as condições reais em que vivemos e as idéias.

Por exemplo, a ideologia afirma que somos todos cidadãos e, portanto, temos todos os mesmos direitos sociais, econômicos, políticos e culturais. No entanto, sabemos que isso não acontece de fato: as crianças de rua não têm direitos; os idosos não têm direitos; os direitos culturais das crianças nas escolas públicas é inferior aos das crianças que estão em escolas particulares, pois o ensino não é de mesma qualidade em ambas; os negros e índios são discriminados como inferiores; os homossexuais são perseguidos como perversos, etc.

A maioria, porém, acredita que o fato de ser eleitor, pagar as dívidas e contribuir com os impostos já nos faz cidadãos, sem considerar as condições concretas que fazem alguns serem mais cidadãos do que outros. A função da ideologia é impedir-nos de pensar nessas coisas.

Os procedimentos da ideologia

Como procede a ideologia para obter esse fantástico resultado? Em primeiro lugar, opera por inversão, isto é, coloca os efeitos no lugar das causas e transforma estas últimas em efeitos. Ela opera como o inconsciente: este fabrica imagens e sintomas; aquela fabrica idéias e falsas causalidades.

Por exemplo, o senso comum social afirma que a mulher é um ser frágil, sensitivo, intuitivo, feito para as doçuras do lar e da maternidade e que, por isso, foi destinada, por natureza, para a vida doméstica, o cuidado do marido e da família. Assim o “ser feminino” é colocado como causa da “função social feminina”.

Ora, historicamente, o que ocorreu foi exatamente o contrário: na divisão sexual-social do trabalho e na divisão dos poderes no interior da família, atribuiu-se à mulher um lugar levando-se em conta o lugar masculino; como este era o lugar do

domínio, da autoridade e do poder, deu-se à mulher o lugar subordinado e auxiliar, a função complementar e, visto que o número de braços para o trabalho e para a guerra aumentava o poderio do chefe da família e chefe militar, a função reprodutora da mulher tornou-se imprescindível, trazendo como consequência sua designação prioritária para a maternidade.

Estabelecidas essas condições sociais, era preciso persuadir as mulheres de que seu lugar e sua função não provinham do modo de organização social, mas da Natureza, e eram excelentes e desejáveis. Para isso, montou-se a ideologia do “ser feminino” e da “função feminina” como naturais e não como históricos e sociais. Como se observa, uma vez implantada uma ideologia, passamos a tomar os efeitos pelas causas.

A segunda maneira de operar da ideologia é a produção do imaginário social, através da imaginação reprodutora. Recolhendo as imagens diretas e imediatas da experiência social (isto é, do modo como vivemos as relações sociais), a ideologia as reproduz, mas transformando-as num conjunto coerente, lógico e sistemático de idéias que funcionam em dois registros: como representações da realidade (sistema explicativo ou teórico) e como normas e regras de conduta e comportamento (sistema prescritivo de normas e valores). Representações, normas e valores formam um tecido de imagens que explicam toda a realidade e prescrevem para toda a sociedade o que ela deve e como deve pensar, falar, sentir e agir. A ideologia assegura, a todos, modos de entender a realidade e de se comportar nela ou diante dela, eliminando dúvidas, ansiedades, angústias, admirações, oculta as contradições da vida social, bem como as contradições entre esta e as idéias que supostamente a explicam e controlam.

Enfim, uma terceira maneira de operação da ideologia é o silêncio. Um imaginário social

se parece com uma frase onde nem tudo é dito, nem pode ser dito, porque, se tudo fosse dito, a frase perderia a coerência, tornar-se-ia incoerente e contraditória e ninguém acreditaria nela. A coerência e a unidade do imaginário social ou ideologia vêm, portanto, do que é silenciado (e, sob esse aspecto, a ideologia opera exatamente como o inconsciente descrito pela psicanálise).

Por exemplo, a ideologia afirma que o adultério é crime (tanto assim que homens que matam suas esposas e os amantes delas são considerados inocentes porque praticaram um ato em nome da honra), que a virgindade feminina é preciosa e que o homossexualismo é uma perversão e uma doença grave (tão grave que, para alguns, Deus resolveu punir os homossexuais enviando a peste, isto é, a Aids).

O que está sendo silenciado pela ideologia? Os motivos pelos quais, em nossa sociedade, o vínculo entre sexo e procriação é tão importante (coisa que não acontece em todas as sociedades, mas apenas em algumas, como a nossa). Nossa sociedade exige a procriação legítima e legal – a que se realiza pelos laços do casamento –, porque ela garante, para a classe dominante, a transmissão do capital aos herdeiros. Assim sendo, o adultério e a perda da virgindade são perigosos para o capital e para a transmissão legal da riqueza; por isso, o primeiro se toma crime e a segunda é valorizada como virtude suprema das mulheres jovens.

Em nossa sociedade, a reprodução da força de trabalho se faz pelo aumento do número de trabalhadores e, portanto, a procriação é considerada fundamental para o aumento do capital que precisa da mão-de-obra. Por esse motivo, toda sexualidade que não se realizar com finalidade reprodutiva será considerada anormal, perversa e doentia, donde a condenação do homossexualismo. A ideologia, porém, perderia sua força e coerência se dissesse essas coisas e por isso as silencia.

Parte inicial do Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels (em espanhol)

Burgueses y Proletários

La historia de todas las sociedades hasta nuestros días es la historia de las luchas de clases.

Hombres libres y esclavos, patricios y plebeyos, señores y siervos, maestros y oficiales, en una palabra: opresores y oprimidos se enfrentaron siempre, matuvieron una lucha constante, velada unas veces y otras franca y abierta; lucha que terminó siempre con la transformación revolucionaria de toda la sociedad o el hundimiento de las clases en pugna.

En las anteriores épocas históricas encontramos casi por todas partes una completa diferenciación de la sociedad en diversos estamentos, una múltiple escala gradual de condiciones sociales. En la antigua Roma hallamos patricios, caballeros, plebeyos y esclavos; en la Edad Media, señores feudales, vasallos, maestros, oficiales y siervos, y, además, en casi todas estas clases todavía encontramos gradaciones especiales.

La moderna sociedad burguesa, que ha salido de entre las ruinas de la sociedad feudal, no ha abolido las contradicciones de clase. Únicamente ha substituído las viejas clases, las viejas condiciones de opresión, las viejas formas de lucha por otras nuevas.

Nuestra época, la época de la burguesía, se distingue, sin embargo, por haber simplificado las contradicciones de clase. Toda la sociedad va dividiéndose, cada vez más, en dos grandes campos enemigos, en dos grandes clases, que se enfrentan directamente: la burguesía y el proletariado.

De los siervos de la Edad Media surgieron los vecinos libres de las primeras ciudades; de este estamento urbano salieron los primeros elementos de la burguesía.

El descubrimiento de América y la circunnavegación de África ofrecieron a la burguesía en ascenso un nuevo campo de actividad. Los mercados

de la India y de China, la colonización de América, el intercambio con las colonias, la multiplicación de los medios de cambio y de las mercancías en general imprimieron al comercio, a la navegación y a la industria un impulso hasta entonces desconocido y aceleraron, con ello, el desarrollo del elemento revolucionario de la sociedad feudal en decomposición.

La antigua organización feudal o gremial de la industria ya no podía satisfacer la demanda, que crecía con la abertura de nuevos mercados. Vino a ocupar su puesto la manufactura. El estamento medio industrial suplantó a los maestros de los gremios; la división del trabajo entre las diferentes corporaciones desapareció ante la división del trabajo en el seno del mismo taller.

Pero los mercados crecían sin cesar; la demanda iba siempre en aumento. Ya no bastaba tampoco la manufactura. El vapor y la maquinaria revolucionaron entonces la producción industrial. La gran industria moderna substituyó a la manufactura; el lugar del estamento medio industrial vinieron a ocuparlo los industriales millonarios – jefes de verdaderos ejércitos industriales –, los burgueses modernos.

La gran industria ha creado el mercado mundial, ya preparado por el descubrimiento de América. El mercado mundial aceleró prodigiosamente el desarrollo del comercio, de la navegación y de los medios de transporte por tierra. Este desarrollo influyó, a su vez, en el auge de la industria, y a medida que se iban extendiendo la industria, el comercio, la navegación y los ferrocarriles, desarrollábase la burguesía, multiplicando sus capitales y relegando a segundo término a todas las clases legadas por la Edad Media.

La burguesía moderna, como vemos, es ya de por sí fruto de un largo proceso de desarrollo, de una serie de revoluciones en el modo de producción y de cambio.

Canastitas en Serie

B. Traven

En calidad de turista en viaje de recreo y descanso, llegó a estas tierras de México Mr. E. L. Winthrop.

Abandonó las conocidas y trilladas rutas anunciadas y recomendadas a los visitantes extranjeros por las agencias de turismo y se aventuró a conocer otras regiones.

Como hacen tantos otros viajeros, a los pocos días de permanencia en estos rumbos ya tenía bien forjada su opinión y, en su concepto, este extraño país salvaje no había sido todavía bien explorado, misión gloriosa sobre la tierra reservada a gente como él.

Y así llegó un día a un pueblecito del estado de Oaxaca. Caminando por la polvorienta calle principal en que nada se sabía acerca de pavimentos y drenaje y en que las gentes se alumbraban con velas y ocotes, se encontró con un indio sentado en cuclillas a la entrada de su jacal.

El indio estaba ocupado haciendo canastitas de paja y otras fibras recogidas en los campos tropicales que rodean el pueblo. El material que empleaba no sólo estaba bien preparado, sino ricamente coloreado con tintes que el artesano extraía de diversas plantas e insectos por procedimientos conocidos únicamente por los miembros de su familia.

El producto de esta pequeña industria no le bastaba para sostenerse. En realidad vivía de lo que cosechaba en su milpita: tres y media hectáreas de suelo no muy fértil, cuyos rendimientos se obtenían después de mucho sudor, trabajo y constantes preocupaciones sobre la oportunidad de las lluvias y los raros solares. Hacía canastas cuando terminaba su quehacer en la milpa, para aumentar sus pequeños ingresos.

Era un humilde campesino, pero la belleza de sus canastitas ponían de manifiesto las dotes artísticas que poseen casi todos estos indios. En cada una se admiraban los más bellos diseños de flores, mariposas, pájaros, ardillas, antílopes, tigres y una veintena más de animales habitantes de la selva. Lo admirable era que aquella sinfonía de colores no estaba pintada sobre la canasta, era parte de ella, pues las fibras teñidas de diferentes tonalidades estaban entretejidas tan hábil y artísticamente, que los dibujos podían admirarse igual en el interior que en el exterior de la cesta. Y aquellos adornos eran

producidos sin consultar ni seguir previamente dibujo alguno. Iban apareciendo de su imaginación como por arte de magia, y mientras la pieza no estuviera acabada nadie podía saber cómo quedaría.

Una vez terminadas, servían para guardar la costura, como centros de mesa, o bien para poner pequeños objetos y evitar que se extraviaran. Algunas señoras las convertían en alhajeros o las llenaban con flores.

Se podían utilizar de cien maneras.

Al tener listas unas dos docenas de ellas, el indio las llevaba al pueblo los sábados, que eran días de tianguis. Se ponía en camino a medianoche. Era dueño de un burro, pero si éste se extraviaba en el campo, cosa frecuente, se veía obligado a marchar a pie durante todo el camino. Ya en el mercado, había de pagar un tostón de impuesto para tener derecho a vender.

Cada canasta representaba para él alrededor de quince o veinte horas de trabajo constante, sin incluir el tiempo que empleaba para recoger el bejuco y las otras fibras, prepararlas, extraer los colorantes y teñirlas.

El precio que pedía por ellas era ochenta centavos, equivalente más o menos a diez centavos moneda americana. Pero raramente ocurría que el comprador pagara los ochenta centavos, o sea los seis reales y medio como el indio decía. El comprador en ciernes regateaba, diciendo al indio que era un pecado pedir tanto. “¡Pero si no es más que petate que puede cogerse a montones en el campo sin comprarlo!, y, además, ¿para qué sirve esa cháchara?, deberás quedar agradecido si te doy treinta centavos por ella. Bueno, seré generoso y te daré cuarenta, pero ni un centavo más. Tómalos o déjalos.

Así, pues, en final de cuentas tenía que venderla por cuarenta centavos. Mas a la hora de pagar, el cliente decía: “Válgame Dios, si sólo tengo treinta centavos sueltos. ¿Qué hacemos? ¿Tienes cambio de un billete de cincuenta pesos? Si puedes cambiarlo tendrás tus cuarenta fierros.” Por supuesto, el indio no puede cambiar el billete de cincuenta pesos, y la canastita es vendida por treinta centavos.

El canastero tenía muy escaso conocimiento del mundo exterior, si es que tenía alguno, de otro modo hubiera sabido que lo que a él le ocurría pasaba a to-

das horas del día con todos los artistas del mundo. De saberlo se hubiera sentido orgulloso de pertenecer al pequeño ejército que constituye la sal de la tierra, y gracias al cual el arte no ha desaparecido.

A menudo no le era posible vender todas las canastas que llevaba al mercado, porque en México, como en todas partes, la mayoría de la gente prefiere los objetos que se fabrican en serie por millones y que son idénticos entre sí, tanto que ni con la ayuda que un microscopio podría distinguírseles. Aquel indio había hecho en su vida varios cientos de estas hermosas cestas, sin que ni dos de ellas tuvieran diseños iguales. Cada una era una pieza de arte único, tan diferente de otra como puede serlo un Murillo de un Reynolds.

Naturalmente, no podía darse el lujo de regresar a su casa con las canastas no vendidas en el mercado, así es que se dedicaba a ofrecerlas de puerta en puerta. Era recibido como un mendigo y tenía que soportar insultos y palabras desagradables. Muchas veces, después de un largo recorrido, alguna mujer se detenía para ofrecerle veinte centavos, que después de muchos regateos aumentaría hasta veinticinco. Otras, tenía que conformarse con los veinte centavos, y el comprador, generalmente una mujer, tomaba de entre sus manos la pequeña maravilla y la arrojaba descuidadamente sobre la mesa más próxima y ante los ojos del indio como significando: “Bueno, me quedo con esta chuchería sólo por caridad. Sé que estoy desperdiciando el dinero, pero como buena cristiana no puedo ver morir de hambre a un pobre indio, y más sabiendo que viene desde tan lejos.” El razonamiento le recuerda algo práctico, y deteniendo al indio le dice: “¿De dónde eres, indio?... ¡Ah!, ¿sí? ¡Magnífico! ¿Conque de esa pequeña aldea? Pues óyeme, ¿Podrías traerme el próximo sábado tres guajolotes? Pero han de ser bien gordos, pesados y mucho muy baratos. Si el precio no es conveniente, ni siquiera los tocaré, porque de pagar el común y corriente los compraría aquí y no te los encargaría. ¿Entiendes? Ahora, pues, ándale.”

Sentado en cuclillas a un lado de la puerta de su jacal, el indio trabajaba sin prestar atención a la curiosidad de Mr. Winthrop; parecía no haberse percatado de su presencia.

– ¿Cuánto querer por esa canasta, amigo? – dijo Mr. Winthrop en su mal español, sintiendo la necesidad de hablar para no aparecer como un idiota.

– Ochenta centavitos, patroncito; seis reales y medio – contestó el indio cortésmente.

– Muy bien, yo comprar – dijo Mr. Winthrop en un tono y con un ademán semejante al que hubiera

hecho al comprar toda una empresa ferrocarrilera. Después, examinando su adquisición, se dijo: “Yo sé a quién complaceré con esta linda canastita, estoy seguro de que me recompensará con un beso. Quisiera saber cómo la utilizará.”

Había esperado que le pidiera por lo menos cuatro o cinco pesos. Cuando se dió cuenta de que el precio era tan bajo pensó inmediatamente en las grandes posibilidades para hacer negocio que aquel miserable pueblecito indígena ofrecía para un promotor dinámico como él.

– Amigo, si yo comprar diez canastas, ¿qué precio usted dar a mí?

El indio vaciló durante algunos momentos, como si calculara, y finalmente dijo:

– Si compra usted diez se las daré a setenta centavos cada una, caballero.

– Muy bien, amigo. Ahora, si yo comprar un ciento, ¿cuánto costar?

El indio, sin mirar de lleno en ninguna ocasión al americano, y desprendiendo la vista sólo de vez en cuando de su trabajo, dijo cortésmente y sin el menor destello de entusiasmo:

– En tal caso se las vendería por sesenta y cinco centavitos cada una.

Mr. Winthrop compró dieciséis canastitas, todas las que el indio tenía en existencia.

Después de tres semanas de permanencia en la república, Mr. Winthrop no sólo estaba convencido de conocer el país perfectamente, sino de haberlo visto todo, de haber penetrado el carácter y costumbres de sus habitantes y de haberlo explorado por completo. Así, pues, regresó al moderno y bueno “Nuyorg” satisfecho de encontrarse nuevamente en un lugar civilizado.

Cuando hubo despachado todos los asuntos que tenía pendientes, acumulados durante su ausencia, ocurrió que un mediodía, cuando se encaminaba al restorán para tomar un emparedado, pasó por una dulcería y al mirar lo que se exponía en los aparadores recordó las canastitas que había comprado en aquel lejano pueblecito indígena.

Apresuradamente fue a su casa, tomó todas las cestitas que le quedaban y se dirigió a una de las más afamadas confiterías.

– Vengo a ofrecerle – dijo Mr. Winthrop al confitero – las más artísticas y originales cajitas, si así quiere llamarlas, y en las que podrá empacar los chocolates finos y costosos para los regalos más elegantes. Véalas y dígame qué opina.

El dueño de la dulcería las examinó y las encontró perfectamente adecuadas para cierta línea de lujo, convencido de que en su negocio, que tan bien conocía, nunca se había presentado estuche tan original, bonito y de buen gusto. Sin embargo, evitó cuidadosamente expresar su entusiasmo hasta no enterarse del precio y de asegurarse de obtener toda la existencia.

Alzando los hombros dijo:

– Bueno, en realidad no sé. Si me pregunta usted, le diré que no es esto exactamente lo que busco. En cualquier forma podríamos probar; desde luego, todo depende del precio. Debe usted saber que en nuestra línea, la envoltura no debe costar más que el contenido.

– Ofrezca usted – contestó Mr. Winthrop.

– ¿Por qué no me dice usted, en números redondos, cuánto quiere?

– Mire usted, Mr. Kemple, toda vez que he sido yo el único hombre suficientemente listo para descubrirlas y saber dónde pueden conseguirse, las venderé al mejor postor. Comprenda usted que tengo razón.

– Sí, sí, desde luego; pero tendré que consultar el asunto con mis socios. Véngame a ver mañana a esta misma hora y le diré lo que hayamos decidido.

A la mañana siguiente, cuando Mr. Winthrop entró en la oficina de Mr. Kemple, éste último dijo:

– Hablando francamente le diré que yo sé distinguir las obras de arte, y estas cestas son realmente artísticas.

En cualquier forma, nosotros no vendemos arte, usted lo sabe bien, sino dulces, por lo tanto, considerando que sólo podremos utilizarlas como envoltura de fantasía para nuestro mejor praliné francés, no podremos pagar por ellas el precio de un objeto de arte. Eso debe usted comprenderlo, señor... ¿Cómo dijo que se llamaba? ¡Ah!, sí, Mr. Winthrop. Pues bien, Mr. Winthrop, para mí solamente son una envoltura de alta calidad, hecha a mano, pero envoltura al fin. Y a hora le diré cuál es nuestra oferta, ya sabrá si aceptarla o no. Lo más que pagaremos por ellas será un dólar y cuarto por cada una y ni un centavo más. ¿Qué le parece?

Mr. Winthrop hizo un gesto como si le hubieran golpeado la cabeza.

El confitero, interpretando mal el gesto de Mr. Winthrop, dijo rápidamente:

– Bueno, bueno, no hay razón para disgustarse. Tal vez podamos mejorarla un poco, digamos uno cincuenta la pieza.

– Que sea uno setenta y cinco – dijo Mr. Winthrop respirando profundamente y enjugándose el sudor de la frente.

– Vendidas. Uno setenta y cinco puestas en el puerto de Nueva York. Yo pagaré los derechos al recibirlas y usted el embarque. ¿Aceptado?

– Aceptado – contestó Mr. Winthrop cerrando el trato.

– Hay una condición – agregó el confitero cuando Mr. Winthrop se disponía a salir –. Uno o dos cientos no nos servirían de nada, ni siquiera pagarían el anuncio. Lo menos que puede usted entregar son diez mil, o mil docenas si le parece mejor. Y, además, deben ser, por lo menos, en veinte dibujos diferentes.

– Puedo asegurarle que las puedo surtir en sesenta dibujos diferentes.

– Perfectamente. Y ¿está usted seguro que podrá entregar las diez mil en octubre?

– Absolutamente seguro – dijo Mr. Winthrop, y firmó el contrato.

Mr. Winthrop emprendió el viaje de regreso al pueblecito para obtener las doce mil canastas.

Durante todo el vuelo sostuvo una libreta en la mano izquierda, un lápiz en la derecha y escribió cifras y más cifras, largas columnas de números, para determinar exactamente qué tan rico sería cuando realizara el negocio. Hablaba solo y se contestaba, tanto que sus compañeros de viaje le creyeron trastornado.

“Tan pronto como llegue al pueblo – decía para sí –, conseguiré a algún paisano mío que se encuentre muy bruja y a quien le pagaré ochenta, bueno, diremos cien pesos a la semana. Lo mandaré a ese miserable pueblecito para que establezca en él su cuartel general y se encargue de vigilar la producción y de hacer el empaque y el embarque. No tendremos pérdidas por roturas ni por extravío. ¡Bonito, lindo negocio éste! Las cestas, prácticamente no pesan, así es que el embarque costará cualquier cosa, diremos cinco centavos pieza cuando mucho. Y por lo que yo sé no hay que pagar derechos especiales sobre ellas pero si los hubiere no pasarían de cinco centavos tampoco, y éstos los paga el comprador; así, pues, ¿cuánto llevo?...”

“Aquel indio tonto que no sabe ni lo que tiene me ofreció un ciento a sesenta y cinco centavos la pieza. No le diré en seguida que quiero doce mil para que no se avorace y conciba ideas raras y trate de elevar el precio. Bueno, ya veremos; un trato es un trato aún en esta república dejada de la mano de Dios. ¡República! ¡ihum!... y ni siquiera hay agua en los lavabos durante la noche. República... Bueno, después de todo yo no soy su presidente. Tal vez pueda lograr que rebaje cinco centavos más en el precio y que éste quede en sesenta centavos.

De cualquier modo y para no calcular mal diremos que el precio es de sesenta y cinco centavos, esto es, sesenta y cinco centavos moneda mexicana. Veamos... ¡Diablo! ¿dónde está ese maldito lápiz?...

Aquí... Bueno, el peso está en relación con el dólar a ocho y medio por uno, por lo tanto, sesenta y cinco centavos equivalen más o menos a ocho centavos de dinero de verdad. A eso debemos agregar cinco centavos por empaque y embarque, más, digamos diez centavos por gastos de administración, lo que será más que suficiente para pagar aquí y allá algo de extras. Quizás al empleado de correos y allá al agente del express para que active la expedición rápida y preferente.

“Ahora agreguemos otros cinco centavos para gastos imprevistos, y así estaremos completamente a salvo. Sumando todo ello... ¡Mal rayo! ¿Dónde está otra vez ese maldito lápiz?... ¡Vaya, aquí está!... La orden es por mil docenas. ¡Magnífico! Me quedan alrededor de veinte mil dólares limpiécitos. Veinte mil del alma para el bolsillo de un humilde servidor. ¡Caramba, sería capaz de besarlos! Después de todo, esta república no está tan atrasada como parece. En realidad es un gran país. Admirable. Se puede hacer dinero en esta tierra. Montones de dinero, siempre que se trate de tipos tan listos como yo.”

Con la cabeza llena de humo llegó por la tarde al pueblecito de Oaxaca. Encontró a su amigo indio sentado en el pórtico de su jacalito, en la misma postura en que lo dejara. Tal parecía que no se había movido de su lugar desde que Mr. Winthrop abandonara el pueblo para volver a Nueva York.

– ¿Cómo está usted, amigo? – saludó el americano con una amplia sonrisa en los labios.

El indio se levantó, se quitó el sombrero e, inclinándose cortésmente, dijo con voz suave:

– Bienvenido, patroncito, muy buenas tardes; ya sabe que puede usted disponer de mí y de esta su casa.

Volvió a inclinarse y se sentó, excusándose por hacerlo:

– Perdóneme, patroncito, pero tengo que aprovechar la luz del día y muy pronto caerá la noche.

– Yo ofrecer usted un grande negocio, amigo.

– Buena noticia, señor.

Mr. Winthrop dijo para sí:

– Ahora saltará de gusto cuando se entere de lo que se trata. Este pobre mendigo vestido de harapos jamás ha visto, ni siquiera ha oído, hablar de tanto dinero como el que le voy a ofrecer. – Y hablando en voz alta dijo –: ¿Usted poder hacer mil de esas canastas?

– ¿Por qué no, patroncito? Si puedo hacer veinte, también podré hacer mil.

– Tiene razón, amigo. Y cinco mil, ¿poder hacer?

– Por supuesto. Si hago mil, podré hacer cinco mil.

– ¡Magnífico! ¡Wonderful! Si yo pedir usted hacer doce mil, ¿cuál ser último precio? Usted poder hacer doce mil, ¿verdad?

– Desde luego, señor. Podré hacer tantas como usted quiera. Porque, verá usted, yo soy experto en este trabajo, nadie en todo el estado puede hacerlas como yo.

– Eso es exactamente que yo pensar. Por eso venir proponerle gran negocio.

– Gracias por el honor, patroncito. – ¿Cuánto tiempo usted tardar?

El indio, sin interrumpir su trabajo, inclinó la cabeza para un lado, primero; después, para el otro, tal como si calculara los días o semanas que tendría que emplear para hacer las cestas.

Después de algunos minutos dijo lentamente:

– Necesitaré bastante tiempo para hacer tantas canastas, patroncito. Verá usted, el petate y las otras fibras necesitan estar bien secas antes de usarse. En tanto se secan hay que darles un tratamiento especial para evitar que pierdan su suavidad, su flexibilidad y brillo. Aun cuando estén secas, deben guardar sus cualidades naturales, pues de otro modo parecerían muertas y quebradizas. Mientras se secan, yo busco las plantas, raíces, cortezas e insectos de los cuales saco los tintes. Y para ello se necesita mucho tiempo también, créame usted. Además, para recogerlas hay que esperar a que la luna se encuentre en posición buena, pues en caso contrario no darán el color deseado. También las cochinillas y demás insectos deben reunirse en tiempo oportuno para evitar que en vez de tinte produzcan polvo. Pero, desde luego, jefecito, que yo puedo hacer tantas de estas canastitas como usted quiera. Puedo hacer hasta tres docenas si usted lo desea, nada más déme usted el tiempo necesario.

– ¿Tres docenas?... ¿Tres docenas? – exclamó Mr. Winthrop gritando y levantando desesperado sus brazos al cielo. – ¿Tres docenas? – repitió, como si para comprender tuviera que decidir varias veces, pues por un momento creyó estar soñando.

Había esperado que el indio saltara de contento al enterarse que podría vender doce mil canastas a un solo cliente, sin tener necesidad de ir de puerta en puerta y ser tratado como un perro roñoso. Mr. Winthrop había visto cómo algunos vendedores de automóviles se volvían locos y bailaban como ningún indio lo hace, ni durante una ceremonia religiosa, cuando alguien les

Texto n° _____

Página: ____ / ____

compraba en dinero contante y sonante diez carros de una vez.

A pesar de la claridad con que el indio había hablado, él creyó no haber oído bien cuando aquél dijo necesitar dos largos meses para hacer tres docenas.

Buscó la manera de hacer comprender al indio lo que deseaba y el mucho dinero que el pobre hombre podría ganar cuando hubiera entendido la cantidad que deseaba comprarle.

Así, pues, esgrimió nuevamente el argumento del precio para despertar la ambición del indio.

– Usted decir si yo llevar cien canastas, usted dar por sesenta y cinco centavos. ¿Cierto, amigo ?

– Es lo cierto, jefecito.

– Bien, si yo querer mil, ¿cuánto costar cada una? Aquello era más de lo que el indio podía calcular. Se confundió y, por primera vez desde que Mr. Winthrop negara, interrumpió su trabajo y reflexionó. Varias veces movió la cabeza y miró en rededor como en demanda de ayuda. Finalmente dijo:

– Perdóneme, jefecito, pero eso es demasiado; necesito pensar en ello toda la noche. Mañana, si puede usted honrarme, vuelva y le daré mi respuesta, patroncito.

Cuando Mr. Winthrop volvió al día siguiente, encontró al indio como de costumbre, sentado en cuclillas bajo el techo de palma del pórtico, trabajando en sus canastas.

– ¿Ya calcular usted precio por mil? – le preguntó en cuanto llegó, sin tomarse el trabajo de dar los buenos días.

– Sí, patroncito. Buenos días tenga su merced. Ya tengo listo el precio, y créame que me ha costado mucho trabajo, pues no deseo engañarlo ni hacerle perder el dinero que usted gana honestamente...

– Sin rodeos, amigo. ¿Cuánto? ¿Cuál ser el precio? – preguntó Mr. Winthrop nerviosamente.

– El precio, bien calculado y sin equivocaciones de mi parte, es el siguiente: Si tengo que hacer mil canastas, cada una costará cuatro pesos; si tengo que hacer cinco mil, cada una costará nueve pesos, y si tengo que hacer diez mil, entonces no podrán valer menos de quince pesos cada una. Y repito que no me he equivocado.

Una vez dicho esto volvió a su trabajo, como si temiera perder demasiado tiempo hablando.

Mr. Winthrop pensó que, tal vez debido a sus pocos conocimientos de aquel idioma extraño, comprendía mal.

– ¿Usted decir costar quince pesos cada canasta si yo comprar diez mil?

– Eso es, exactamente, y sin lugar a equivocación, lo que he dicho, patroncito – contestó el indio cortés y suavemente.

– Usted no poder hacer eso, yo ser su amigo... – Sí, patroncito, ya lo sé y no dudo de sus palabras.

– Bueno, yo tener paciencia y discutir despacio. Usted decir yo comprar un ciento, costar sesenta y cinco centavos cada una.

– Sí, jefecito, eso es lo que dije. Si compra usted cien se las daré por sesenta y cinco centavitos la pieza, suponiendo que tuviera yo cien, que no tengo.

– Sí, sí, yo saber – Mr. Winthrop sentía volverse loco en cualquier momento –. Bien, yo no comprender por qué no poder venderme doce mil mismo precio. No querer regatear, pero no comprender usted subir precio terrible cuando yo comprar más de cien.

– Bueno, patroncito, ¿qué es lo que usted no comprende? La cosa es bien sencilla. Mil canastitas me cuestan cien veces más trabajo que una docena y doce mil toman tanto tiempo y trabajo que no podría terminarlas ni en un siglo. Cualquier persona sensata y honesta puede verlo claramente. Claro que, si la persona no es ni sensata ni honesta, no podrá comprender las cosas en la misma forma en que nosotros aquí las entendemos. Para mil canastitas se necesita mucho más petate que para cien, así como mayor cantidad de plantas, raíces, cortezas y cochinitas para pintarlas. No es nada más meterse en la maleza y recoger las cosas necesarias. Una raíz con el buen tinte violeta, puede costarme cuatro o cinco días de búsqueda en la selva. Y, posiblemente, usted no tiene idea del tiempo necesario para preparar las fibras. Pero hay algo más importante: Si yo me dedico a hacer todas esas canastas, ¿quién cuidará de la milpa y de mis cabras?, ¿quién cazará los conejitos para tener carne en domingo? Si no cosecho maíz, no tendré tortillas; si no cuido mis tierritas, no tendré frijoles, y entonces ¿qué comeremos?

– Yo darle mucho dinero por sus canastas, usted poder comprar todo el maíz y frijol y mucho, mucho más.

– Eso es lo que usted cree, patroncito. Pero mire: de la cosecha del maíz que yo siembro puedo estar seguro, pero del que cultivan otros es difícil. Suponga – mos que todos los otros indios se dedican, como yo, a hacer canastas; entonces ¿quién cuida el maíz y el frijol? Entonces tendremos que morir por falta de alimento.

– ¿Usted no tener algunos parientes aquí? – dijo Mr. Winthrop desesperado al ver cómo se iban esfumando uno a uno sus veinte mil dólares.

Texto n° _____

Página: ____ / ____

– Casi todos los habitantes del pueblo son mis parientes. Tengo bastantes.

– ¿No poder ellos cuidar su milpa y sus animales y usted hacer canastas para mí?

– Podrían hacerlo, patroncito; pero ¿quién cuidará entonces de las suyas y de sus cabras, si ellos se dedican a cuidar las mías? Y si les pido que me ayuden a hacer canastas para terminar más pronto, el resultado es el mismo. Nadie trabajaría las milpas, y el maíz y el frijol se pondrían por las nubes y no podríamos comprarlos y moriríamos. Todas las cosas que necesitamos para vivir costarían tanto que me sería imposible, vendiendo las canastitas a sesenta y cinco centavos cada una, comprar siquiera un grano de sal por ese precio. A hora comprenderá usted, jefecito, por qué me es imposible vender las canastas a menos de quince pesos cada una.

Mr. Winthrop estaba a punto de estallar, pero no quiso rendirse. Habló y regateó con el indio durante horas enteras, tratando de hacerle comprender cuán rico podría ser si aprovechaba la gran oportunidad de su vida.

– Piense usted, hombre, oportunidad maravillosa. Fué desprendiendo una por una las hojas de su libreta de apuntes llenas de números, tratando de demostrar al pobre campesino que llegaría a ser el hombre más rico de la comarca.

– Usted saber; realmente, usted poder tener un rollo de billetes así, con ocho mil pesos. ¿Usted comprender, amigo?

El indio, sin contestar, miró todas aquellas notas y cifras y vió con expresión de verdadero asombro cómo Mr. Winthrop escribía con toda rapidez números y más números, multiplicando y sustrayendo, y aquello parecióle un milagro.

Descubriendo un entusiasmo creciente en la mirada del indio, Mr. Winthrop malinterpretó su pensamiento y dijo:

– Allí tener usted, amigo; ésta ser cantidad usted tener si acepta el trato. Siete mil y ochocientos brillantes pesos de plata, y no creer yo soy tacaño, yo dar usted más cuando negocio terminado, yo regalar usted mil doscientos pesos más. Usted tener nueve mil pesos.

El indio, sin embargo, no pensaba en los miles de pesos; suma semejante carecía de sentido para él. Lo que le había interesado era la habilidad de Mr. Winthrop para escribir cifras con la rapidez de un relámpago. Esto era lo que lo tenía maravillado.

– Y a hora, ¿qué decir, amigo? ¿Ser buena mi proposición, no? Diga sí, y yo darle un adelanto de quinientos pesos, luego, luego.

– Como dije a usted antes, patroncito, el precio es aún de quince pesos cada una.

– Pero hombre – dijo a gritos Mr. Winthrop –, this is the same price..., quiero decir, ser mismo precio... have you been on the moon... en la luna... all the time?

– Mire, jefecito – dijo el indio sin alterarse –, es el mismo precio porque no puedo darle otro. Además, señor, hay algo que usted ignora. Tengo que hacer esas canastitas a mi manera, con canciones y trocitos de mi propia alma. Si me veo obligado a hacerlas por millares, no podré tener un pedazo del alma en cada una, ni podré poner en ellas mis canciones. Resultarían todas iguales, y eso acabaría por devorarme el corazón pedazo por pedazo. Cada una de ellas debe encerrar un trozo distinto, un cantar único de los que escucho al amanecer, cuando los pájaros comienzan a gorjear y las mariposas vienen a posarse en mis canastitas y a enseñarme los lindos colores de sus alitas para que yo me inspire. Y ellas se acercan porque gustan también de los bellos tonos que mis canastitas lucen. Y ahora, jefecito, perdóneme, pero he perdido ya mucho tiempo, aun cuando ha sido un gran honor y he tenido mucho placer en escuchar la plática de un caballero tan distinguido como usted, pero pasado mañana es día de plaza en el pueblo y tengo que acabar las cestas para llevarlas allá. Le agradezco mucho su visita. Adiosito.

Una vez de regreso en Nueva York, Mr. Winthrop, que sufría de alta presión arterial, penetró como huracán en la oficina privada del confitero, a quien externó sus motivos para deshacer el contrato explicándole furioso:

– ¡Al diablo con esos condenados indios; no comprenden nada, no se puede tratar negocio alguno con ellos! ¡Créame! No tienen remedio ni ellos ni es su país tan raro. Lo que me sorprende es que vivan, que puedan seguir viviendo en semejantes condiciones. No hay esperanzas para ellos, ni las habrá en muchos siglos, de veras, yo sé de qué hablo.

Nueva York no fue, pues, saturada de estas bellas y excelentes obras de arte, y así se evitó que en los botes de basura americanos aparecieran, sucias y despreciadas, las policromadas canastitas tejidas con poemas no cantados, con pedacitos de alma y gotas de sangre del corazón de un indio mexicano.

Você já ouviu falar em “LER”? Não é o ato de leitura, não. LER é uma sigla que dá nome a uma doença dos tempos modernos: “Lesão por Esforços Repetitivos”. Leia o texto abaixo, para saber como ela se manifesta, como as pessoas a adquirem.

Casos de LER

A maquiadora de bonecas

Antônia trabalhou quatro anos em uma fábrica pintando boquinhos e sobranceiras em bonecas. Seu posto era uma cabine estreita com pistolas de tinta e produtos químicos. Não via as companheiras de trabalho, às quais estava ligada pela esteira por onde passam as bonecas pintadas.

Dois anos maquiando 400 bonecas por dia e Antônia pifou. Passou a sentir uma dor horrível nos braços e sensação de um choque elétrico. “Começava no pulso e ia até os ombros”, ela diz.

Logo piorou. Suas mãos perderam a mobilidade. Deu de dormir mal, com dor. O médico da empresa diagnosticou tendinite – inflamação dos tendões – nos pulsos e antebraços.

E tenossinovite, estreitamento doloroso no revestimento dos tendões nos polegares.

A maquiadora foi encostada no INSS, ganhando dois salários mínimos, 80% do que recebia.

E ficou ainda sem benefícios, cesta básica ou seguro – saúde.

A contadora de dinheiro

Bartira foi por 18 anos caixa de um grande banco. Nos dias piores, fazia até 500 atendimentos. Há três anos começou a ter formigamento e sensação de peso e calor nos braços. A seguir, perdeu sensibilidade e forças nas mãos, teve de abandonar as tarefas domésticas. Num dia de janeiro do ano

passado, ao contar cédulas, o pior: a mão direita paralisou. “a dor era insuportável”, lembra.

O diagnóstico: tendinite do supra-espinhoso, inflamação no revestimento da junção do braço com o ombro. E inflamação nos revestimentos dos tendões dos músculos que estendem os dedos, localizados no dorso da mão. Afastada do serviço, ficou com 1,1 mil reais de salário pelo INSS – perdeu 300,00 da gratificação de caixa.

Agora está no centro de recuperação da seguridade social.

O acabador de chicotes

Um dia, Francisco estava no banho, passando sabão no braço esquerdo, quando o direito caiu e ficou aprumado para baixo, sem obedecer. “Senti que tinha chegado ao final”. Chamou a mulher: “Filha, vem me ajudar”. Francisco, 32 anos, vinha escondendo da mulher dores e paralisias repentinas na mão, que tinha aparecido quando era acabador manual de chicotes – a fiação que conduz eletricidade nos carros – para a Delphi Packard Eletric Sielim, em Betim, perto de Belo Horizonte. Francisco tem caroços no braço direito, na parte oposta ao cotovelo e na palma da mão, à altura dos encaixes dos dedos. Afastou-se do trabalho através do sindicato dos metalúrgicos e há quatro meses espera que o INSS lhe faça os primeiros pagamentos que compensarão, em parte, os 307 reais mensais que recebia.

(Transcrito de Atenção!, São Paulo, n.5, abr. 1996)

– Antônia e Bartira são nomes fictícios de pessoas com LER, lesões por esforços repetitivos. A revista Atenção! Entrevistou 65 trabalhadores com a doença. A maioria, como as duas, não quer aparecer em público. Pretendem voltar ao trabalho e têm medo de serem vistas como imprestáveis. Francisco é um nome real. As vítimas da LER contam uma mesma história: não existe um dos sonhos dos tempos modernos, o do novo ambiente de trabalho, limpo e feliz.

Qualificação e Requalificação: a serviço de quem?

Maristela M. Bárbara

O discurso de que as novas formas de produção exigem um trabalhador cada vez “mais instruído”, “mais qualificado” e assim, “superior”, é uma afirmação quase universalmente aceita na fala popular e acadêmica. Apesar de estes termos serem vagos e imprecisos, atualmente são utilizados como se houvesse consenso na compreensão do que significam.

O tempo necessário para um trabalhador aprender a operar uma máquina sofisticada pode ser umas poucas semanas e o trabalhador passa a ser considerado mais qualificado que um outro trabalhador que possui outros saberes, construído ao longo da vida, isto porque a valorização da qualificação está sempre atrelada às necessidades momentâneas do mercado, desta maneira, não traz qualquer garantia de emprego para o trabalhador que tenta acompanhar tais evoluções.

Esta definição cambiante do que é estar qualificado faz com que o trabalhador fique sem referência sobre o que é preciso fazer para garantir seu lugar. “O que se deixa aos trabalhadores é um conceito reinterpretado e dolorosamente inadequado de qualificação: uma habilidade específica, uma operação limitada e repetitiva, ‘a velocidade como qualificação’, ...hoje o trabalhador é considerado como possuindo uma ‘qualificação’ se ele ou ela desempenham funções que exigem uns poucos dias ou semanas de preparo” (Braverman, 1987, p. 375).

O desemprego cresce em todas as faixas de escolaridade, entretanto, o discurso dominante prega que o desemprego é causado pela falta de qualificação (formal ou técnica) do trabalhador, vinculando assim o desemprego à escolaridade deficiente.

Acreditando neste discurso, o trabalhador atribui a si a responsabilidade pela situação de desemprego, ou ameaça dele, e passa a procurar em sua história de vida explicações para sua situação, considerando-se com estudo insuficiente, ou sem alguma habilidade específica.

“Nesse contexto, é possível perceber qual o trabalho específico do discurso ideológico: realizar a lógica do poder fazendo com que as divisões e as diferenças apareçam como simples diversidade das condições de vida de cada um” (Chauí, 1982, p. 21).

O aperfeiçoamento do trabalhador é importante e necessário, pode ser condição primeira para qualquer trabalhador almejar disputar um posto de trabalho, mas não é por si só suficiente para acabar com o desemprego e a exclusão social. O desemprego mais do que nunca faz parte da estrutura da forma capitalista, deixou de ser eventual ou expressão de uma crise conjuntural. O trabalhador com a responsabilidade de qualificar-se e, ao mesmo tempo, sem referência do que seja qualificação, quando demitido, ou diante da ameaça de demissão, sente-se culpado por não ter estudado mais, isto independentemente do quanto tenha estudado até então, e sofre. “São levados a se considerar indignos da sociedade e, sobretudo, responsáveis pela sua própria situação, que julgam degradante (já que degrada) e até censurável. Eles se acusam daquilo de que são vítimas” (Forrester, 1997, p. 11).

A verdadeira democratização do conhecimento permitirá que cada um possa analisar de forma mais crítica e ampla seus determinantes históricos/sociais, chegando assim a um maior grau de consciência de si mesmo. Podemos dizer que cada um a partir daí terá, então, maior possibilidade de ação sobre o mundo e, assim, maior possibilidade de transformá-lo, pois, “Uma classe não pode existir na sociedade sem manifestar em algum grau uma consciência de si mesma como um grupo com problemas, interesses e expectativas comuns” (Braverman, 1987, p. 36).

Sem uma análise que leve em conta que as relações de produção, são estas, mas poderão ser outras, o trabalhador sofre duas vezes: uma pelas privações materiais e, outra, por colocar-se como responsável por seu próprio desemprego.

As transformações no mundo do Trabalho e Desemprego

Nivaldo R. Moretto

Você já deve ter notado que muito se fala e se escreve nos meios de comunicação, sobre as transformações no mundo do trabalho e suas conseqüências sobre o emprego, mas pouco tem sido realmente explicado sobre o assunto. Por exemplo: Por que as condições de produção são alteradas constantemente? Por que os trabalhadores sofrem as conseqüências ruins do processo? Enfim, se o avanço da tecnologia é bom para a sociedade por que causa a desgraça de milhões com desemprego? Essas são algumas das questões que podemos fazer diante das transformações em ocorrência no mundo, mas que não são suficientemente respondidas. Por isso, vamos tentar neste texto jogar alguma luz sobre esse tema buscando contribuir com seu entendimento.

Que vivemos numa sociedade capitalista todos sabemos, assim como, sabemos que o elemento central nesta sociedade é o lucro e o capital, não é? E que o bem-estar das pessoas vem em segundo plano não é assim? Se prestarmos bem atenção, veremos que o desenvolvimento humano parece subordinado ao desenvolvimento do capital. Isto significa que o desenvolvimento da sociedade depende do movimento do capital. O movimento do capital é de expansão constante, isto é, ao mesmo tempo em que se amplia com equipamentos e máquinas, movimenta-se em busca de novos mercados entrando nos setores produtivos (agricultura, indústria, serviços) e em todas as regiões do mundo. Por isso podemos dizer que o movimento do capital é o causador das mudanças nas bases produtivas. Mas, como e porque isso acontece? E o que o emprego tem a ver com isso? Vamos ver isso mais de perto.

Sociedade e mercadoria

Como você já deve ter notado, vivemos em uma sociedade de mercadoria. Cada vez mais tudo na vida tende a virar mercadoria. Pensamos

influenciados pela dinâmica da mercadoria. Quem produz as mercadorias, também sabemos, são os trabalhadores da cidade e do campo, não é? Mas, a propriedade das mercadorias pertence aos capitalistas, pois são eles os donos dos meios de produção utilizados para produzi-las. Assim, temos uma sociedade em que a imensa maioria trabalha para produzir o lucro da minoria.

Como a pequena parte da sociedade passou a dominar os meios de produção da vida de toda a sociedade é uma longa história que não vamos tratar aqui.

Então, os donos das empresas, visando a obtenção do lucro, organizam os trabalhadores na produção de mercadorias. Mas, os capitalistas concorrem entre si, cada qual buscando conquistar uma fatia maior do mercado. Neste movimento cada empresa se obriga a apresentar ao mercado uma mercadoria com preço melhor que a concorrente. Ou seja, os capitais individuais na disputa do mercado são obrigados a produzir mercadorias cada vez mais competitivas. Isso só é possível se conseguirem aumentar a produtividade.

A produtividade, por sua vez, depende do aumento de tecnologias (máquinas e equipamentos) e da organização dos trabalhadores na utilização dessas novas tecnologias. Tecnologia significa trabalho transformado em equipamentos e máquinas, a sua utilização, na ordem do capital, implica em redução de trabalhadores na produção, pois, produtividade significa aumento de produção sem aumento de trabalho. Ou seja, um número maior de mercadoria passa a ser produzido num tempo menor e com uma carga de trabalho, também, menor.

A evolução do emprego e da produtividade na indústria norte-americana, no século XX, ilustra bem o fenômeno. Em 1920, o emprego industrial correspondia a 45% do emprego urbano, mas, em 1945 havia sido reduzido para 35%

da força de trabalho e no ano 2000, enquanto a produção havia se multiplicado por várias vezes, o emprego nesse setor tinha caído para 17% da população trabalhadora.

O desenvolvimento capitalista no mundo se manifesta na constante transformação da sua base produtiva em que as formas de administrar a força de trabalho se alteram acompanhando as novas técnicas, mas, o objetivo central, continua o mesmo: o lucro.

Ao estudar o comportamento do capital ao longo do século XX podemos constatar que os elementos centrais de seu movimento são constituídos, de um lado, pela disputa entre os capitais, e de outro lado, pelo domínio do capital sobre o trabalho. Segundo Karl Marx, um dos maiores estudiosos do capital, a concorrência funciona como lei própria do capitalismo exigindo de cada capital um movimento de expansão contínuo. Ou seja, a concorrência impõe a cada capitalista a necessidade de expandir sempre seu patrimônio. É bom lembrar que um capitalista concorre com outros no mesmo ramo. Mantém-se no mercado aquele que consegue ampliar suas condições para produzir mais e com preços melhores que os concorrentes.

Padrões produtivos

Essa dinâmica imposta pelo mercado, ao forçar as empresas a modernizarem constantemente suas condições de produção, fez surgir o que se passou a chamar de padrões produtivos. Ou seja, conquistam mercado aqueles que conseguirem um determinado padrão de produção, possível, como já foi dito, com o aumento de tecnologia e reorganização dos trabalhadores na produção.

Podemos dizer que no século passado dois padrões produtivos se destacaram: o padrão fordista, até os primeiros anos de 1970, e, o padrão flexível, de meados de 1970 aos dias de hoje.

O fordismo possui duas fases. A primeira, que se gestou no decorrer da Segunda Revolução Industrial, teve início na fábrica de automóveis de Henry Ford, e concentrou-se no sistema produtivo e no processo de trabalho com a implantação da esteira rolante e o trabalho simplificado, rotineiro e

com ritmo imposto pela máquina. A data inicial do fordismo, adotada de forma simbólica é 1914, pois foi este o ano em que Ford implantou a jornada de trabalho de oito horas a cinco dólares na sua fábrica de automóveis.

O sistema fordista de produção se caracterizava, também, pela organização do trabalho com profunda divisão, tanto horizontal (parcelamento das tarefas) quanto vertical (separação entre concepção e execução), bem como a especialização do trabalho, o desenvolvimento da mecanização, e a produção em massa de bens padronizados.

Este período que vai dos anos de 1910 a 1945 foi bastante conturbado, com desemprego em massa, crises econômicas, revoluções proletárias e duas guerras mundiais. O desemprego, por exemplo, chegou durante os anos de 1920 entre 10% e 18% na Europa e durante os anos 1930 a 27% nos Estados Unidos e entre 20% e 45% na Europa. Era constante a luta da classe trabalhadora para conquistar melhores dias.

A segunda fase do fordismo emergiu após a Segunda Guerra Mundial quando a este sistema de produção se somou a proposta econômica de J. M. Keynes que pregava, de um lado, a ação interventora do Estado visando a estabilização do crescimento capitalista e, de outro lado, relações de trabalho e social em novas bases. A aliança entre o fordismo e a ação do Estado proposta por Keynes constituiu, finalmente, o padrão de desenvolvimento que expandiu-se pelo mundo até os primeiros anos de 1970.

O Estado proposto por Keynes agia diretamente na economia, desenvolvendo políticas para reduzir o desemprego e também se voltava para corrigir distorções provocadas pela lógica do mercado. Através do chamado Estado do Bem-Estar Social, distribuía à sociedade parte dos resultados do crescimento econômico. Este Estado era constituído por uma estrutura de seguridade social voltada a atender as necessidades previdenciárias, de saúde e de assistência social.

Por outro lado, as entidades sindicais atuavam como elementos de regulação, através do estabe-

lecimento do contrato coletivo de trabalho, que incluía, entre os itens mais importantes, os ganhos reais de salário.

Da crise do fordismo emerge o padrão flexível de produção

Este padrão de produção, que permitiu o grande desenvolvimento social nos países centrais¹ do sistema capitalista e a expansão do capital pelo mundo, entrou em crise nos anos 70. Desta crise o mundo viu emergir um novo padrão de produção do capital que ficou conhecido como padrão flexível.

Segundo os estudiosos do assunto, o padrão fordista e keynesiano entrou em crise justamente porque visava garantir o pleno emprego, o crescimento salarial e o desenvolvimento social. Pois, de acordo com a lei da oferta e da procura, diminuindo o número de trabalhadores no mercado, o valor geral do salário tende a aumentar. Assim, o crescimento do salário, como ocorria naquele período, fazia a taxa de lucro das empresas diminuir. E por outro lado, a intervenção do Estado garantindo a seguridade social, também tirava do capital parte do seu lucro, gerando, dessa maneira, a crise do capital. Ou seja, o capital não conseguia obter lucro suficiente para sua expansão contínua.

É por isso que o novo padrão flexível de produção se volta contra a legislação trabalhista e sindical e contra a intervenção do Estado na economia e na legislação social. O novo padrão de produção do capital exige liberdade de ação, exige flexibilização de todas as regras e leis que, para o capital, engessam o mercado.

O novo e atual padrão produtivo se caracteriza por três eixos centrais:

– **as transformações tecnológicas**, também denominada de Terceira Revolução Industrial por incorporar as máquinas computadorizadas;

– **mudanças na organização do trabalho e da produção;**

– **mudanças no comportamento em relação ao mercado** devido à intensificação da concorrência.

Este novo padrão produtivo que vem se desenvolvendo desde os anos 70 nos países centrais atingiu o Brasil, de forma mais visível, nos anos de 1990.

Este conjunto de mudanças, denominado de neoliberalismo, provoca em relação ao trabalho, forte reestruturação, caracterizada pela flexibilização de suas relações (legislação trabalhista), pelo desemprego elevado e pelos baixos salários.

Como você já deve ter percebido, das mudanças produtivas, a consequência mais séria causada aos trabalhadores é o desemprego, pois causa a desestruturação da vida das pessoas. Este, como se sabe, mesmo nos países centrais, explodiu nas últimas décadas. A título de exemplo citamos que na Europa Ocidental, a média de 1,5% dos anos sessenta, havia saltado para 4,2% na década de setenta e 9% no ano 2000. Em alguns países, segundo dados de 2003, chegam à taxa dos 10% como na França, 10,5% na Alemanha e 11,5% na Espanha.

No caso do Brasil, de 8,9% em 1989, havia saltado, segundo o Dieese², para 20% da População Economicamente Ativa nas regiões metropolitanas³ no ano de 2002.

Como vemos, o desemprego parece ser parte integrante da ordem do capital. Que organização social é essa que permite a desestruturação da vida de milhões de pessoas em benefício de uns poucos? Qual sua opinião sobre isso? E as perguntas iniciais deste breve texto, serão, agora, possíveis de responder? Que tal fazer um debate sobre este tema?

¹ Estados Unidos, Canadá, países da Europa Ocidental e Japão

² Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos.

³ São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre e Distrito Federal.

Os pescadores e a modernização

Simone C. Maldonado

O tempo do pescador é medido pelos ciclos da natureza, pelo decorrer dos dias e noites no ambiente marítimo e pelo comportamento das espécies. Na pesca tradicional os róis, sob a orientação dos capitães e mestres de pesca, dividem tarefas através do tempo de trabalho por eles estipulado. O senso de liberdade, tão caro aos homens do mar, está muito ligado à autonomia sobre o tempo, podendo-se mesmo dizer que decorre dela.



Dispondo do seu próprio cabedal de informações e de representações sobre o mar, as quais lhes têm viabilizado o acesso aos recursos marítimos, os pescadores as utilizam na avaliação de novos elementos tecnológicos. Desta forma, são plenamente capazes de opinar adequadamente a respeito do impacto desses elementos sobre o ambiente.

As inovações tecnológicas mais amplamente adotadas pela pesca tradicional fazem-se perceber pelos materiais sintéticos utilizados na confecção de redes e linhas de pescar e pela utilização de motores de botes. Tais inovações têm sido denominadas atualização da pesca artesanal.

Na costa da África, por exemplo, à pesca tradicional se incorporaram novos elementos, como as canoas motorizadas, os materiais sintéticos e as câmaras frigoríficas, que facilitaram o acesso ao mar e à comercialização do pescado.

Os pescadores catalães de Cap Lloc (Espanha), receberam os primeiros botes motorizados – tratava-se de uma frota industrial – com grande antagonismo. Neste lugar, as mulheres formaram uma verdadeira barreira humana para evitar que esses botes desembarcassem seu peixe. Tal rejeição se deu não só porque os botes e seus tripulantes eram de outros lugares, mas também devido à ameaça que representavam para as técnicas tradicionais de pesca e para o equilíbrio ecológico.

O alto preço da tecnologia ali introduzida também pareceu ameaçar a pesca simples, pelo fato de só ser acessível praticamente a indivíduos não-pescadores e ligados ao mercado de pescado. No entanto, justamente pela incorporação desses indivíduos à atividade pesqueira, mesmo como armadores, fizeram-se inserir-se na categoria de pescadores. Isso causou o surgimento de uma diferenciação até então inexistente ou pouco perceptível entre pescadores ricos e pobres. Tal distinção refletiu-se grandemente no domínio tecnológico e nos tipos de embarcação utilizados pelas duas categorias: a pesca industrial – utilizando barcos grandes, com tripulações de até doze homens – e a pesca tradicional, com seus pequenos botes de três tripulantes.

Nem sempre, porém, é somente negativa a relação entre os pescadores artesanais e as inovações tecnológicas. Em Ponta de Mato (município de Cabedelo, Paraíba) observou-se, em 1979, a introdução dos primeiros botes motorizados na pesca, viabilizada pela criação de uma cooperativa de pesca que se havia encarregado do financiamento dos motores. Ali se pescava à vela. Os primeiros botes motorizados que foram para Ponta de Mato não eram dos pescadores, pertenciam a uma empresa de pesca que se dedicava exclusivamente à captura da lagosta.

O relacionamento dos pescadores artesanais com a cooperativa e os elementos de modernização que vieram com a empresa de pesca modificaram, sem dúvida, os modos de pescar e as relações sociais em Ponta de Mato. Com a empresa vieram, além da frota motorizada, outros pescadores – os assalariados. Tendo-os como vizinhos e companheiros de ocupação, o aspecto das relações sociais do grupo de pescadores artesanais se modificou.

Muitos estudos têm tratado a questão da modernização segundo o ponto de vista do seu impacto sobre a organização social das comunidades de pescadores. Vários outros indicam que a incorporação de novos elementos à pesca tradicional tem levado a um certo grau de desestruturação das comunidades, a uma situação de desigualdade até então pouco perceptível e à perda de controle dos recursos marítimos e da pesca por parte dos pescadores, processo de expropriação que vem muito em decorrência da conseqüente interferência de indivíduos não-pescadores no processo de organização da produção e da comercialização do peixe.

Os elementos modernizadores têm ainda causado predação aos recursos marinhos através da sobrepesca de peixes e de outras espécies, como a baleia e a lagosta, o que ficou evidenciado no Japão, na Nova Inglaterra e na costa da Escócia.

Com a sobrepesca e o esgotamento de muitos recursos marítimos renováveis nos litorais dos países industrializados, muitas frotas de navios de pesca partem para as águas dos demais países, geralmente os menos desenvolvidos, inclusive atra-

vés de acordos comerciais com empresas já existentes ali, como os que foram estabelecidos pela Rússia com os governos de Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

De modo geral as frotas japonesas e européia pescam na costa africana, onde se confrontam com a pesca tradicional em Gana, Namíbia, Senegal. A pesca tradicional africana destina-se ao consumo doméstico, sendo também utilizada para as trocas por outros produtos. No entanto, isso tem se modificado a partir do contato com a pesca industrial, que tem implantado o uso de motores nos barcos e modernos materiais e técnicas de pesca, fazendo surgir novos portos de pesca e novas possibilidades de comercialização do peixe. Além disso, com

a penetração das frotas dos países industrializados, muitas unidades de pesca se arruinaram ou desapareceram e grandes áreas marítimas foram predadas.

A poluição e intervenção descuidada e ambiciosa dos ambientes também inviabilizam a existência de determinadas espécies e levam ao

desaparecimento de grupos de pescadores.

As áreas de praia onde geralmente estão situadas as comunidades de pesca artesanal têm sido ocupadas por empresas imobiliárias, turísticas e hoteleiras, o que afasta o pescador do contato sistemático e freqüente com o mar, elemento imprescindível à formação individual e à reprodução do grupo. Esse tipo de intervenção no ambiente também contribui grandemente para a desarticulação dos grupos e marginalização do pescador.



Uma breve história do computador

Hanan Sarkis Kanaan

Este trabalho apresenta uma pequena introdução sobre a história do computador. Veremos que a evolução desta máquina está relacionada com o desenvolvimento humano e a necessidade crescente de ter uma ferramenta para auxiliar nos cálculos matemáticos e, também, no gerenciamento de grande quantidade de informações. Esta necessidade pode ser sentida com o surgimento dos primeiros instrumentos de cálculo manuais.

Muito antes da invenção das “engenhocas” que são os computadores, ainda na Pré-história, quando o homem deixa de ser nômade e passa a adquirir hábitos sedentários, fixando-se em tribos e aldeias, tornou-se necessária a criação de um método para a contagem do tempo. Desta forma, seria possível definir a época do plantio e da colheita, e posteriormente controlar o armazenamento dos grãos.

Descobertas arqueológicas revelaram que por volta de 1700 a.C., no Oriente Médio, próximo a Babilônia, o homem já efetuava operações e cálculos matemáticos utilizando tabuadas de multiplicação feitas em argila.

Com o aumento das relações de comércio e a necessidade crescente em lidar com cálculos matemáticos maiores e mais complexos, sentiu-se a necessidade de se criar instrumentos para auxiliar o homem nos cálculos. Algumas calculadoras primitivas foram bastante populares no Oriente, e a

mais famosa delas foi o ábaco, desenvolvido aproximadamente em 1200 d. C na China. O ábaco era formado por fios paralelos e contas ou arruelas deslizantes que, conforme a sua posição, representavam a quantidade a ser calculada. O ábaco também teve outras versões, tais como o ábaco russo e o ábaco japonês, denominado Soroban.

Aproximadamente meio milênio depois, em 1614, o matemático escocês John Napier, inventor dos logaritmos, criou um conjunto de bastões que transformavam a multiplicação de dois números em uma soma. Em 1633, o sacerdote inglês Oughtred, aperfeiçoou os bastões de Napier, representando os logaritmos em escalas feitas de madeira ou marfim, chamando-as de Círculos de Proporção. Estes dispositivos deram origem à régua de cálculos, que permitia realizar rapidamente operações com logaritmos, que levariam horas. Esta régua foi muito popular entre engenheiros e cientistas e era tão útil que só foi aposentada muito recentemente, com a chegada das calculadoras eletrônicas de bolso. A régua de cálculo é considerada o primeiro computador analógico da história.

O primeiro dispositivo mecânico para realizar cálculos foi feito em 1642 pelo matemático e filósofo francês Blaise Pascal. A máquina de calcular de Pascal consistia de um sistema de engrenagens cujo movimento permitia realizar somas e subtrações quase que instantaneamente. Este princípio de funciona-



mento também foi utilizado até recentemente nos primeiros contadores do tipo taxímetro. Pascal recebeu uma patente do rei da França para comercializar a máquina. No entanto, o resultado obtido através da Pascalina, como ficou conhecida a máquina, não eram muito confiáveis, e Pascal chegou a desenvolver 50 versões diferentes para a máquina.

O invento seguinte coube ao matemático e filósofo alemão Von Leibnitz (1646-1716) que, baseado na máquina de Pascal, construiu outra mais aperfeiçoada que, além de somar e subtrair multiplicava e dividia através de somas e subtrações sucessivas. A operação da máquina de Leibnitz era, no entanto complicada e também sujeita a erros.

Em 1820, Charles Xavier Thomas, projetou e desenvolveu uma máquina capaz de efetuar as quatro operações matemáticas básicas e foi denominada Arithmometer. Esta foi à primeira calculadora comercializada com sucesso.

Todas as máquinas desenvolvidas até esse período realizavam apenas as quatro operações matemáticas básicas, e de maneira independente. A cada novo cálculo o operador da máquina deveria intervir, determinando as novas operações que seriam realizadas. Essas máquinas não eram programáveis.

As máquinas programáveis

No começo do século XIX, em plena revolução industrial inglesa, o matemático e engenheiro inglês Charles Babbage, projetou uma máquina de calcular bem diferente das que se conheciam até aquele momento. Sua máquina trazia uma inovação: ela contava com cartões perfurados que davam instruções à máquina. Pela primeira vez as máquinas podiam ser programadas para dar um resultado, e este resultado podia ser guardado para futuras operações. A máquina de Babbage não conseguiu financiamento público para ser construída. No final de dez anos ele conseguiu desenvolver uma pequena máquina, que representava apenas uma parte do projeto. Naquela época, o projeto de Babbage não atendia aos interesses econômicos dos capitalistas ingleses. Ainda não era clara, a utilidade real do computador na indústria e nem a possibilidade de lucrar

com este alto investimento. A figura abaixo apresenta a máquina projetada e idealizada por Babbage.

A companheira de Babbage, Ada Lovelace, criou programas para a máquina de Babbage e é considerada a primeira programadora de computador do mundo.



Aproveitando a idéia da máquina analítica de Babbage, Herman Hollerith, em 1880, desenvolveu um projeto para processar dados do censo, e o vendeu ao governo americano. A máquina de Hollerith levou sete anos para processar os dados do primeiro censo. Já o segundo censo, levou apenas dois anos para ser processado, o que mostra um avanço na tecnologia da época, resultado de investimentos em pesquisas na área de computadores.

A Inglaterra e os EUA se tornaram pioneiros no desenvolvimento de computadores. Ao longo do século XX, universidades e governos financiaram pesquisas, para o desenvolvimento e aprimoramento dessas máquinas, criando cada vez mais funções para elas. As primeiras aplicações foram em centros de pesquisa e nos serviços de inteligência dos governos, principalmente, em tempos de guerra. O computador podia ser utilizado para desenvolver estratégias militares e até rastrear exércitos inimigos.

O computador no século XX

O Eniac, desenvolvido na primeira metade do século XX, pode ser considerado o primeiro computador moderno. Ele funcionava através de válvulas e relés. Seu sistema continha aproximadamente 19 mil válvulas e consumia uma enorme quantidade de energia elétrica. O Eniac era capaz de realizar 500 multiplicações por segundo, mas ocupava muito espaço e gerava muito calor.

O Eniac atraiu a atenção do matemático John Neumann (que desenvolveu o projeto da primeira bomba atômica). Neumann imaginou que poderia introduzir novas instruções no computador sem alterar as suas ligações físicas. Em seguida, empenhou-se em instalar no interior do computador Mark I algumas instruções fixas (programas) que poderiam

ser acionadas quando fosse desejado. Este feito pode ser considerado o início da computação.

No ano seguinte à construção do Eniac, as válvulas puderam ser substituídas pelos transistores, que eram bem menores e muito mais confiáveis. Vários transistores podiam ser reunidos em uma única pastilha formando os chamados circuitos integrados.

Em meados da década de 70 vieram os primeiros microcomputadores. A construção destes só foi possível devido ao invento do minúsculo componente chamado microprocessador. Esta peça, do tamanho de um selo, era capaz de simular um grande computador, pois permitia a entrada de dados, seu processamento e uma saída. O microprocessador era acoplado a um conjunto de chips (pastilhas de silício passivas, que apenas armazenam informações na forma de sinais elétricos) e revolucionaram o mundo dos grandes computadores.



Na segunda metade do século XX, começam a ser desenvolvidos os computadores pessoais e paralelamente a internet, uma rede de comunicação que atendia inicialmente apenas os serviços de inteligência militar de países como EUA e Inglaterra, passa a se expandir. A própria internet é resultado de pesquisas na área de inteligência militar

Em 1975, foi desenvolvido o Basic, a primeira linguagem para computadores. No ano seguinte, era concluído o projeto do Apple I, o primeiro microcomputador feito para ser vendido em grande escala.

O computador teve um papel importante no processo de modernização do sistema produtivo e de prestação de serviços. Os capitalistas viam nessa nova invenção uma possibilidade de aumentar ainda mais seus lucros. O objetivo era inserir “máquinas inteligentes” programadas por computadores na cadeia produtiva. A idéia era substituir pessoas pelas

máquinas, o que poderia aumentar o ritmo da produção, reduzir o número de funcionários e aumentar os lucros.

Os bancos foram pioneiros a adotarem a máquina eletrônica na prestação de serviços aos seus clientes e o resultado foi devastador para os níveis de emprego. Milhares de bancários foram substituídos pelos serviços de auto-atendimento, oferecidos pelos bancos.

○ mundo por um fio

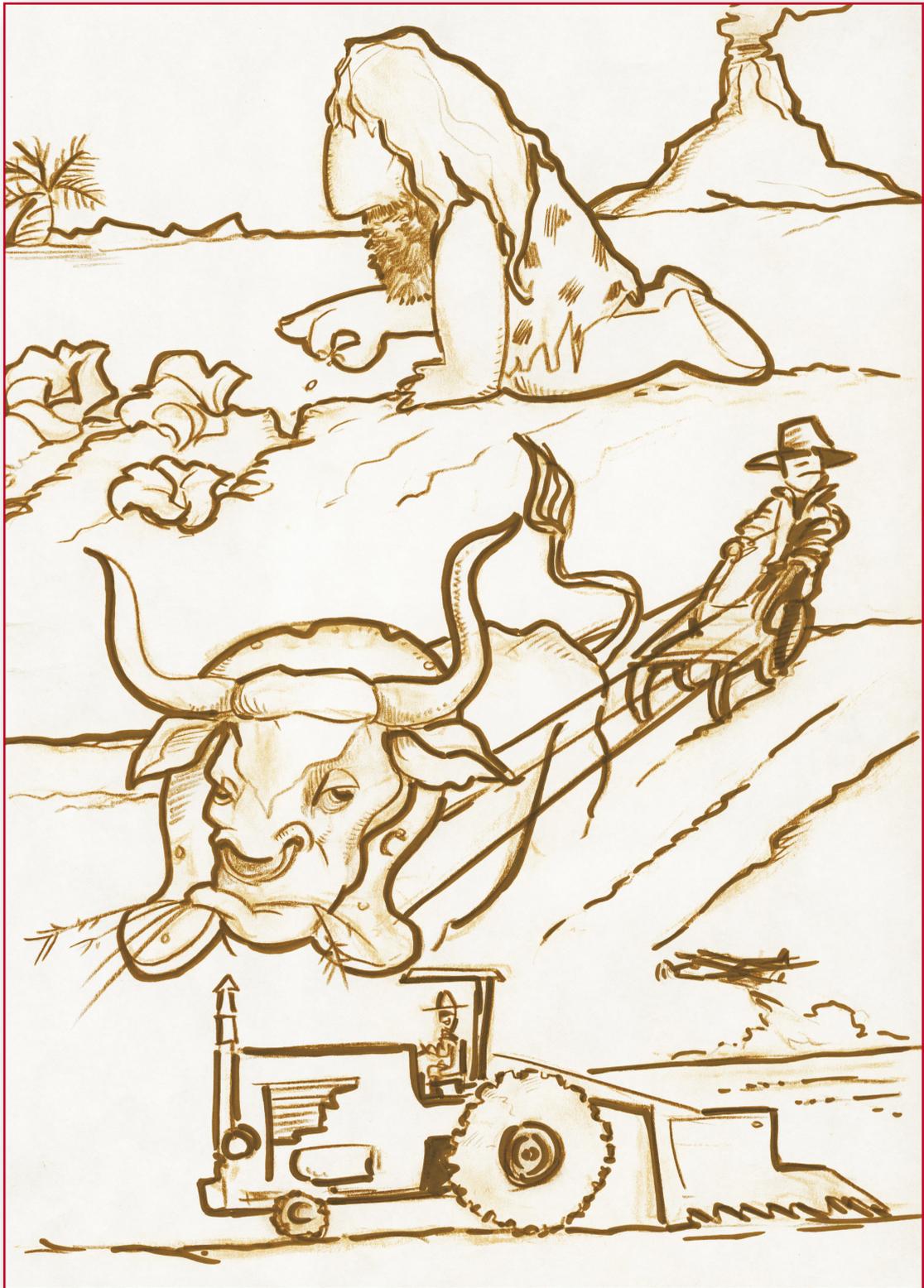
Atualmente, estamos participando de uma revolução tecnológica no sistema de comunicações. Os computadores podem agora sair do isolamento e se comunicar através de uma rede mundial de computadores, chamada internet. A internet era até a metade de década de 1980, restrita aos centros de pesquisa, a serviços de inteligência e departamentos de grandes corporações empresariais. Estimativas apontam que em 1995, ano de disseminação da rede no mundo, apenas 16 milhões de pessoas estavam conectadas. As previsões apontam que 1 bilhão de pessoas estejam conectadas em 2005.

A internet permite que qualquer pessoa que disponha de um computador e uma linha telefônica possa ter contato com qualquer outra pessoa conectada, em qualquer parte do mundo, em tempo real. Isto tem causado uma mudança radical nas relações pessoais, profissionais e de comércio. Tornou possível, entre outras coisas, a criação de empresas “virtuais”, a realização de conferências e reuniões com pessoas distantes e acesso a bancos de dados de qualquer parte do mundo.

No entanto, bilhões de pessoas no mundo todo ainda não se beneficiam desta rede de comunicação global. O acesso se concentra em algumas partes do mundo, como Europa, Oceania, regiões dos continentes americanos e asiáticos. A África é o continente que possui o menor número de pessoas conectadas na rede, e também é a região mais pobre economicamente do planeta.

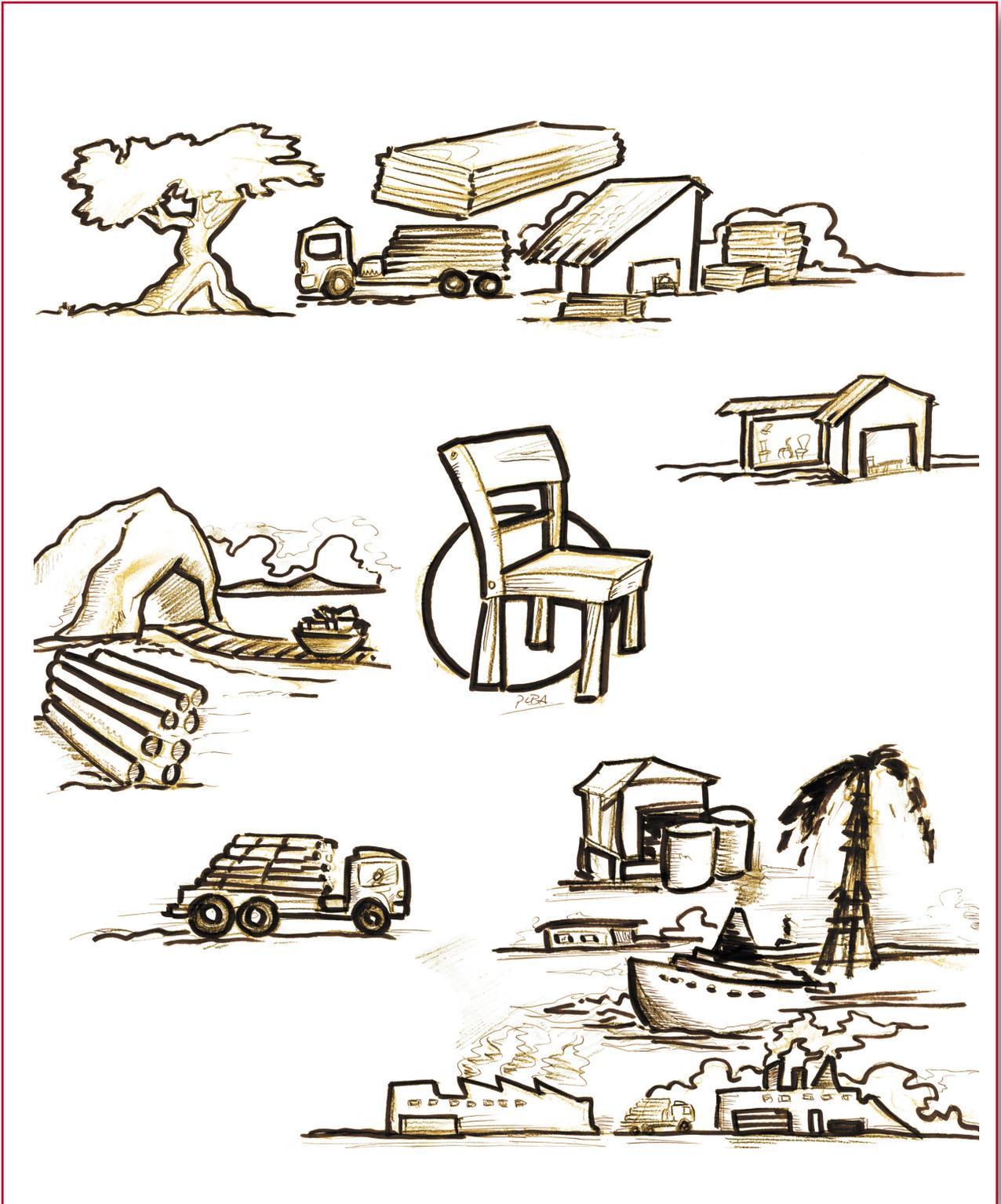
Texto n° _____

Página: ____ / ____



Texto n° _____

Página: ____ / ____



Paratodos

Chico Buarque de Holanda

O meu pai era paulista
meu avô, pernambucano
o meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
meu maestro soberano
foi Antônio Brasileiro

Foi Antônio Brasileiro
quem soprou esta toada
que cobri de redondilhas
pra seguir minha jornada
E com a vista enevoadas
ver o inferno e maravilhas

Nessas tortuosas trilhas
a viola me redime
Cria, ilustre cavalheiro
contra fel, moléstia, crime
use Dorival Caymmi
vá de Jackson do Pandeiro

Vi cidades, vi dinheiro
bandoleiros, vi hospícios
moças feito passarinho
avoando de edifícios
fume Ari, cheire Vinícius
beba Nelson Cavaquinho

Para um coração mesquinho
contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo
Pixinguinha é incontestes
tome Noel, Cartola, Orestes
Caetano e João Gilberto

Viva Erasmo, Ben, Roberto
Gil e Hermeto, palmas para
todos os instrumentistas
Salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethânia, Rita, Clara
Evoé, jovens a vista

O meu pai era paulista
meu avô pernambucano
o meu bisavô, mineiro
meu tataravô baiano
Vou na estrada há muitos anos
sou um artista brasileiro

Dificuldades para a busca da verdade

Marilena Chauí

Em nossa sociedade, é muito difícil des-
pertar nas pessoas o desejo de buscar a ver-
dade. Pode parecer paradoxal que assim seja,
pois parecemos viver numa sociedade que
acredita nas ciências, que luta por escolas,
que recebe durante 24 horas diárias infor-
mações vindas de jornais, rádios e televisões,
que possui editoras, livrarias, bibliotecas, mu-
seus, salas de cinema e de teatro, vídeos, fo-
tografias e computadores.

Ora, é justamente essa enorme quanti-
dade de veículos e formas de informação que
acaba tornando tão difícil a busca da verdade,
pois todo mundo acredita que está recebendo,
de modos variados e diferentes, informa-
ções científicas, filosóficas, políticas, artísti-
cas e que tais informações são verdadeiras,
sobretudo porque tal quantidade informativa
ultrapassa a experiência vivida pelas pessoas,
que, por isso, não têm meios para avaliar o
que recebem.

Bastaria, no entanto, que uma mesma
pessoa, durante uma semana, lesse de ma-
nhã quatro jornais diferentes e ouvisse três
noticiários de rádio diferentes; à tarde, fre-
qüentasse duas escolas diferentes, onde os
mesmos cursos estariam sendo ministrados;
e, à noite, visse os noticiários de quatro ca-
nais diferentes de televisão, para que, com-
parando todas as informações recebidas,
descobrisse que elas “não batem” umas com
as outras, que há vários “mundos” e várias

“sociedades” diferentes, dependendo da fon-
te de informação.

Uma experiência como essa criaria
perplexidade, dúvida e incerteza. Mas as
pessoas não fazem ou não podem fazer tal
experiência e por isso não percebem que,
em lugar de receber informações, estão
sendo desinformadas. E, sobretudo, como há
outras pessoas (o jornalista, o radialista, o
professor, o médico, o policial, o repórter)
dizendo a elas o que devem saber, o que
podem saber, o que podem e devem fazer
ou sentir, confiando na palavra desses “emis-
sores de mensagens”, as pessoas se sentem
seguras e confiantes, e não há incerteza por-
que há ignorância.

Uma outra dificuldade para fazer surgir
o desejo da busca da verdade, em nossa so-
ciedade, vem da propaganda.

A propaganda trata todas as pessoas
crianças, jovens, adultos, idosos como crian-
ças extremamente ingênuas e crédulas. O
mundo é sempre um mundo “de faz-de-con-
ta”: nele a margarina fresca faz a família bo-
nita, alegre, unida e feliz; o automóvel faz o
homem confiante, inteligente, belo, sedutor,
bem-sucedido nos negócios, cheio de namo-
radas lindas; o desodorante faz a moça bo-
nita, atraente, bem empregada, bem vestida,
com um belo apartamento e lindos namora-
dos; o cigarro leva as pessoas para belíssimas
paisagens exóticas, cheias de aventura e de

Texto n° _____

Página: ____ / ____

negócios coroados de sucesso que terminam com lindos jantares à luz de velas.

A propaganda nunca vende um produto dizendo o que ele é e para que serve. Ela vende o produto rodeando-o de magias, belezas, dando-lhe qualidades que são de outras coisas (a criança saudável, o jovem bonito, o adulto inteligente, o idoso feliz, a casa agradável, etc.), produzindo um eterno “faz-de-conta”.

Uma outra dificuldade para o desejo da busca da verdade vem da atitude dos políticos nos quais as pessoas confiam, ouvindo seus programas, suas propostas, seus projetos enfim, dando-lhes o voto e vendo-se, depois, ludibriadas, não só porque não são cumpridas as promessas, mas também porque há corrupção, mau uso do dinheiro público, crescimento das desigualdades e das injustiças, da miséria e da violência.

Em vista disso, a tendência das pessoas é julgar que é impossível a verdade na política, passando a desconfiar do valor e

da necessidade da democracia e aceitando “vender” seu voto por alguma vantagem imediata e pessoal, ou caem na descrença e no ceticismo.

No entanto, essas dificuldades podem ter o efeito oposto, isto é, suscitar em muitas pessoas dúvidas, incertezas, desconfianças e desilusões que as façam desejar conhecer a realidade, a sociedade, a ciência, as artes, a política. Muitos começam a não aceitar o que lhes é dito. Muitos começam a não acreditar no que lhes é mostrado. E, como Sócrates em Atenas, começam a fazer perguntas, a indagar sobre fatos e pessoas, coisas e situações, a exigir explicações, a exigir liberdade de pensamento e de conhecimento.

Para essas pessoas, surge o desejo e a necessidade da busca da verdade. Essa busca nasce não só da dúvida e da incerteza, nasce também da ação deliberada contra os preconceitos, contra as idéias e opiniões estabelecidas, contra crenças que paralisam a capacidade de pensar e de agir livremente.



Cultura, Natureza e Ação Humana

João dos Reis da Silva Jr.

A cultura se constitui a partir de situações concretas, vivenciadas por homens e mulheres concretos, pertencentes a este ou àquele povo, a esta ou àquela classe, em determinado território, num regime político A ou B, dentro desta ou daquela realidade econômica. Sendo assim, somente se poderá dizer o que é cultura em sociedade, na qual os homens relacionam-se entre si buscando a produção/reprodução da vida.

Em outras palavras, a cultura é algo que não se existe apenas no plano do teórico das artes, das ciências, mas também no plano da sensibilidade, da ação, do trabalho, do cotidiano da vida.

Na verdade, o ser humano não existe, exclusivamente, como conhecedor de dados e informações culturais da vida, do trabalho e do seu dia-a-dia. O homem é também principalmente um agente de cultura, ele produz cultura quando vive em qualquer situação, seja no trabalho, seja no futebol, ainda que, muitas vezes, não saiba que faz, a todo instante de sua vida, cultura.

É agente cultural de atividade incessante, seja caçando, seja ordenhando vacas, seja operando computadores, tornos, capinando, extraindo seu sustento da terra com uma ferramenta nas mãos.

São agentes da cultura tanto o lavrador quanto o diplomata.

Quando, porém, se procura extrair desta realidade viva um conceito único e universal de cultura, a dificuldade surge e se agiganta.

Como saberei falar o que é cultura então?

Podemos dizer que cultura é tudo aquilo que não é natureza. Por sua vez, toda ação humana na natureza e na sociedade é cultura.

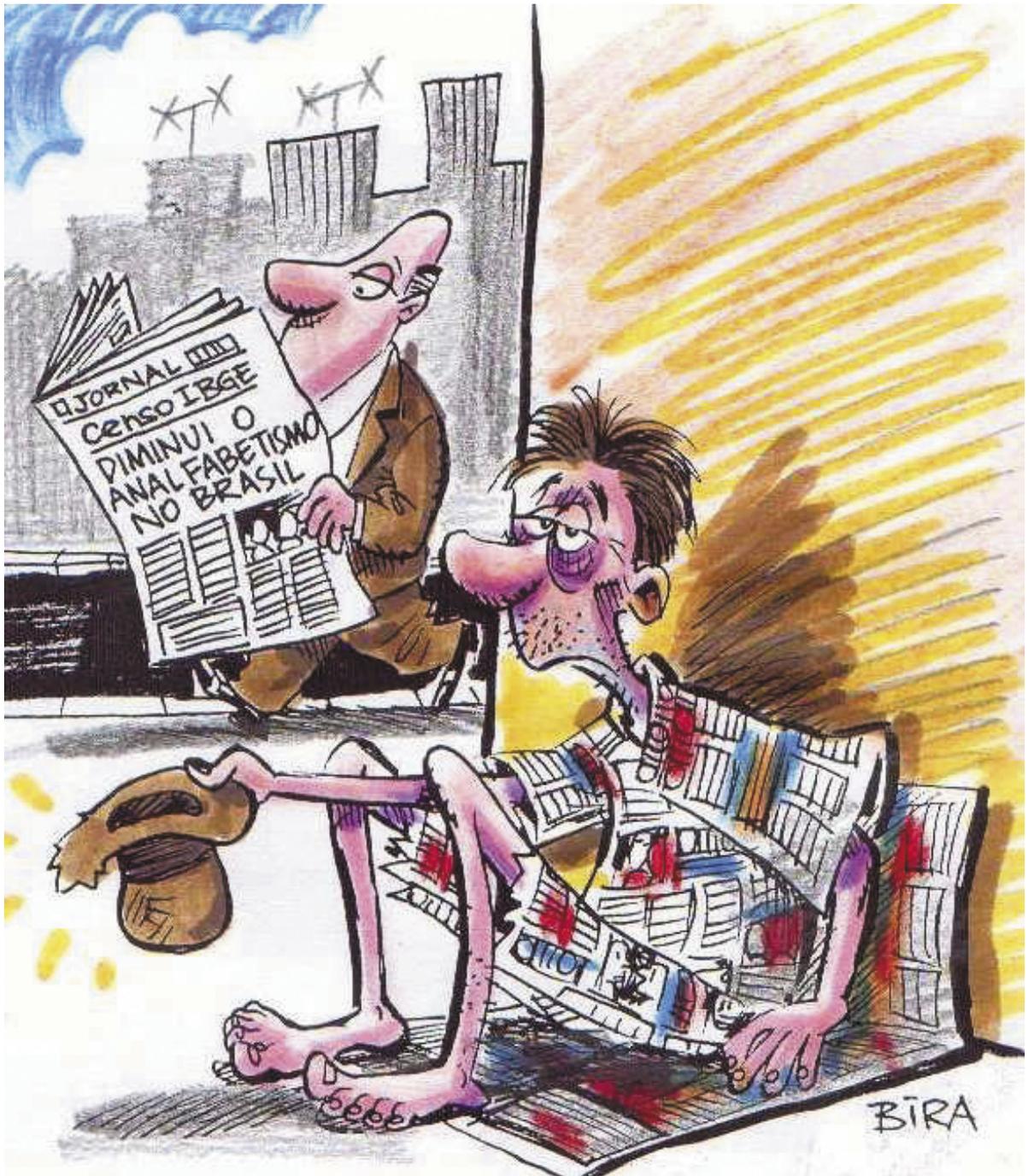
O mar é natureza, mas a navegação – ação do homem – é cultura. As árvores são natureza, mas o papel que delas provém, por meio do trabalho humano, é cultura.* A fome do ser humano é biológica, mas a maneira



de se alimentar (arroz com feijão, vatapá, açaí, peixe ou lanches McDonalds) é cultura, o frio sentido por nossos corpos no inverno é natureza, mas como nos vestimos para nos proteger (calça jeans, camiseta, blusa de lã) é cultura, a necessidade de nos locomovermos é natureza, mas os meios que utilizamos para fazê-lo (sobre os próprios pés, com uma bicicleta, com um fusca, montado em cavalo ou de carro importado com motorista) são cultura. Enfim, podemos afirmar que tudo que é produzido pelo homem é cultura, assim, a sociedade dividida em classes sociais como produção humana, também é cultura.

Texto n° _____

Página: ____ / ____



Textos para Reflexão

Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. Provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história. Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um

componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana.

Nenhuma tribo ou comunidade é ou jamais foi uma ilha, e o mundo, uma totalidade de processos interligados ou sistemas, não é e nunca foi uma soma de grupos humanos e culturas independentes. O que se manifesta como imutável e auto reprodutor não é somente o resultado do enfrentamento do processo constante e complexo de tensões internas e externas, mas muitas vezes produto de transformação histórica.

Eric Wolf

“(…) um primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história (é) que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de “fazer história”. Mas, para viver, é necessário antes de mais nada beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se, etc. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um ato histórico, de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos.

(…) O segundo ponto a considerar é que uma vez satisfeita a primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento utilizado para tal conduzem a novas necessidades e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro fato histórico. (…)

(…) Os homens têm uma história pelo fato de serem obrigados a produzir a sua vida e de terem de fazê-lo de um determinado modo: esta necessidade é uma consequência da sua organização física; o mesmo acontece com a sua consciência”.

Marx e Engels. A Ideologia Alemã.

Texto n° _____

Página: ____ / ____



Se a massa de cidadãos tem alguma importância, então a política precisa ser um processo de mobilização, mesmo que esta seja simbólica, como no ato de sair de casa e ir votar. Em muitos aspectos, o sistema dos meios de comunicação tomou o lugar dessa mobilização. Em certo sentido, os meios de comunicação não acreditam na sociedade, mas apenas nos indivíduos. Eles estabelecem um relacionamento direto com cada pessoa, domicílio por domicílio. Tradicionalmente, o processo eleitoral exigia uma mobilização coletiva dos militantes a fim de influenciar os eleitores. Hoje, nada disso é necessário. Teoricamente, é perfeitamente possível para um líder individual dirigir-se a todos por intermédio dos meios de comunicação. Já é tecnicamente possível votar sem sair de casa, usando o controle remoto da sua televisão. No entanto, a importância simbólica do processo eleitoral, que mobiliza os cidadãos ao menos por um dia, é, na minha opinião, essencial para se manter unida a sociedade e proporcionar-lhe o sentimento de ser uma comunidade com direitos e deveres.

Eric Hobsbawn. O Novo Século. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.



Eu, etiqueta

Carlos Drumond de Andrade

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório
um nome ...estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nessa vida,
em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produtos
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo.
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso dos outros, tão mim mesmo,
ser pensante sentinte e solitário
com outros seres diversos e conscientes

de sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio
ora vulgar ora bizarro.

Em língua nacional ou em qualquer língua
(Qualquer, principalmente.)
e nisto me comprazo, tiro glória
de minha anulação.
Não sou – vê lá – anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,
que moda ou suborno algum a compromete.
onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiosincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam
e cada gesto, cada olhar,
cada vinco de roupa
sou gravado de forma universal,
saio da estamperia, não de casa,
da vitrine me tiram, recolocam,
objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo de outros
objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisamente.

Texto n° _____

Página: ____ / ____

Bem no Fundo

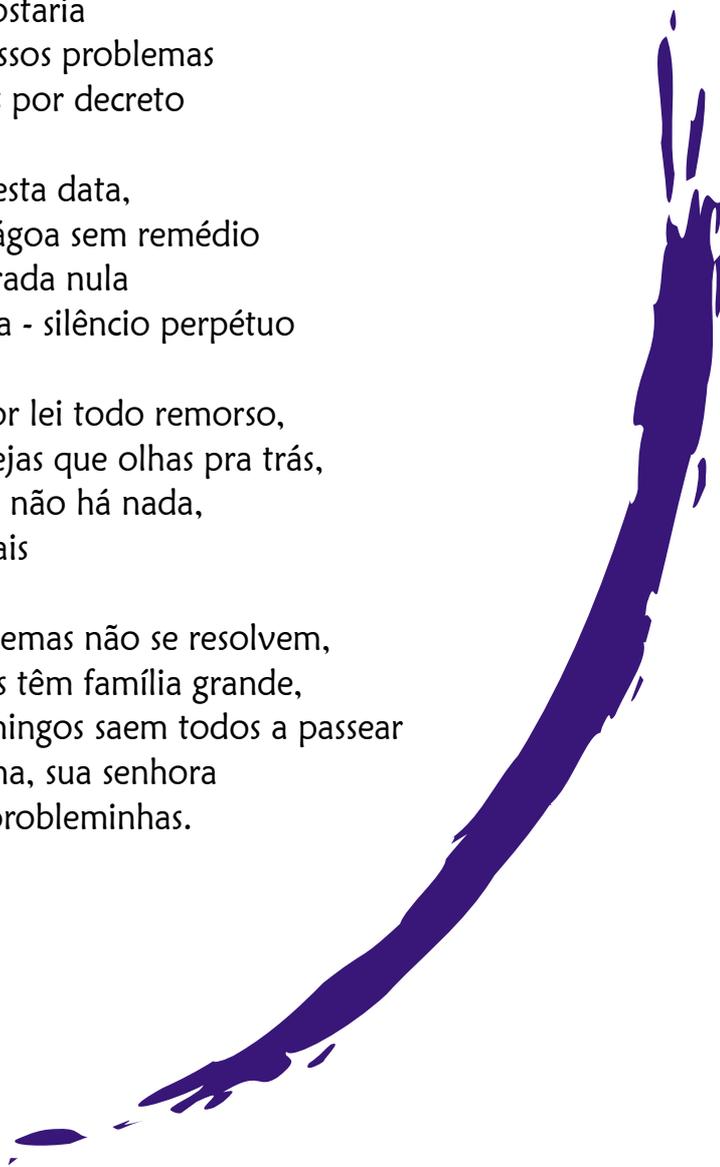
Paulo Leminski

No fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto

a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela - silêncio perpétuo

extinto por lei todo remorso,
maldito sejas que olhas pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros probleminhas.



Natureza e Cultura

Marilena Chauí

No pensamento ocidental, Natureza possui vários sentidos:

- princípio de vida ou princípio ativo que anima e movimenta os seres. Nesse sentido, fala-se em “deixar agir a Natureza” ou “seguir a Natureza” para significar que se trata de uma força espontânea, capaz de gerar e de cuidar de todos os seres por ela criados e movidos. A Natureza é a substância (matéria e forma) dos seres;

- essência própria de um ser ou aquilo que um ser é necessária e universalmente. Neste sentido, a natureza de alguma coisa é o conjunto de qualidades, propriedades e atributos que a definem, é seu caráter ou sua índole inata, espontânea. Aqui, Natureza se opõe às idéias de accidental (o que pode ser ou deixar de ser) e de adquirido por costume ou pela relação com as circunstâncias;

- organização universal e necessária dos seres segundo uma ordem regida por leis naturais. Neste sentido, a Natureza se caracteriza pelo ordenamento dos seres, pela regularidade dos fenômenos ou dos fatos, pela frequência, constância e repetição de encaixamentos fixos entre as coisas, isto é, de relações de causalidade entre elas. Em outros termos, a Natureza é a ordem e a conexão universal e necessária entre as coisas, expressas em leis naturais;

Texto n° _____

Página: ____ / ____

- tudo o que existe no Universo sem a intervenção da vontade e da ação humanas. Neste sentido, Natureza opõe-se a artificial, artefato, artifício, técnico e tecnológico. Natural é tudo quanto se produz e se desenvolve sem qualquer interferência humana;

- conjunto de tudo quanto existe e é percebido pelos humanos como o meio e o ambiente no qual vivem. A Natureza, aqui, tanto significa o conjunto das condições físicas onde vivemos, quanto aquelas coisas que contemplamos com emoção (a paisagem, o mar, o céu, as estrelas, terremotos, eclipses, tufões, erupções vulcânicas, etc.). A Natureza é o mundo visível como meio ambiente e como aquilo que existe fora de nós, mesmo que provoque idéias e sentimentos em nós;

- para as ciências contemporâneas, a Natureza não é apenas a realidade externa, dada e observada, percebida diretamente por nós, mas é um objeto de conhecimento construído pelas operações científicas, um campo objetivo produzido pela atividade do conhecimento, com o auxílio de instrumentos tecnológicos. Neste sentido, a Natureza, paradoxalmente, torna-se algo que passa a depender da interferência ou da intervenção humana, pois o objeto natural é construído cientificamente.

Esse último sentido da idéia de Natureza indica uma diferença entre a concepção comum e a científica, pois a primeira considera a Natureza nos cinco primeiros significados que apontamos, enquanto a segunda considera a Natureza como uma noção ou um conceito produzido pelos próprios homens e, nesse caso, como artifício, artefato, construção humana. Em outras palavras, a própria idéia de Natureza tornou-se um objeto Cultural.

Texto n° _____

Página: ____ / ____

Cultura

Darcy Ribeiro

Além dos seres vivos e da matéria cósmica existem, também, coisas culturais, muitíssimo mais complicadas. Chama-se cultura tudo o que é feito pelos homens, ou resulta do trabalho deles e de seus pensamentos. Por exemplo, uma cadeira está na cara que é cultural porque foi feita por alguém. Mesmo o banquinho mais vagabundo, que mal se põe em pé, é uma coisa cultural. É cultura, também, porque foi feita pelos homens, uma galinha. Sem a intervenção humana, que criou os bichos domésticos, as galinhas, as vacas, os porcos, os cabritos, as cabras não existiriam. Só haveria animais selvagens.

A minhoca criada para produzir humo é cultural, eu compreendo. Mas a lombriga que você tem na barriga é apenas um ser biológico. Ou será, ela também, um ser cultural? Cultural não é, porque ninguém cria lombrigas. Elas é que se criam e se reproduzem nas suas tripas.

Uma casa qualquer, ainda que material, é claramente um produto cultural, porque é feita pelos homens. A mesma coisa se pode dizer de um prato de sopa, de um picolé ou de um diário. Mas estas são coisas de cultura material, que se pode ver, medir, pesar.

Há, também, para complicar, as coisas da cultura imaterial, impropriamente chamadas de espiritual muitíssimo mais complicadas. A fala, por exemplo, que se revela quando a gente conversa, e que existe independentemente de qualquer boca falante, é criação cultural.

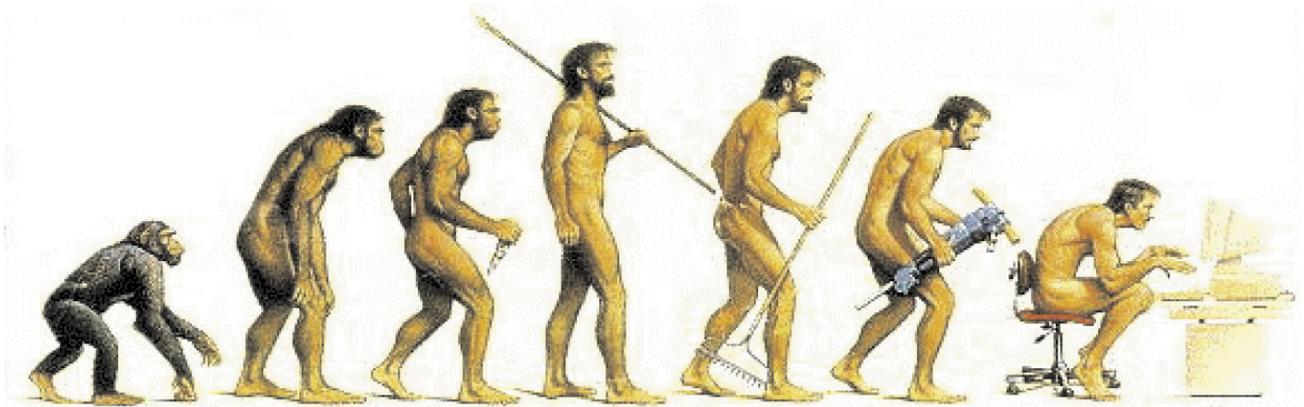
Aliás, a mais importante. Sem a fala, os homens seriam uns macacos, porque não poderiam se entender uns com os outros, para acumular conhecimento e mudar o mundo como temos mudado.

A fala está aí, onde existe gente, para qualquer um aprender. Aprende-se, geralmente, a da mãe. Se ela é uma índia, aprende-se a falar a fala dos índios, dos Xavantes, por exemplo. Se ela é uma carioca, professora, moradora da Tijuca, a gente aprende aquele português lá dos tujucanos. Mas, se você trocar a filhinha da índia pela filhinha da professora, e criar, bem ali, na praça Saens Penã, ela vai crescer como uma menina qualquer, tujucana, dali mesma. E vice-versa, o mesmo ocorre se a filha da professora for levada para a aldeia Xavante: ela vai crescer lá, como uma xavantina perfeita – falando a língua dos Xavantes e xavanteando muito bem, sem nem saber que há tujucanos.

Além da fala, temos as crenças, as artes, que são criações culturais, porque inventadas pelos homens e transmitidas uns aos outros através das gerações. Elas se tornam visíveis, se manifestam, através de criações artísticas, ou de ritos e práticas – o batizado, o casamento, a missa em que a gente vê os conceitos e as idéias religiosas ou artísticas, ajuda a gente de alguma forma? Sei não. Se não ajuda, diverte. É melhor que decorar um dicionário, ou aprender datas. Você não acha?

Evolução dos Meios de Comunicação

Adriano Larentes da Silva



Fonte: http://www.geocities.com/Athens/Sparta/1350/evolucao_comunic.htm

Ao longo de milhares de anos, homens e mulheres construíram diferentes formas de comunicar-se entre si e com o mundo a sua volta.

Inicialmente, a oralidade foi um dos principais meios usados para transmissão de conhecimentos e informações e também uma maneira eficiente de muitas comunidades registrarem os principais acontecimentos do seu cotidiano. Nestes casos, como ocorre até hoje em várias partes do mundo, os membros mais velhos do grupo desempenhavam a importante função de guardiões da memória do seu povo, repassando-a às novas gerações.

Com o tempo, paralelo ao uso da fala, o homem foi desenvolvendo outras maneiras de se comunicar, como desenhos em rochas e utensílios (pictografias), bem como uma escrita mais elaborada, com o desenvolvimento do alfabeto, o que possibilitou um registro maior e mais detalhado das atividades do dia-a-dia.

Ao fazer seus registros em argila, em papiro, pergaminhos e outros tipos de materiais o homem abriu caminho para que as informações

pudessem ser levadas de um canto ao outro sem a necessidade da presença física dos antigos guardadores de história. No entanto, mesmo com essa mudança, a comunicação entre os grupos humanos, principalmente os mais distantes, dependia diretamente de inúmeros trabalhadores, os quais eram responsáveis por fazer chegar as mensagens aos seus destinos.

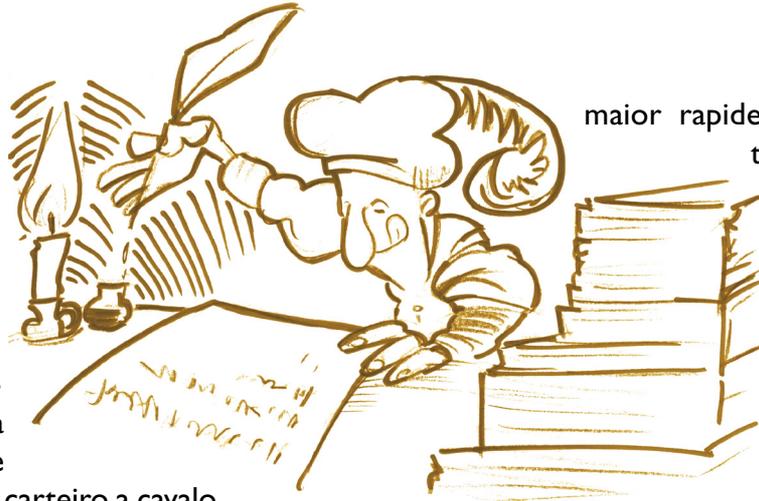
Na Grécia antiga, por volta do ano 490 antes de Cristo, o mensageiro Pheidípides teria sacrificado sua vida ao percorrer a pé os 40 quilômetros entre as cidades de Maratona e Atenas para levar a notícia da vitória grega sobre os persas. Esse episódio acabou dando origem à Maratona, presente nos Jogos Olímpicos desde o final do século 19.

Já na China, desde o século 1º antes de Cristo, havia um sistema muito eficiente de comunicação graças à construção de estradas e acessos, bem como postos de coleta e distribuição de cartas. Esse sistema evoluiu de tal maneira que séculos mais tarde, os correios chineses dividiam-se em três categorias: a pé, a cavalo e

expresso. “As cartas enviadas a pé e a cavalo percorriam em geral 70 quilômetros diariamente; as cartas expressas adotavam um sistema semelhante a uma corrida de revezamento de hoje em dia, isto é, o carteiro a cavalo corria sem parar dia e noite, com tempo bom ou ruim e em cada estação postal trocavam-se os carteiros e os cavalos.” Os carteiros do correio expresso levavam chocalhos com sinos pendurados durante o dia e uma tocha à noite para que todos os passantes, quer viajantes comuns quer soldados do exército, abrissem caminho o mais rápido possível. Estima-se que uma carta expressa podia percorrer até 300 quilômetros por dia.

Portanto, a agilidade na comunicação entre os grupos humanos dependia diretamente das características geográficas de cada região, das condições das estradas, dos meios de transporte e das demais condições materiais existentes em cada sociedade. Da mesma forma, eram extremamente importantes o aperfeiçoamento de meios de comunicação já existentes e o desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias.

Neste sentido, um grande salto para a difusão de informações e conhecimentos foi dado no século 15, final do período medieval, pelo alemão João Gutenberg que aperfeiçoou a técnica de impressão com tipos móveis, inventando e desenvolvendo uma máquina de fundição de tipos e os tipos vazados em caracteres individuais de cobre. Após a invenção de Gutenberg, considerado o pai da imprensa moderna, textos e documentos que antes levavam meses para serem manuscritos ou copiados, tarefa esta até então desempenhada por um grupo restrito de pessoas, podiam agora ser impressos com



maior rapidez. Além disso, esses textos passaram a ser impressos em línguas locais, rompendo com o monopólio do latim e dos letrados sobre a cultura escrita.

Neste mesmo período, outro acontecimento que

colaborou para o encurtamento das distâncias e do tempo foram as Grandes Navegações. Estas colocaram frente a frente sociedades bastante diferentes entre si, num contato em que prevaleceu, a ferro e a fogo, a voz e a cultura dos dominadores. Foi esta lógica que predominou nas relações estabelecidas entre os povos do Novo e do Velho Mundo durante mais de cinco séculos de história. Com isso, coube aos últimos desenvolver suas tecnologias, enquanto boa parte dos primeiros apenas as importavam, pagando muito caro por elas. Foi o que ocorreu na área de telecomunicações desde a invenção do telégrafo, do telefone, do rádio e, mais tarde, da televisão, do satélite e do computador. O mesmo também se deu na área dos transportes, com a construção de estradas e ferrovias e a utilização de modernos aviões.

As comunicações no Brasil

No Brasil, as inovações tecnológicas que possibilitaram uma maior agilidade nas comunicações só tornaram-se realidade após a vinda da família real, no início do século 19. A partir de então o país, especialmente a cidade do Rio de Janeiro, passou a contar com jornais impressos que circulavam com uma periodicidade regular, bem como com um serviço postal mais eficiente. Mesmo assim, uma carta enviada para a Europa podia demorar meses para chegar a seu destino.

A circulação das informações nas áreas mais distantes e em todo interior do país con-

tinuou extremamente lenta até o início do século 20, quando o cinema e mais tarde o rádio tornaram-se veículos importantes de comunicação. Até este período, a igreja e a cidade eram os principais lugares onde a população buscava saber sobre o que se passava na sociedade.

Com a abertura de salas de cinema em várias cidades e com a implantação do rádio no Brasil, a partir da década de 1920, as informações passaram a circular mais rapidamente. Nos cinemas, as notícias dos últimos acontecimentos eram transmitidas geralmente antes do início de cada sessão. Já através do rádio podia-se ouvir notícias do mundo todo e, em alguns casos, até captar o sinal de emissoras instaladas em outros países. Nos primeiros tempos, porém, somente as famílias com maior poder aquisitivo podiam adquirir os aparelhos receptores, devido a seu alto custo. Com isso, a solução encontrada pelas camadas populares era dirigir-se a estabelecimentos comerciais ou a casa de amigos e conhecidos para ouvir notícias e novelas. Esta realidade só mudaria décadas mais tarde com o processo de urbanização, com o aparecimento dos rádios portáteis e com a instalação das primeiras emissoras de televisão no Brasil.

Na televisão, as notícias, novelas e outros programas radiofônicos, poderiam agora ser

visualizados pela população. No entanto, assim como ocorreu com o rádio, este veículo de comunicação só se popularizou muitos anos após seu surgimento. Inicialmente, nos anos 50 e 60, as transmissões eram em preto e branco e só nos anos 70 passaram a ser em cores. Hoje a televisão é, juntamente com o rádio, o maior veículo de comunicação de massa do país, com milhões de telespectadores em todo o território nacional.

A partir dos anos 80 e principalmente os anos 90, outro meio de comunicação que começou a tornar-se popular no Brasil foi o computador. Usado inicialmente por empresas e órgãos públicos, este aparelho hoje virou um bem de consumo desejado por muitas famílias e já está presente em milhares de lares em todo o país. Com a ajuda do computador e também graças ao desenvolvimento da Internet, as comunicações tor-

naram-se ainda mais ágeis e capazes de interligar, em segundos, regiões distintas do planeta.

Todas essas transformações das tecnologias e das comunicações, portanto, foram fundamentais para a aceleração do tempo e para o encurtamento dos espaços na sociedade. Apesar disso, ainda estamos muito longe de termos meios de comunicação que estejam verdadeiramente a serviço da grande maioria da população.



Tecnologia: uma criação humana

Luís Gabriel Angenot

Neste texto buscaremos desconstruir o mito de superioridade do computador em relação à inteligência humana. Buscaremos ainda ampliar a visão de tecnologia para além dos aparelhos eletro-eletrônicos, como também perceber o ser humano como produtor de tecnologias.

Para ajudar nossa reflexão veremos a seguir uma pequena história.

Certa vez uma pessoa foi a uma repartição pública de cadastramento de imóveis verificar a situação da regulamentação do terreno e da casa que era proprietária. Durante o atendimento, o funcionário foi conferindo com ela as dimensões e características exatas da propriedade acessando a base de dados de um computador. A pessoa ficou muito impressionada de como podia o funcionário saber de tudo aquilo, sem ele nunca ter ido ao local averiguar. Quando o funcionário perguntou à pessoa se havia alguma

dúvida, ela não pensou duas vezes e disse: o senhor poderia me dizer, olhando aí no computador, de quem é a bicicleta que deixaram hoje em frente da minha casa?

A tecnologia tem poderes mágicos?

O pequeno fato descrito acima denuncia que muitas pessoas ainda atribuem poderes sobrenaturais aos computadores, como se ele fosse uma bola de cristal, uma fonte infinita de conhecimento. Mas, essas pessoas não têm nenhuma obrigação de saber o que realmente é, visto tratar-se de um equipamento desnecessário no seu

cotidiano. Mas o problema está quando se assume posição de inferioridade em relação à máquina, chegando a divinizá-la.

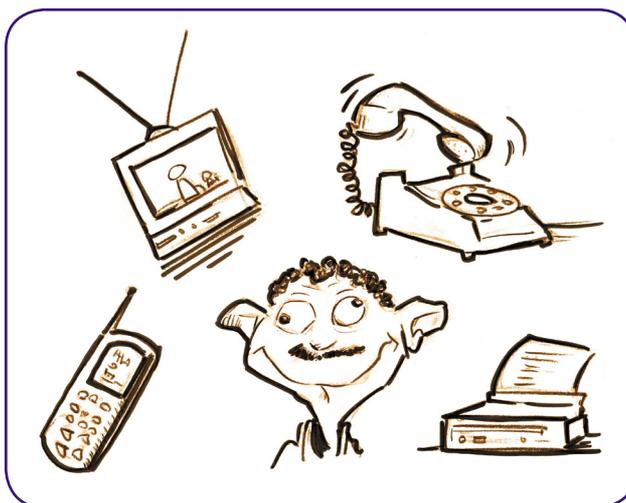
O computador é uma máquina inventada pela sociedade, resultado da acumulação de conhecimento produzido no decorrer da sua história. Ele funciona articulando placas formadas com circuitos complexos e peças de pequeníssimo tamanho, que ao combinar e calcular números, forma um código que aparece no visor simbolizado por uma letra ou imagem. Assim, o que se vê na tela do computador são símbolos que têm por

trás vários números. E as informações contidas no computador como aquelas ditas pelo funcionário, são colocadas pela pessoa que o programou.

Os primeiros computadores criados na primeira metade do séc. XX, eram imensas máquinas que ocupavam o espaço equivalente a algumas salas de

aula. Com o passar do tempo surgiram novas formas de construí-lo e seu tamanho foi sendo diminuído até chegar ao da máquina que se vê atualmente, por exemplo, nas repartições públicas: um Microcomputador. A palavra Micro quer dizer pequeníssimo e Computador é aquele ou aquilo que computa. Computar quer dizer contar, calcular.

O Microcomputador é isso, explicado de forma resumida. Uma pequena máquina de computar, se comparado aos primeiros modelos de computadores. E não um objeto de adivinhação. É



a mais avançada máquina criada pela humanidade que realiza rapidamente, complicadas operações matemáticas. Ele foi inventado para armazenar dados e transmiti-los a outros computadores, quando conectados entre si. O computador pode ser assim uma fonte de informação, que é bom frisar que não é infinita, como também pode ser um transmissor de informação ou meio de comunicação, desde que se tenha a estrutura necessária para realizar a comunicação.

A tecnologia é criação humana para um determinado fim. O computador é uma criação humana, uma tecnologia destinada ao processamento de dados. Chamamos de tecnologia a apropriação do conhecimento sobre o processo de imaginar uma coisa, construí-la e saber usar essa coisa para produzir a vida humana.

Tomamos o microcomputador como um dos vários exemplos que há de tecnologia. Mas o que parece ser rudimentar para a produção da vida de uma sociedade pode não ser para outras. A tecnologia pode ser ultrapassada ou não dependendo do local, das condições com que esta é utilizada, como também dependerá da finalidade a que se destina: para a produção da subsistência ou para enriquecimento. Pois se for para a segunda opção, a tecnologia empregada na produção deverá ser a mais avançada para obter resultados lucrativos.

Se um agricultor produz para a subsistência dele e de sua família: a enxada, a foice, o machado e o arado movido a tração animal, podem ser um aparato tecnológico suficiente. Mas caso ele queira produzir para acumular riqueza, ele precisará de uma tecnologia que proporcione maior produção como: tratores, caminhões, maior espaço de terras e contratar outras pessoas para trabalhar para ele.

Normalmente quando se fala em tecnologia, logo lembramos de diversos aparelhos eletrônicos; das grandes e complexas máquinas robóticas utilizadas nas fábricas: computadores,

foguetes, satélites, carros modernos, laser, naves espaciais, robôs, etc. e não sabemos que o ato de escrever usando uma simples folha de papel e um lápis é estar usando uma tecnologia que revolucionou a comunicação e o registro na história da humanidade.

Se atualmente para uma parte da sociedade essa tecnologia não é mais a única ferramenta utilizada na comunicação, existe outra parcela que ainda não aprendeu a ler nem escrever, situação que impossibilita usar essa tecnologia e que para isso precisa ser ensinada, ou seja, alfabetizada. Para se usar o computador não é diferente, é necessário também um ensino específico. Da mesma forma que existe a auto-escola para ensinar a dirigir carros e motos, a escola de aviação para pilotar avião, etc. Mas tem tecnologias que aprendemos a usar no nosso cotidiano, no ambiente do trabalho, que não exige a realização de um curso e nós nem nos damos conta disso.

Toda pessoa tem a possibilidade de aprender qualquer coisa desde que tenha condições e oportunidades para isso. Em qualquer lugar do mundo cada pessoa aprende coisas, se apropria de tecnologias que lhe são necessárias à sua sobrevivência: seja no campo ou na cidade, na selva, nas regiões geladas ou nas desérticas. Não só tem a capacidade de aprender a usar tecnologias como também criar novas tecnologias.

Então o computador é uma tecnologia, uma criação humana, utilizada como ferramenta de trabalho aplicada para inúmeros fins, menos para o de adivinhar coisas.

Todo conhecimento sobre qualquer tecnologia tem seu grau de importância dentro da construção da estrutura da sociedade que possibilita a produção de nossas vidas. Quem sabe usar o computador pode não saber como fazer renda de bilro, usar um engenho movido a tração animal para fazer farinha ou açúcar, usar uma zaratana, um arco e flecha, navegar num barco à vela ou a motor, etc.

A Crise Ecológica: a necessidade de restabelecer os vínculos com a natureza

Toda economia baseada nos valores do mercado repousa, por definição, no predomínio do valor de troca sobre o valor de uso. Dessa maneira, a produção capitalista é antes de mais nada uma produção visando à produção. No sistema produtivo artesanal do período medieval tardio (séculos XVII e XVIII), em que o valor de troca já desempenhava um papel importante, o objetivo principal da produção era a garantia da subsistência, portanto, o valor de uso de cada produto e/ou objeto fabricado. A produção era, por causa disto, sempre subordinada a um dado consumo. Buscava abastecer uma determinada demanda e se expandia apenas lentamente. Nesse tipo de economia, o ato social de trabalho não tinha outra finalidade senão o consumo, ou seja, a satisfação das necessidades sociais. O advento do capitalismo (século XIX) veio transformar radicalmente o sentido desse ato, fazendo da produção social seu próprio fim. O modo de produção capitalista instaurou o produtivismo, e com ele o consumismo, ambos, elementos determinantes da crise ecológica que põe em risco o nosso planeta.

No curso da história, avanços na produtividade inevitavelmente modificam o padrão de consumo, bem como a maneira pela qual são utilizados, tanto os bens a serem consumidos quanto os instrumentos com os quais são produzidos. Tais avanços, além do mais, afetam profundamente a natureza da atividade produtiva em si, determinando também a proporção segundo a qual o tempo disponível integral de uma determinada sociedade será distribuído entre a atividade necessária para o seu intercâmbio metabólico básico com a natureza e todas as outras funções e atividades nas quais se engajam os indivíduos da sociedade em questão. Assim, como resultado da absurda reversão

dos avanços produtivos em favor dos produtos de rápido consumo e da dissipação destrutiva de recursos, o “capitalismo avançado” tende a impor à humanidade o mais perverso tipo de existência imediatista (Mészáros).

Somos agora 6 bilhões, a cada quatro dias somos 1 milhão a mais. As modificações naturais, que antes ocorriam em períodos de milênios, hoje, com o forte impacto das modernas tecnologias, podem ocorrer em períodos brevíssimos.

Pela primeira vez na história da humanidade, defrontamo-nos com algumas crises que podem comprometer todo planeta. O problema demográfico, a possível alteração permanente da atmosfera e do clima, o risco de conflito nuclear e o esgotamento dos recursos energéticos são os quatro aspectos mais gritantes de uma crise global (ambiental, energética, econômica), que compromete todo o equilíbrio biológico e é a consequência lógica de uma utilização insensata dos recursos terrestres (considerados, erroneamente, inesgotáveis), da natureza (considerada, erroneamente, um sistema capaz de reparar eternamente os danos que sofre) e do homem (considerado, erroneamente, apto a resistir incólume às agressões químicas e psicológicas ou, até mesmo, apto a dominar, com sua própria habilidade e sua própria tecnologia, processos de desequilíbrio em escala planetária) (Enzo Tiezzi).

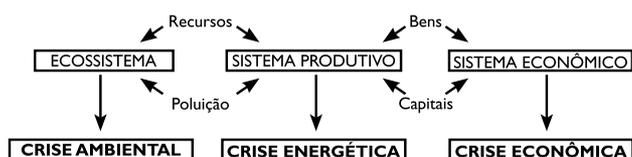
Equilíbrio biológico

A atividade biológica é uma propriedade planetária, uma contínua interação entre a atmosfera, os oceanos, as plantas, os animais, os microorganismos, as moléculas, os elétrons, a energia e a matéria, todos partícipes de um úni-

co todo. O ambiente e os organismos estão ligados entre si, são partes inseparáveis de uma só unidade de processos planetários.

Para isto, é preciso discutir não apenas as relações de produção, mas também o que, como, onde, e quando produzir. É preciso varrer todos os lugares-comuns que fazem coincidir o “bem-estar” com o aumento do PIB. As forças políticas tradicionais estão por demais condicionadas pelos mecanismos econômicos e pelos esquemas ligados “ao crescimento” para que busquem, com coragem, novos e diferentes valores, e para que compreendam que a realidade não é feita apenas de produção e consumo, de salário e lucro, mas que têm a mesma importância o equilíbrio natural e a renovabilidade dos recursos, o sistema dos organismos vivos e sua reprodução continuada. É com este segundo nível de realidade, até agora irresponsavelmente menosprezado, que hoje devemos ajustar as contas (Enzo Tiezzi).

Os modos de produção de países capitalistas e dos países socialistas são ambos baseados no desperdício de recursos, na destruição do meio ambiente, no desrespeito pelas futuras gerações. A crise ambiental e a crise energética são frutos de opções equivocadas do sistema produtivo e do sistema econômico. A energia é a chave para entender estas interações: um sistema baseado em energias não-renováveis catalisa uma série de reações em cadeia que leva, inevitavelmente, à destruição do meio ambiente, à exaustão dos recursos naturais e, em última análise, à crise econômica. Os limites do desenvolvimento, ou melhor, do crescimento material, neste caso, são os limites da renovabilidade dos recursos naturais, do ambiente, da energia.



Extraído do livro de Enzo Tiezzi, *Tempos Históricos, Tempos Biológicos*, Editora Nobel.

Alain Bihr propõe as seguintes alternativas para o enfrentamento da crise ecológica:

- Controle do desenvolvimento industrial: avaliação de riscos ecológicos; associação dos trabalhadores e das populações vizinhas para qualquer decisão de desenvolvimento industrial.
- Projetos e planos alternativos de produção: o abandono ou reconversão de indústrias poluentes, perigosas e socialmente inúteis (armamentos).
- Desenvolvimento de uma economia alternativa: criação de uma rede de produção funcionando à margem da economia mercantil e capitalista, de acordo com critérios ao mesmo tempo ecológicos, auto-administrativos e de utilidade social.

Qualquer planejamento que se proponha a alterar este estado de coisas tem que, necessariamente, levar em conta a sustentabilidade de suas propostas. De acordo com Alain Bihr, “a disputa da luta de classes não pode mais se reduzir, como durante o período fordista, apenas à divisão do produto social global; nem mesmo somente ao controle dos novos meios de produção e suas repercussões sobre o processo de trabalho. O movimento operário, hoje, deve colocar-se em situação de influenciar as orientações do processo social de produção. Em outras palavras, influenciar os objetivos que são conferidos ao ato social de trabalho em sua globalidade. De promover, por exemplo, outros critérios de escolha em matéria de produção agrícola e industrial, portanto, de criação de emprego, outras prioridades na satisfação das necessidades sociais, outros modos de produzir e de consumir, outras técnicas e produtos diferentes dos que habitualmente existem no capitalismo, globalmente mais respeitoso dos equilíbrios ecológicos”.

Os Princípios da Aliança Cooperativa Internacional (ACI)

Em 1995, no Congresso realizado em Manchester (Inglaterra), a ACI estabeleceu os princípios que regem o funcionamento de toda e qualquer cooperativa no mundo, resumidos nas sete proposições a seguir:

1. Associação voluntária e aberta: ou seja, podem associar-se a cooperativas todos aqueles que apresentem condições de utilizar serviços e queiram aceitar as responsabilidades de associado, sem discriminação de gênero, social, racial, política ou religiosa.

2. Controle democrático dos membros: significa participação ativa e direta de homens e mulheres associados, quer no estabelecimento de diretrizes políticas, quer na tomada de decisões. E enquanto nas cooperativas de primeiro grau pratica-se a igualdade de direito (um membro, um voto), nos demais níveis os critérios de votação poderão ser estabelecidos segundo a representação dos associados por um determinado número de delegados devidamente credenciados.

3. Participação econômica dos membros: ou seja, controle democrático da cooperativa e igual contribuição ao capital, sendo que uma parte do capital social constitui propriedade comum da cooperativa. A Assembléia Geral poderá fixar uma limitada compensação ao capital subscrito como condição ao membro que associa-se à cooperativa (quotas-partes), bem como benefícios aos cooperados na proporção de suas transações com a cooperativa. Poderão, ainda, ser criadas outras contribuições – para fundo de reserva, o desenvolvimento das atividades da cooperativa ou outras iniciativas aprovadas pelo corpo de associados.

4. Autonomia e independência: decorrem do entendimento adotado pela ACI de que a cooperativa é uma associação de ajuda-mútua de pessoas que se unem voluntariamente para atender suas necessidades nas áreas econômica, social e cultural, controlando elas mesmas o funcionamento de sua

organização. No caso de haver entendimentos para apoio de outras organizações, inclusive governos, ou captação de recursos de fontes externas, devem ser asseguradas a autonomia e o controle democrático da cooperativa por seus próprios associados.

5. Educação, treinamento e informação: dos associados, dos representantes eleitos, dos executivos e empregados da cooperativa para que eles possam, efetivamente, contribuir para o seu desenvolvimento. Além disso, a natureza e os benefícios do cooperativismo devem estender-se ao público, em especial aos jovens e aos líderes da comunidade.

6. Cooperação entre cooperativas: o trabalho conjunto e/ou a interação das cooperativas, em níveis local, regional e internacional, fortalecem o movimento cooperativo e atendem os cooperados de maneira mais efetiva.

7. Preocupação com a comunidade: ou seja, os membros das cooperativas, devem aprovar políticas especiais com o objetivo fundamental de contribuir para o desenvolvimento sustentável de suas respectivas comunidades.

“A ACI, durante as comemorações de seu centenário, reafirmou que os valores cooperativos estão baseados na ajuda-mútua, auto-responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Com base na tradição de seus pioneiros, a ACI reiterou a importância dos valores éticos da honestidade, dos mecanismos democráticos de consulta e informação dos associados, da responsabilidade social e da associação voluntária de pessoas para se entre-ajudarem economicamente. E insistiu na premência atual de direcionamento do modelo cooperativo para o desenvolvimento auto-sustentável, a valorização dos recursos humanos, a participação consciente de seus associados, a defesa da ecologia e a interação da cooperativa com o entorno econômico, político e social”.

Homem Comum

Ferreira Gullar

Sou um homem comum
de carne e de memória
de osso e esquecimento.
Ando a pé, de ônibus, de taxi, de avião
e a vida sopra dentro de mim
pânica
feito a chama de um maçarico
e pode
subitamente
cessar.

Sou como você
feito de coisas lembradas
e esquecidas
rostos e
mãos, o guarda-sol vermelho ao meio-dia
em Pastos-Bons,
defuntas alegrias flores passarinhos
facho de tarde luminosa
nomes que já nem sei
bocas bafos bacias
bandejas bandeiras bananeiras
tudo
misturado
essa lenha perfumada
que se acende
e me faz caminhar

Sou um homem comum
brasileiro, maior, casado, reservista,
e não vejo na vida, amigo,
nenhum sentido, senão
lutarmos juntos por um mundo melhor.
Poeta fui de rápido destino.
Mas a poesia é rara e não comove
nem move o pau-de-arara.
Quero, por isso, falar com você,
de homem para homem,
apoiar-me em você
oferecer-lhe o meu braço
que o tempo é pouco
e o latifúndio está aí, matando.

Que o tempo é pouco
e aí estão o Chase Bank,
a IT& T, a Bond and Share,
a Wilson, a Hanna, a Anderson Clayton,
e sabe-se lá quantos outros
braços do polvo a nos sugar a vida
e a bolsa

Homem comum, igual a você,
cruza a Avenida sob a pressão do imperialismo.
A sombra do latifúndio
mancha a paisagem,
turva as águas do mar
e a infância nos volta
à boca, amarga, suja de lama e de fome.

Mas somos muitos milhões de homens
comuns
e podemos formar uma muralha
com nossos corpos de sonho e margaridas.

Participação e Marginalização

Juan E. Diaz Bordenave

Entender o que é participação talvez seja mais fácil se compreendermos o seu contrário, a não participação, isto é, o fenômeno da marginalidade. Marginalidade significa ficar de fora de alguma coisa, às margens de um processo sem nele intervir.

O conceito de “marginalidade”, porém, é mal entendido entre nós. Basta ver a aplicação da palavra “marginais” aos criminosos de qualquer tipo, como se eles não intervissem ativamente, embora a seu próprio modo, nos processos sociais.

Outro erro freqüente é entender a marginalidade apenas como a falta de participação de certos setores sociais no consumo dos bens materiais e culturais da sociedade. Segundo esta ótica, a substancial proporção da população que se encontra em situação de pobreza, ignorância e alienação seria marginal porque não consegue usufruir dos empregos, escolas e diversões como fazem outros setores.

Ora, erro ainda pior é atribuir a responsabilidade de se encontrarem naquela situação de déficit aos próprios setores “marginais”, com grande ênfase nos “déficits educativos” evidenciados pelo seu analfabetismo, precária instrução básica e costumes “primitivos”. Tais déficits educativos, aliás, freqüentemente são considerados conseqüência do “atraso” daqueles setores em relação a outros mais “modernos” e “desenvolvidos”.

A “marginalidade” de alguns grupos não é, de maneira alguma, conseqüência de “atrasos”, mas resultado lógico e natural do desenvolvimento modernizado numa sociedade onde o acesso aos benefícios está desigualmente repartido. O subde-

envolvimento de uns é provocado pelo “superdesenvolvimento” de outros. Para que alguns possam acumular vastos patrimônios, outros necessitam ser explorados e sacrificados. Para que o poder se concentre em poucas mãos, a participação política da maioria da população deve ser cortada.

Não há pois, marginalidade mas marginalização.

Neste novo enfoque, a participação não mais consiste na recepção passiva dos benefícios da sociedade, mas na intervenção ativa na sua construção, o que é feito através da tomada de decisões e das atividades sociais em todos os níveis.

No novo contexto, a participação já não tem o caráter “consumista” atribuído pela teoria da marginalidade, mas o de processo coletivo transformador, às vezes contestatório, no qual os setores marginalizados se incorporam à vida social por direito próprio e não como convidados de pedra, conquistando uma presença ativa e decisória nos processos de produção, distribuição, consumo, vida política e criação cultural.

De modesta aspiração a um maior acesso aos bens da sociedade, a participação fixa-se no ambicioso objetivo final da “autogestão”, isto é, uma relativa autonomia dos grupos populares organizados em relação aos poderes de Estado e das classes dominantes. Autonomia que não implica uma caminhada para a anarquia, mas, muito pelo contrário, implica o aumento do grau de consciência política dos cidadãos, o reforço do controle popular sobre a autoridade e o fortalecimento do grau de legitimidade do poder público quando este responde às necessidades reais da população.

A conselheira do príncipe

Demétrio Magnoli

Olhe mais uma vez para o planisfério político e para o mapa político do Brasil. Poucas imagens são tão familiares como essas, signos antigos, banalizados na nossa memória e experiência, recordação inevitável da sala de aula. Vulgarizadas pela exposição exaustiva, essas imagens esvaziaram-se de conteúdos: os continentes divididos por finos traços que delimitam espaços assimétricos grandes ou pequenos foram incorporados à nossa experiência como representação natural do mundo.

Além da delimitação recíproca de oceanos e continentes, tudo o que há nesses mapas são os finos traços denominados fronteiras: os espaços vazios que elas circunscrevem são os países. Uma reflexão mais detida nos permitirá recordar aquilo que, no fundo, sabemos.

Fronteiras e países não estiveram sempre onde estão, e não existiram sempre. Não são mais que construções da história humana, resultado e expressão de processos sociais. Seu significado atual é fruto recente da história humana, com raízes fincadas na Europa pós-medieval, matriz dos Estados nacionais.

A dimensão planetária que adquiriram é ainda mais recente: liga-se à projeção colonial e imperialista dos Estados nacionais europeus, sobre todos os continentes, nos últimos cinco séculos.

Rompida a opacidade do planisfério banalizado, revela-se seu conteúdo escondido: ele é representação sintética do drama secular que se chama história.

Confrontados com os mapas políticos, freqüentemente perdemos de vista o caráter histórico das realidades que eles espelham. Mas a natureza, que produziu árvores e matas, oceanos e mares, rios e montanhas, não produziu fronteiras ou países. Na prática cotidiana, insensivelmente naturalizamos esses fenômenos que são políticos.

A geografia escolar oficial contribui poderosamente para esse processo de escamoteamento da realidade. Destinada a cristalizar as idéias de pátria e patriotismo entre jovens estudantes, ela trata o território nacional como entidade natural. Tudo se passa como se o território da pátria fosse um dado prévio, anterior à história, metafísica entidade um dia “descoberta” e “ocupada”. Procedem-se a minuciosa e sistemática descrição do “seu” relevo, hidrografia, clima e vegetação.

Tudo isso precede ritualmente o estudo das atividades humanas: é preciso configurar o corpo da pátria! Culto e adoração do corpo da pátria são os objetivos perseguidos pela geografia dos bancos escolares.

Terceiro Setor no Brasil: que tipo de associativismo é esse?

Origem e composição

No Brasil, nos anos 90, existem inúmeras organizações, fundações, associações, movimentos, etc. criados para promover o desenvolvimento econômico local, impedir a degradação ambiental, defender os direitos civis e atuar em áreas onde o Estado é incipiente, como em relação aos idosos, à mulher, aos índios, aos negros, etc., bem como para atuar em áreas onde a presença estatal é de triste memória, como em relação às crianças, em internatos ou nas ruas em situação de risco, vítimas de todo tipo de violência. Essas categorias sociais, até então esquecidas, isoladas e desconsideradas, passaram a exercer o que a sociedade conquistou: o direito de ter direitos.

A organização inicial desses segmentos sociais se deu nos anos 80 por meio de movimentos e organizações de lutas por direitos. Eles criaram uma pauta de reivindicações que se transformaram em leis, criando uma nova jurisdição para o social e inúmeros canais de interlocução com o Estado via conselhos gestores, câmaras, etc.

Participando destes canais, como representantes da sociedade civil, encontramos um universo grande de organizações, movimentos sociais, ONGs, associações comunitárias de vizinhança, fundações, entidades filantrópicas, “empresas cidadãs”, etc., que compõem o chamado “terceiro setor”.

Nosso ponto de partida para o entendimento do terceiro setor é também o nosso postulado fundamental: trata-se de um fenômeno complexo, diferenciado e contraditório. Ele tem gerado um

tipo de associativismo que atua no nível do poder local e suas organizações se definem com fins públicos sem fins lucrativos.

A natureza do terceiro setor foi construída nos últimos anos a partir de transformações no campo das ONGs, dos movimentos sociais e das associações filantrópicas e comunitárias. A origem dessas transformações advém tanto de alterações amplas, ocorridas internacionalmente no mundo da economia e da política, como de fatores em nível nacional, advindas de alterações no cenário da sociedade civil brasileira, especialmente na organização popular, em mobilizações e participação popular direta, nas décadas de 70 e 80, geradoras de inúmeras ações que vieram a se constituir num grande acervo de experiência acumulada.

As transformações das ONGs são também resultado das estratégias políticas contidas nas novas políticas sociais dos Estados e governos nacionais, nos anos 90.

Por tudo isto, o terceiro setor é um tipo “Frankenstein”: grande, heterogêneo, construído de pedaços, desajeitado, com múltiplas facetas. É contraditório, pois inclui tanto entidades progressistas como conservadoras. Abrange programas e projetos sociais que objetivam tanto a emancipação dos setores populares e a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, com justiça social, como programas meramente assistenciais, compensatórios, estruturados segundo ações estratégico-rationais, pautadas pela lógica do mercado. Um ponto em comum: todos falam em nome da cidadania.

Cantares

Antônio Machado

Caminante son tus huellas el camino y nada más
Caminante no hay caminos,
se hace camino al andar.

Al andar se hace camino
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar.

Caminante no hay caminos
sino estelas en la mar.

caminante no hay caminos
se hace camino al andar...

A Bomba Suja

Ferreira Gullar

Introduzo na poesia
a palavra diarréia.
Não pela palavra fria
Mas pelo que ela semeia

Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.

No dicionário a palavra
é mera idéia abstrata.
Mais que palavra, diarréia
é arma que fere e mata.

Que mata mais do que a faca,
mais que bala no fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarréia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e seis leva à morte.

É como uma bomba D
que explode dentro do homem
quando se dispara, lenta,
a espoleta da fome.

É uma bomba-relógio
(o relógio é o coração)
que enquanto o homem trabalha
vai preparando a explosão.

Bomba colocada nele
muito antes dele nascer;
que quando a vida desperta
nele, começa a bater.

Bomba colocada nele
pelos séculos de fome
e que explode em diarréia
no corpo de quem não come.

Não é uma bomba limpa:
é uma bomba suja e mansa
que elimina sem barulho
vários milhões de crianças.

Sobretudo no nordeste
mas não apenas ali
que a fome do Piauí
se espalha de leste a oeste.

Cabe agora perguntar
quem é que faz essa fome,
quem foi que ligou a bomba
ao coração desse homem.

Quem é que rouba a esse homem
o cereal que ele planta,
quem come o arroz que ele colhe
se ele o colhe e não janta.

Quem faz café virar dólar
e faz arroz virar fome
é o mesmo que põe a bomba
suja no corpo do homem.

Mas precisamos agora
desarmar com nossas mãos
a espoleta da fome
que mata nossos irmãos.

Mas precisamos agora
deter o sabotador
que instala a bomba da fome
dentro do trabalhador.

E sobretudo é preciso
trabalhar com segurança
pra dentro de cada homem
trocar a arma da fome
pela arma da esperança.

Texto n° _____

Página: ____ / ____

Os parasitas

Neno Vasco

Numa ilha fértil, solitária no meio de um grande mar, vivia uma família ociosa, bem nutrida e agasalhada, que se dizia dona e senhora de toda a ilha, proprietária das terras, casas, choupanas, arados, gado, tudo.

Para manter essa família na mandriice e na fartura, esfalfavam-se, desde manhã até a noite, meia dúzia de trabalhadores ossudos, sujos, tostados do sol, mal alimentados e mal abrigados, eles, suas mulheres e seus filhos. Só eles conheciam o seu trabalho, sabiam as épocas das sementeiras, os modos de cultivar as terras, o manejo do arado e de todos os instrumentos de trabalho e eram eles que entre si combinavam e distribuía as tarefas, ajuntando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais leves e curtas.

Quanto aos filhos do patrão, em vez de ajudar, como faziam os filhos e as mulheres dos trabalhadores, vinham estorvar e inquietar as pessoas e estragar as sementeiras. E o proprietário então? Esse não fazia mais que vigiar os serviços, de mãos atrás das costas, dizendo de vez em quando, todo ancho e satisfeito:

– Ah! Se não fosse eu, como haviam vocês de viver? E os pobres homens, muito humildes, respondiam, descobrindo-se:

– É verdade, é verdade: se não fosse o patrão que nos dá trabalho e nos sustenta, que havia de ser de nós?

Ora, um belo dia – belo no começo, feio depois –, o proprietário foi com a família toda dar um grande passeio pelo mar, na sua linda e veloz chalupa. E tendo-se afastado muito da costa, sobreveio um grande temporal, que afundou a embarcação e afogou todos os que nela iam. Dias depois, os trabalhadores horrorizados encontraram na praia os cadáveres dos patrões, vomitados pelos vagalhões furiosos.

A princípio ficaram cheios de aflição e parecia-lhes que estavam ao desamparo. Mas os trabalhos não pararam. Acostumados a combinar e a distribuir entre si as tarefas, ajuntando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais breves e fáceis, os trabalhadores da ilha começaram a lavrar, a semear e a colher, a fiar e a tecer o linho e a lã, a criar o gado, a manejar o arado, a foice e o tear – e a terra continuou a produzir, os rebanhos a crescer e a multiplicar-se, o sol a brilhar sobre as searas.

Os trabalhadores não tardaram a reparar que tudo se fazia melhor do que antes, que já não tinham quem os estorvasse e vigiasse, que comiam melhor, andavam mais agasalhados e tinham melhor habitação e que podiam produzir mais e melhor. E por isso, no dia em que fez um ano que a tempestade os livrara dos patrões, quando palestravam sobre o caso e suas conseqüências, o mais velho disse tudo em poucas palavras:

Texto n° _____

Página: ____ / ____

– Que grandes cavalgadas que nós éramos!

Assim dirão os teus iguais, quando se tiverem livrado dos amos, que, longe de serem úteis ou precisos, têm interesses contrários aos teus e aos dos teus irmãos de trabalho.

Os amos querem pagar de salário o menos possível, para ganhar o mais possível; e vós precisais de vos deixar roubar cada vez menos nos frutos do vosso trabalho – e isso só o conseguis associados, pois separados, desunidos, nada podeis.

Os amos têm interesse em haver muitos trabalhadores desunidos e muitos desocupados, para que as soldadas sejam pequenas; e vós precisais de trabalhar todos, e de estar unidos, para não haver quem tenha de aceitar uma côdea por qualquer escasso serviço que apareça.

Os amos, para vender caro e com lucro, precisam de refrear a produção das coisas, de reter, enceleirar, açambarcar os produtos, e até de os deixar apodrecer; e vós quereis

satisfazer as vossas necessidades. Assim é que há tantas terras incultas, tantas máquinas inativas, tantos materiais desempregados, quando há tanta gente a sustentar, a vestir e a abrigar e tantos braços desocupados ou mal ocupados.

Vós fareis como os trabalhadores da ilha; mas não podeis, como eles, contar com uma tempestade providencial. A tempestade libertadora tereis de a preparar e fazer vós mesmos. Tu e os teus iguais tendes de vos associar desde já, ainda que não seja senão para resistir à constante ganância dos amos, para estudar e defender os vossos interesses, para conhecer bem o vosso trabalho e as vossas necessidades, assim como o melhor modo de arranjar e combinar o primeiro e de satisfazer as segundas.

E assim, quando tiverdes a força e as capacidades necessárias, com a ajuda indispensável dos vossos irmãos das cidades, passareis a viver sem amos nem mandriões, e a arranjar tudo por vossas mãos e vossa conta.

Texto n° _____

Página: ____ / ____

A Rosa de Hiroshima

Vinícius de Moraes

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas só não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada

Os mercados podem ser democráticos?

Leandro Cisneros

Hoje em dia, se dermos uma olhada na situação política, econômica e social dos países latino-americanos, vemos que todos se encontram com sérias dificuldades para garantir condições mínimas de dignidade para a grande maioria da população. Em todos eles há uma profunda divisão da sociedade em dois grupos. Um deles, muito pequeno, mas que acumula a maioria da renda e da riqueza amparado por leis vigorosamente defendidas pelas políticas dos Estados e, por outro lado, um segundo que abrange a imensa maioria da população, que se caracteriza pelo profundo nível de pobreza e abandono das políticas públicas.

Talvez, seja a hora de refletir um pouco sobre o que nós, nada mais e nada menos que simples cidadãos, podemos fazer para contribuir com a organização das nossas sociedades e suas instituições políticas. Por isso, neste trabalho, falaremos um pouco acerca do Estado e do princípio da democracia que, em tese, todas as constituições da América Latina proclamam.

Para esta análise, seguimos os estudos do sociólogo e cientista político argentino Atilio Borón, que nos propõe analisar o funcionamento das instituições políticas de fins do século XX a partir do fenômeno do neoliberalismo, que reestruturou nossas sociedades e suas instituições. De todas as leituras possíveis, Borón nos apresenta uma interpretação sobre o que é o Estado, o que é o mercado e o que significa democracia como princípio e sistema de vida política.

Nas últimas três décadas a reestruturação destes Estados, tanto como sistemas políticos, quanto como sistemas econômicos, se deu de tal forma que o convívio entre a democracia e o mercado se viu claramente dificultado, em prejuízo da primeira e em benefício do segundo. Estudando esta realidade, Borón encontra quatro contradições, que dificultam seriamente o convívio pacífico entre as instituições

políticas (que desejam se organizar segundo os ideais democráticos) e as instituições econômicas e financeiras (que só visam o lucro e os benefícios).

Em meados dos anos 70, a maioria dos Estados ocidentais começaram a redefinir sua organização política e econômica, abandonando os princípios e orientações do modelo que passou a se chamar de Estado de bem-estar social ou Estado keynesiano. Neste processo, as instituições econômicas e financeiras se adaptaram rápida e agilmente aos novos tempos, aproveitando as vantagens das inovações tecnológicas na informática e nas telecomunicações, no entanto nas instituições políticas, essa atualização às novas demandas não aconteceu com o mesmo dinamismo nem tão eficientemente. Este descompasso entre as instituições transformou-se num desequilíbrio entre elas. Será que elas podem conviver assim?

Democracia ou Mercado

A partir da crise do modelo de Keynes, os mercados começaram a crescer, tanto na sua “largura”, quanto na sua “profundidade”. Isto é, por um lado, certos produtos começaram a ser comercializados em territórios até então nunca explorados. Vemos isto com clareza, quando na TV assistimos a cenas em que povoados extremamente pobres, cheios de crianças nuas e mal-nutridas, está presente a garrafa de Coca Cola. Por outro lado, os mercados se “aprofundaram”, na medida em que no nosso dia-a-dia achamos o mais normal do mundo que determinadas coisas sejam mercadorias que se compram. Por exemplo, perguntem para uma pessoa que hoje tenha mais de 50 anos, para saber se, quando adolescente, andando na rua, para satisfazer sua sede, era obrigada a comprar uma garrafinha de água mineral. O mais normal era pedir para o próprio dono da lanchonete um copo de água, quem, com amabilidade, perguntaria se preferiria gelada ou não.

Qual é o problema com este processo em

que tudo se compra e tudo se vende na vida das pessoas? Qual é o problema em aceitar passivamente que tudo possa se transformar em mercadoria?

Uma primeira resposta, muito abrangente, mais clara e direta, é que o crescimento dos mercados não aconteceu sem custos, ele esbarrou nas condições sociais da cidadania.

Antes, a água era um direito garantido pelo Estado, e no entendimento da maioria das pessoas, água não era um bem que se vendesse. Agora, as empresas públicas de água privatizadas não oferecem uma qualidade de serviço que comporte os aumentos nas taxas, mesmo assim, as pessoas são impulsionadas a gastar mais ainda, em filtros ou bombonas de água mineral e, na rua, a ter um “trocadinho” para a garrafinha de água. Os antigos direitos agora são mercadorias que só alguns poucos têm o direito de vender. O que significa que, agora, não basta ser cidadão, ou seja, membro de um Estado, para ter acesso à satisfação desta e outras necessidades. Satisfazê-las agora depende da sua condição de poder pagar por elas. Agora água, educação ou atendimento sanitário, se compram no mercado. É um grupo de grandes oligopólios que assume a tarefa de vender os antigos direitos.

Novamente, a pergunta que Borón nos propõe: como entender que é compatível essa escalada de crescimento dos mercados com a preservação da democracia?

Quatro princípios que estruturam o Mercado

1. Os mercados operam segundo uma lógica descendente. Isto significa que as decisões descem verticalmente, partindo de uma minoria que impõe seus critérios à maioria da população. Por exemplo, os donos e os executivos integrantes das diretorias das grandes empresas, são os que decidem a quantidade e a qualidade que se comercializará, por exemplo, de feijão, em que regiões sim e em quais não e a que preços. Isto, visa exclusivamente o lucro ou benefícios econômicos deste pequeno grupo. O problema é que o cidadão comum, aquele que só tem sua força de trabalho para vender, não tem a liberdade de escolher. Uma mãe, perante o medo de que sua criança se desidrate na rua, gasta R\$ 1,00 numa garrafinha de água, mesmo que seja dinheiro destinado a pagar a conta de algum serviço ou imposto. De alguma maneira, as

pessoas acabam sendo “reféns” dos mercados. Dificilmente conseguem exercer sua autonomia.

2. Os mercados exigem uma concorrência tal, que acaba impondo o princípio da supremacia do “mais apto”, não o da igualdade de direitos para todos, como é na democracia. Isto é uma lógica que exclui: quanto menos concorrentes se apresentem no mercado, mais se beneficia cada um dos indivíduos que fica, a custa do que seja. O mercado divide, seleciona e descarta.

3. Os mercados se mobilizam só em função do lucro. O único sentido e objetivo deles é obter lucros, barganhas, e não justiça ou equidade. Um satisfatório funcionamento dos mercados, na procura de benefícios econômicos, não se coaduna com a procura de ações e resultados justos.

4. Os defensores do mercado impulsionaram uma ofensiva, que reduziu e retalhou os antigos direitos dos cidadãos, o qual se traduziu, por exemplo, nas privatizações deles e na transformação deles em mercadorias que se compram e se vendem. Neste processo, o Estado “desertou” das suas responsabilidades sociais, o que significa um acelerado processo, no qual as palavras “cidadania” ou “cidadão” se transformam em vazias de sentido e conteúdo para uma grande porção da sociedade. Isto se traduz numa clara transferência do critério de “custos e benefícios”, de “eficiência” e de “realidade econômica” da economia para o âmbito da cidadania e do Estado.

Quatro princípios que estruturam a Democracia

1. A democracia, é uma forma de propor que as instituições se organizem, que, por mais imperfeita que ela seja, levada à prática, é um princípio que responde a uma lógica ascendente de organização do poder social. Isto significa que, dada a igualdade (pelo menos na lei escrita) entre todos os cidadãos, as decisões devem se orientar segundo a vontade da maioria destes homens e mulheres iguais para, depois, serem trabalhadas em detalhe por pequenos grupos de pessoas (poderes executivos, ministros, deputados e senadores e seus assessores), que assumem essa tarefa em nome e em prol da maioria.

2. Num sistema democrático, em princípio, a fonte legítima do poder está no povo. Isto se traduz numa lógica que inclui, que abrange, mais

peças e promove a participação mais ativa de todos quantos possam participar, mesmo que o processo de concretização sempre seja incompleto e cheio de vícios. Quanto mais pessoas participarem da democracia e quanto melhor o façam, mais se beneficia a comunidade e cada indivíduo.

3. Na democracia, a justiça é um ponto de partida (e um objetivo concreto) que ordena a democracia, seja tanto nos seus fundamentos, quanto nos seus resultados. Por mais imperfeito que um sistema jurídico seja, se é democrático, deve se erguer a partir de algum critério de justiça, por exemplo, privilegiando os mais pobres, os mais idosos, as mulheres, as crianças, os mais capazes, os mais esforçados, os mais responsáveis, enfim, há variados critérios para dizer se uma decisão foi mais ou menos justa.

4. A democracia opera segundo uma lógica que expande a igualdade e a justiça que, partindo da igualdade política, impulsiona a cidadania a transportar esses direitos a outros terrenos. Clara amostra desse processo é a progressiva conquista dos direitos sociais e econômicos que aconteceu com as políticas do Estado de bem-estar social. Este movimento foi a conversão de antigas necessidades e exigências sociais em bens coletivos.

Vemos que os quatro princípios que estruturam o mercado e a democracia se encontram em profunda contradição. Segundo o que parece, os interesses econômicos dos grandes monopólios transnacionais são prioridade, enquanto que as necessidades sociais e políticas da cidadania (que só conta com sua força de trabalho e o seu voto nas urnas) aguardam pacientemente.

Um primeiro passo para uma mudança

Com certeza, temos necessidade urgente de repensar a relação entre Estado e democracia, levando em consideração a interferência que o mercado provoca nesta relação. Será que a diminuição da estrutura do Estado é a resposta? Deixar deteriorar

empresas estatais para depois vendê-las a “preço de banana” será que é a saída? Privatizar os serviços, que antigamente eram direitos, é uma decisão que beneficia a quem? Esta proposta responde às necessidades de quem? Responde aos objetivos e aos interesses de quem? Aos da cidadania ou aos de poderosos grupos econômicos transnacionais?

Devemos ter clareza de que conquistar mudanças no Estado não é a gloriosa solução de tanta desigualdade. A necessidade de reformá-lo e modernizá-lo é uma batalha estratégica, o Estado é uma ferramenta que poderia proteger mais os menos poderosos. Por isso, não devemos nos confundir com a falsa discussão entre “Estado grande” ou “pequeno”, porque o problema do Estado é, por um lado, a ineficiência da burocracia e, pelo outro, os interesses que são privilegiados na hora de definir políticas públicas. Os problemas de ineficiência, corrupção, deformidade e anemia do Estado não se resolvem com a redução do seu tamanho. De fato, um dos problemas-chave é que arrecada pouco e mal; os sistemas tributários são regressivos, ou seja, recolhem mais de quem menos tem e exigem menos de quem mais pode.

A tese de Borón é a seguinte: em países nos quais a maioria dos habitantes não tem água potável ou redes de saneamento e esgoto, a retirada do Estado coloca a população civil num alto risco. Claro que não é questão de impor um Estado “grande”, mas sim um Estado forte em termos de organização e num sentido financeiro, com capacidade de intervir e regular a vida social e econômica do país. Que seja capaz de resguardar aquelas condições que farão que os meros habitantes sejam cidadãos, em outras palavras, que cuide para que os direitos sejam uma realidade efetiva a cada dia para a maioria e que coloque limites para a voracidade e ânsia de lucro dos mercados, agora comandados pelos grandes grupos de empresas transnacionais.

A produção da (sub) existência nas cidades modernas

Paulo César da Fonseca Neves

Para nós que nascemos em cidades – que sempre vivemos em cidades – parece que não existe outra forma de viver que não seja esta que conhecemos. Que tal perguntarmos para nossos pais ou avós como era o lugar e a vida onde eles nasceram? Alguns deles nasceram no interior, na roça, no campo, nas lavouras, onde se produzem alimentos.

Se estudarmos um pouco da história da humanidade, vamos perceber que as cidades modernas, como as que a gente conhece, apareceram não faz muito tempo, comparado à existência do homem na Terra.

As cidades começam a ser constituídas, modificando-se a partir da forma como os homens vão organizando suas vidas, ou seja, produzindo sua existência, de seus filhos e descendentes.

E como funcionava a sociedade antes das cidades modernas existirem? Como os homens produziam suas existências e por que a produziam desta maneira?

Na Europa na chamada Idade Média ou Feudalismo (que vai de 476 a 1.453 depois de Cristo), a sociedade era dividida em NOBREZA e CLERO por um lado (que detinham o poder político e militar por terem a posse das terras, as riquezas e também do conhecimento produzido até então) e os SERVOS por outro lado.

Os servos trabalhavam nas terras dos senhores feudais e produziam o necessário para sobreviverem, se reproduzirem e para alimentarem, reproduzirem seus senhores, a nobreza, os militares, o clero e

todos os que viviam em torno das classes dominantes.

Esta situação perdurou por vários séculos. Alguns servos e, aos poucos, no decorrer dos tempos, foram saindo dessa rotina e, para romper com essa dependência absoluta dos senhores das suas vidas e mortes, foram saindo dos feudos em direção aos burgos (daí deriva a palavra burgueses), onde fabricavam artesanalmente os ferramentais e equipamentos que os servos e senhores feudais precisavam para suas vidas.

Eram os artesãos. Os burgos deram origem às cidades atuais. A forma de organização e produção da vida nas nascentes cidades dão início a um novo modo de produção, inicialmente chamado de mercantilismo. Os produtos precisavam ser comercializados em diversos lugares. Precisavam circular livremente. Ser trocados por outras mercadorias (escambo) ou vendidos (trocados por moedas). Essa forma de produção da existência foi se desenvolvendo rapidamente. Máquinas foram inventadas, aprimoradas e substituindo os artesãos. Os trabalhadores especializados em todas as operações de um mesmo produto cederam lugar a especialistas em uma só parte na confecção deste produto. Fontes de energia alternativas à energia humana foram introduzidas (animal, vapor, ventos, hidráulica, diesel, elétrica, etc...), revolucionando a produção. São as grandes mudanças, as revoluções industriais que introduzem maquinarias que vão transformar radicalmente o modo de vida dos homens nas cidades e nos

campos também (provocando rápido êxodo rural). As máquinas têm um ritmo acelerado e cadenciado de funcionamento. Os homens, mulheres e crianças precisam se adaptar às condições e ritmos da produção fabril. As jornadas de trabalho são extensas. As condições de vida precárias.

A urbanização (crescimento acelerado da vida em cidades) já acontece em várias partes do mundo.

O capitalismo industrial, já mundializado predomina. O campo está submetido à produção industrial. Produz para, e em função, das cidades. As cidades iniciais cresceram, se desenvolveram enquanto o interior, os campos, perderam população.

Com esse salto no processo de produção material no modo de produção material, no modo de produção capitalista, todos os homens e mulheres, em quase todos os pontos do planeta Terra, nascem, vivem e morrem em função desse sistema. Sistema que vive em função de gerar valor, lucro, mais-valia. Para isso, submete milhões ou bilhões de seres humanos às mais indignas condições de existência para a extração e acúmulo de lucro por parte de uma minoria de possuidores de CAPITAL.

Isso não aconteceu ou acontece sem resistências e lutas. Na história da CLASSE DOS QUE VIVEM DO TRABALHO, existem inúmeros exemplos de resistência, luta e vitórias, mesmo que parciais, contra os patrões: assembléias, operações tartaruga nos locais de trabalho, quebras de máquinas,

greves, invasões de terras, paralisações, enfim, diversas formas de arrancar benefícios e direitos negados.

Nas cidades modernas, nos bairros populares, os trabalhadores se organizam, com seus familiares e vizinhos para reivindicarem e conquistarem benfeitorias. São muitos e de todos os lugares. Para se ter uma idéia, no Brasil, anos 40, mais de 70% da população vivia na roça e menos de 30% nas cidades. Já nos anos 90, mais de 80% vive nas cidades. E isso acontece em Santa Catarina, em Florianópolis e em praticamente todo o mundo.

As conseqüências desse processo a gente vê todos os dias:

Gente morando nos morros, favelas, nas beiras dos rios, nos mangues, nos alagados, embaixo das pontes, nas beiras das estradas, nas ruas...

O preço das terras nas cidades, sempre crescendo...

Os aluguéis crescendo mais ainda...

A falta de água, luz, esgoto, transporte decente para todo mundo...

A falta de escolas públicas, gratuitas e com qualidade e hospitais e educação e lazer nos bairros populares...

A violência urbana. típica das cidades. O desemprego, o subemprego, a precarização da vida, as drogas, os assaltos, mortes, etc...

A falta de paciência e de vontade de sonhar e acreditar em um futuro diferente, melhor...

Mas será que é a existência da cidade que provoca toda essa situação?

Ou a cidade é resultado, também?